

UFRRJ
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AGRÍCOLA

DISSERTAÇÃO

JUVENTUDE E AGROECOLOGIA: CAMINHOS QUE
SE ENCONTRARAM NA ESCOLA AGROTÉCNICA
FEDERAL DE CASTANHAL - PARÁ

IRANILDE DE OLIVEIRA SILVA

2014



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**JUVENTUDE E AGROECOLOGIA: CAMINHOS QUE SE
ENCONTRARAM NA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DE
CASTANHAL - PARÁ**

IRANILDE DE OLIVEIRA SILVA

Sob a Orientação da Professora

Sandra Barros Sanchez

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica, RJ
Janeiro, de 2014**

373.26
S586j
T

Silva, Iranilde de Oliveira, 1976-
Juventude e agroecologia: caminhos que
se encontraram na Escola Agrotécnica
Federal de Castanhal - Pará / Iranilde de
Oliveira Silva. - 2014.
75 f.: il.

Orientador: Sandra Barros Sanchez.
Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação Agrícola, 2014.
Bibliografia: f. 66-68.

1. Ensino profissional - Teses. 2.
Ecologia agrícola - Teses. 3. Educação e
meio ambiente - Teses. 4. Juventude rural
- Teses. 5. Ensino técnico - Pará -
Teses. I. Sanchez, Sandra Barros, 1963-.
II. Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação Agrícola. III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE AGRONOMIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA

IRANILDE DE OLIVEIRA SILVA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

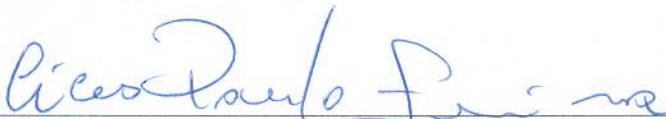
DISSERTAÇÃO APROVADA EM 24/01/2014.



Sandra Barros Sanchez, Dra. UFRRJ



Ramofly Bicalho dos Santos, Dr. UFRRJ



Cícero Paulo Ferreira, Dr. IFPA – Campus Castanhal

Dedicatória

Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas.

(Sentido – Cora Coralina)

Dedico a todas as pessoas que tocaram em meu coração e espero poder tocar nos coração das pessoas. E destaco *in memoria*:

Meus Avós Paternos que ajudaram na construção do que sou e que partiram, durante essa minha jornada de trabalho do mestrado: **Josefa e Raimundo Rocha**

Aos companheiros e lutadores pela Reforma Agrária, Agroecologia e educação do campo que muito contribuíram para o meu desenvolvimento social, político e pessoal e que foram cruelmente tirados do nosso convívio:

Cicero Guedes (MST/RJ) e Sr. Mamede (MST/PA)

A minha mestra orientadora no PPGEA, que sempre com sua calma ajudou a conduzir não apenas a pesquisa, mas na vida acadêmica sem deixar de lado a extensão e a luta pela reforma agrária. E que ajudou a lapidar, harmonizando a minha confusão de ideias e escrita, dedico a ti:

Sandra Barros Sanchez.

AGRADECIMENTO

Desistir...eu já pensei seriamente nisso, mas nunca me levei a sério, é que tem mais chão nos meus olhos do que cansaço nas minhas pernas, mais esperança nos meus passos do que tristeza nos meus ombros, mais estrada no meu coração do que medo na minha cabeça.”

Cora Coralina

Este é o momento em que olhamos para trás, respirando fundo por ter concluído um trabalho. Mas não foi um trabalho individual, e sim coletivo, com muitas mãos, cabeças e corações envolvidos nesse caminhar. E que principalmente deram força para não desistir, seguir em frente, caminhar, andar, nadar e por fim flutuar, lógico que isso só após a defesa.rs!

Ainda posso ouvir a voz da Lia Maria Teixeira me incentivando para a inscrição do mestrado, e como as boas energias não andam só, uma noite recebo a ligação da amiga/irmão Aldenice Pereira com incentivos, gerados a partir da Maria Luciene (Lu) para a seleção do mestrado no PPGEA. Ainda não nos conhecíamos pessoalmente. Mas a Lu, disse: “*PPGEA tem tudo a ver com você. A proposta do programa com o que você já faz, no dia a dia*”. Havia ouvido isso também da primeira Maria.

E foram essas “Marias” me iluminando em todo o processo inicial para a seleção. Uma no campo das ideias, da harmonização da proposta, e a outra nas dicas do processo seletivo, organização, etc. Que por fim, com tantas energias. Uma das Marias me liga com a boa nova...*Erozinha, você foi aprovada!!!!!!*. Pulos de Alegria. Nova fase que se inicia.

Na verdade esse novo ciclo é a junção dos momentos da vida, da formação familiar, que ajudou muito na construção do meu ser, agradeço aos meus Pais: Esdras de Oliveira Silva, e Manoel Alexandre da Silva. Aos meus irmãos, Ivanor Silva, Ivanilson Silva, Ivanildo Silva que de lá do Pará junto com meus Pais sempre estão torcendo, incentivando a seguir caminhando. As minhas cunhadas e sobrinhos Bia Duarte e o pequeno Elias, Maria Piedade e a minha sobrinha/afilhada Christiane Laís, e a doce Juliane Thais; Maria e a pequena Vitória e o pequeno Isaac Daniel, que nas minhas passagens pelo Pará pude conviver mais de perto e acompanhar um pouco o crescimento, e viver alegrias.

E aqui bem de perto, nesse trampolim de vida, os Irmãos Ivanilsa Silva e Iranilson Silva que muito me auxiliaram em todos os momentos, com afeto, compreensão, com conselhos e atenção. Meu muito obrigada família querida!

A turma de demanda Social de 2011 – 2: Krishina, Alex, Marília e Mônica. Fomos uma turma pequena, mas grande na solidariedade, na gentileza, na troca de energia positiva e gerar a harmonia por onde passava. A nossa divisão para outras turmas possibilitou ampliar, tudo isso. Obrigada aos amigos, pelas conversas de café da manhã, na harmonia de pensar as refeições e o cuidado com os gostos, cultura de cada um. Muito Obrigada!

Já na minha inserção em turma nova, conheci o Elton Feitosa, Cintiará Maia e Gislene Cardoso (Gisa), e como é bom a construção dessa amizade que se perdura pelas ligações, internet que nos aproxima, e nos deixa a par das mudanças, das alegrias e desventuras de nossas vidas. Obrigada pelo carinho!

Agradeço a toda a equipe do PPGEA, professores, técnicos, secretaria que estiverem envolvidos na preparação e execução de cada semana de formação. E que sempre nos acolheram com alegria.

Ao se idealizar um tema para desenvolver uma pesquisa, vimos que no papel quase tudo cabe, se ajeita, mas na realidade tudo se mostra e se demonstra. E a necessidade de ajustes a minha pesquisa ficou claro com a visita a EAFC, onde se inicia a pesquisa. E agradeço muito ao Professores Edinaldo Feitosa, Cicero de Paulo Ferreira e Fernando Favacho, pela recepção, elucidações sobre o projeto PRONERA pesquisado, e pelo incentivo a permanecer com o tema da proposto, e poder contribuir com a instituição com essa sistematização da experiência após o curso ter ocorrido. E agradeço muito pelo apoio institucional, colocando à disposição estrutura para realização de estágios e condições para realizar o início da pesquisa a campo.

Na verdade a EAFC é na atualidade o Campus Castanhal do IFPA, no entanto ainda encontrei diversos servidores, técnicos e professores da época que estudei, que muito contribuíram na minha estadia e coleta de dados no Campus. E desse período atual, agradeço ao professor Ângelo Carvalho, pelos diálogos que construiu no processo de pesquisa e a estrutura da dissertação. Obrigada!

Agradeço a amiga Socorro Lacerda (querida Help), pela sua colaboração, elucidações para o desenvolvimento de instrumentos metodológicos utilizados durante a pesquisa. Obrigada pela atenção ao meio de tantas atribuições da vida e do seu trabalho, encontrar um tempo para uma amiga que se sentia, perdida!.rs!

Nas atividades de campo, da pesquisa em si, AGRADEÇO a todos os Egressos/Egressas que concederam as entrevistas, me acolheram em tempo de maré alta/baixa. Permitindo que uma pessoa estranha, entrasse em casa, alojar, partilhar do espaço e alimento da família. MUITO OBRIGADA, por cada família que se dedicou na pesca, na coleta do açaí e do miriti para que eu pudesse apreciar dos costumes e da alimentação ribeirinha de ser.

Obrigada aos assentamentos da reforma agrária que me receberam, e acolheram a cada visita realizada, das festas juninas que pude apreciar, da alegria do povo, das crianças e dos jovens e comemorar a vida no campo.

Obrigada ao MORIVA, que contribuiu nas minhas idas e vindas pelas ilhas e lares das famílias que foram visitadas. Aqui de fato prefiro não citar nomes, mas agradecer do fundo do coração a acolhida. O resultado está à disposição.

Das idas e vindas percorridas pelos municípios visitados Abaetetuba/Pa, foi o que percorri por mais tempo, e sempre tendo como porto seguro a casa do meu tio Adail, com minha tia Bené e seu mingau de aveia, nas noites, para eu conseguir estudar até mais tarde, e meu primo Matheus com a ajuda na informática, ao meu Tio Umberto pelo café da manhã sem açúcar, lógico! Obrigada!

Muitas foram as recepções, alojamento solidários, contribuições para o caminhar e desenvolver a pesquisa, agradeço a contribuição e colaboração da militância do MST no Rio de Janeiro, MST no estado do João Pessoa (Paraíba), e MST no estado do Pará (Marabá, Belém, Castanhal). Obrigada a amiga Vânia Pimenta pela acolhida pelas passagens na Unicamp/Campinas-SP.

Agradeço a Teo, e seu irmão Fábio pelos momentos vividos no Lote de Produção Orgânico e Agroecológico – LAPO, em Mosqueiro/Pa. Dona Teo Obrigada pela colaboração, e pelo carinho durante os meus trabalhos de campo da pesquisa, com dicas, conselhos que me ajudaram muito.

Pelas minhas andanças, fiz uma parada por Marabá/Pa, no Campus Rural de Marabá do IFPA. Foram bons dias em companhia da turma A e B, sendo esta composta por filhos de assentados da reforma agrária, agroextrativistas e agricultores familiares. Turma do PRONERA para formação Técnica em Agropecuária com ênfase em Agroecologia. Obrigada aos Professores Sueli Gomes e Dalcione Marinho pelo acompanhamento durante o estágio.

Agradeço também aos técnicos, à Direção Geral do Campus Rural de Marabá pela disposição da estrutura local que possibilitou a realização do estágio pedagógico. Obrigada a tod@s os educandos que me receberam de braços abertos e compartilharam as angústias de final do tempo comunidade, me acolheram em seus alojamentos e nos afazeres do dia a dia, durante a minha permanência.

Nas idas e vindas, representa também em presença e ausência na casa e na vida, agradeço a Andrea Matheus, Amanda Matheus, Luana Carvalho pela convivência do nosso lar, e pela paciência da pessoa desorganizada que sou. Obrigada!

Agradeço aos momentos de desestresse com Nayanna, Patricia Tavares, Claudinha Reis, Ana Claudia Tavares, Nivia Regina, Marcelo Durão, que ajudavam a esfriar a cabeça e respirar fundo para seguir em frente sempre com alegria.

Obrigada ao amigo Richard Santillán pela colaboração nas traduções de resumos para trabalhos publicados, e pela amizade sempre presente, Stout!! Obrigada.

A Devani e Edson Mendes a família que me adotou. E buscava sempre com a atenção dos cafés da tarde, almoço em família diminuindo a saudade do lar materno. Meu muito obrigada, lógico sem esquecer do querido Pongo, amigo de estimação!!

Os percalços acontecem. Sempre me diziam “*armazena em vários lugares o que você escreve para a dissertação*”, eu bem que tentei, adotei dropbox, skydrive, mas esqueci os e-mail e pendrives. Bem, mas toda a tecnologia não poderia me ajudar sozinha, eu é que dou o comando tanto à ela e ao computador. Bem alguns estavam por perto quando meu computador simplesmente ficou com a tela azul! Resultado HD queimado. Resultado, pedir metade do que escrevi, transcrevi, fotos e contatos. Resultado – começar quase do zero. Resultado – desespero!

Nesse episódio, até minha orientadora Sandra Sanchez deve ter se descabelado! Eu bem sei qual foi a minha reação. Mas em busca de me tranquilizar vais que a amiga Carla Guindane se esforça para consegui o concerto do computador e recuperar os arquivos contidos. Bem não foi possível, mas recebi um computador concertado, quase novo, e sem nada na memória, apenas na minha! Obrigada Carla pela apoio nesse momento aflito.

É um filme que me passa pela cabeça, com pessoas, imagens, sorrisos, alegrias, leituras e desventuras. É um ciclo, um momento que não se apaga da memória, a cada nome aqui citado, uma história, um caso vivido, e convívio.

Vais que nesse episódio da vida conheço meu companheiro Sandro Preato e Francisco Preato, seu filho de 5 anos. Enchem minha vida de alegria, e harmonia. Obrigada pelo incentivo, compreensão da minha ausência, das idas e vindas. Obrigada por me ajudar a despertar às 6 da manhã para estudar, ler e escrever. Obrigada pelos momentos de carinho, atenção, e por poder experimentar a sensação da maternidade em ajudar a cuidar do nosso querido Francisco! Amo-os! Obrigada!

Agradeço a minha cunhada Márcia Preato, mulher de fibra e guerreira sempre disposta a ajudar para que mais livre pudesse estar, e me dedicar a estudar, avançar na escrita. Sua Solidariedade me cativa e me emociona sempre. Obrigada ao seu companheiro Mazinho, e os filhos Hercules e linda Maria Clara, minha filhada, que com seus 10 meses de vida nos transmite alegria, harmonia, sempre com um sorriso lindo!

Como desistir? Se todo esse trajeto, mesmo com percalços me ajudou a avançar e fortalecer as estradas do meu coração.

A Sandra Sanchez (*in memoria*) tenho muito que agradecer pela acolhida desde o dia da entrevista, por se dispor a me orientar, acolher as ideias e delas poder avançar para o campo da escrita, da execução. Obrigada por sempre me acalmar nos momentos de angústia. Era impressionante quando enviava um e-mail que daria no mínimo umas três páginas, e ela em momentos de conversa, dizia assim “*Calma Eró!, você sabe o caminho da pesquisa, você melhor do que ninguém sabe por onde ir, é só seguir em frente. Fique calma e vamos lá*”. Esse vamos lá, vinha com ideias, com tradução da angústia que se desfalecia a cada frase. Os encontros de orientação foram poucos, mas substanciais.

Obrigada pela liberdade que as vezes não é compreendida, em momentos de desespero, em momentos em que a gente parecer querer ser conduzido, mas você não se deixava abater. O “*fique calma, melhore apenas isso*”, “*está muito bom, siga assim*” dava incentivo, as vezes dúvidas, mas que ajudaram a nortear com clareza o desenvolvimento do meu trabalho, do nosso trabalho.

Obrigada pela leveza das palavras, e pelo compromisso de me acompanhar nessa jornada, até onde você pode estar.

Obrigada pela liberdade e as escolhas da banca de defesa composta pelo professor Cicero Paulo Ferreira e Ramofly Bicalho que hoje na sua ausência auxiliam a finalizar com carinho essa dissertação.

Obrigada Sandra Sanchez, sempre o falei em vida, e continuarei a dizer, obrigada pela liberdade!

E, obrigada ao Pai Celestial que me guia e ilumina todos os dias da minha existência aqui no mundo terreno, que sempre que estou me sentido fraca, fragilizada envia um dos seus anjos em forma de amigos, da família, da companhia para ajudar a me fortalecer e seguir em frente. Que assim seja!

Biografia

Sou Iranilde de Oliveira Silva, mas desde pequena me chamam de Eró apelido que assumi na vida. Filha de Manoel Alexandra da Silva e Esdras de Oliveira Silva e a 4ª filha do total de 6 filhos (2 mulheres e 4 homens). Nasci e me criei no estado do Pará, fase inicial em Santa Maria do Pará, e depois mudamos para Santa Isabel do Pará onde meus pais, e alguns irmãos ainda residem. Meus Pais foram guerreiros passando por momentos difíceis da vida, mas que nunca desistiram da ideia de que os filhos teriam acesso à educação, o que para eles não foi possibilitado, devido as dificuldades existentes no campo onde residiam, mas com muitas dificuldades conseguiram chegarem até o ensino fundamental. Decidiram mudar para cidade, onde então tivemos acesso a escolas públicas em todo o processo de educação, desde o ensino infantil e por seguinte até a pós – graduação. No ensino médio cursei Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará (E AFC), curso Técnico em Agropecuária. Assim aflorando uma vontade em atuar com a agricultura, com a produção animal. Ainda na E AFC ouvi falar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e o desejo de cursar uma universidade foi aumentado, conforme ia compreendendo o que seria, visto que na nossa família não haviam outras pessoas que tiveram essa experiência, assim ficando muito a cargo de conversa com professores, e amigos que estavam se preparando para prestar vestibular. Prestei o vestibular ao final do curso técnico, mas não fui aprovada. Decidi então buscar uma preparação de forma mais específica, para tal tive que trabalhar e assim poder custear um pré-vestibular. Fiz a preparação no Dialéctus, em Santa Isabel/PA. Este era comunitário e foi organizado por uma associação de professores que buscavam contribuir para que mais jovens, que não tinham condições de irem até Belém, pudessem se preparar para processos seletivos. Fui aprovada no Vestibular da UFRRJ do ano de 2000. Em 2001 após conhecer outros cursos na UFRRJ, fiz transferência para Zootecnia que atenderia os ideais de trabalhar com a produção animal, paixão desde colégio agrícola. Em 2003 em um encontro de assentados e acampados da Reforma Agrária na UFRRJ, conheci o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Neste encontro havia uma cooperativa que prestava assistência técnica para esse público, e estavam contratando técnicos de nível médio. Me candidatei e fui selecionada. Atuei em um contrato de 01 ano com a Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda., nas áreas de Assentamentos da Reforma Agrária no estado do Rio de Janeiro. Após a finalização do contrato continuei contribuindo com o MST, atuando no Setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente (SPCMA), com o processo de desenvolvimento dos Assentamentos Rurais. Sempre conciliando trabalho com os estudos finalizei minha graduação em 2006. Quando pude me dedicar ainda mais a luta pela reforma agrária. Nos anos de 2007 a 2009, fiz uma especialização em Agroecologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), uma turma vinculada ao Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária, voltado à construção de conhecimentos em agroecologia para técnicos que atuavam nas áreas de reforma agrária. E foi com a atuação no MST que me possibilita atentar-se e conhecer a Agroecologia, como linha política para o desenvolvimento do campo, questões não abordadas em sala de aula durante a graduação. Em 2010 e 2011, fui convidada para atuar como Técnica no Projeto Campo- Campus, coordenado pela UFRRJ e Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ), financiado pelo Edital 23 do CNPq. Este projeto teve como objetivo a formação para jovens do campo e da cidade focando a Agroecologia, organização social, e temas como juventude, cultura, e educação do campo. Em 2011 decido cursar mestrado, e desenvolver pesquisa voltada para Agroecologia, e a juventude do campo. Assim conheço o PPGEA na UFRRJ, participo do processo seletivo e sou aprovada para a turma de demanda social deste ano. A pesquisa teve como espaço de campo o estado do Pará, pois almejava poder retornar ao estado, desejo esse perseguido

durante anos. A pesquisa de fato me possibilitou conhecer realidades e um Pará dentro do Pará, antes totalmente desconhecido. Muitos foram os percalços nesse ciclo de 02 anos, mas enfim acontece a defesa em janeiro de 2014

RESUMO

SILVA, Iranilde de Oliveira. **Juventude e Agroecologia: caminhos que se cruzaram na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal do Pará.** 2014. 75f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

O presente trabalho buscou analisar o impacto ocorrido nas vidas dos egressos do curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia realizado pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará e financiado pelo Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA) nos anos de 2006 a 2009. O estudo teve como público alvo os jovens e adultos assentados da reforma agrária e sua pesquisa de campo contou com análises documentais, visitas às comunidades, entrevistas e diálogos com movimentos sociais que demandaram o curso técnico, os quais foram Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF), Movimentos dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA) e egressos. A pesquisa ainda foi apoiada por questionário semi-estruturado e registrada com áudio e fotografias. Ao final conseguiu-se entrevistar 21 Egressos e 01 representante de movimento social MORIVA, com o qual se pode verificar o quanto foi importante para todos/as a participação no curso técnico com ênfase em agroecologia, pois essa formação os possibilitou (re)conhecer ainda mais a sua comunidade, suas raízes culturais, em uma ação prática, política e social que contribui no desenvolvimento sustentável da comunidade, da família e da sua própria vida como um sujeito do campo. O curso fez parte de uma conquista coletiva, e também individual que possibilitou mudanças na vida de cada sujeito. Seja em ascensão profissional e educacional todos/as apontaram como ponto fundamental para esse desenvolvimento a participação do curso técnico em agropecuária com ênfase em agroecologia. E acredita-se que experiências como essas precisem ser ampliadas para possibilitar aos jovens e adultos avançar em formação, qualificação técnica e profissional, contribuindo para o desenvolvimento sustentável, fortalecendo as organizações sociais do campo não só no Estado do Pará.

Palavras chaves: Educação do Campo, Agroecologia, Juventude, Ensino Técnico Profissionalizante.

ABSTRACT

SILVA, Iranilde de Oliveira. **Youth and Agroecology: Paths crossed in Federal Agrotechnical School Castanhal do Para.** 2014. 75p. Dissertation (Masters in Agricultural Education). Institute of Agronomy, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2014.

The present study sought to examine the impact occurred in the lives of the graduates of the Technical Course in Agriculture with emphasis in Agroecology conducted by **Federal Agrotechnical School Castanhal** - Para and funded by the National Education Program in Agrarian Reform (PRONERA) in the years 2006-2009. The study had as target the youth and adults agrarian reform settlers and its field research included documentary analysis, community visits, interviews and dialogues with social movements that demanded technical progress, which were movements of Landless Rural Workers (MST), Federation of Family Agriculture Workers (FETRAF) Movements of Riparian and Wetlands and Islands Abaetetuba (MORIVA) and graduates. The research was also supported by semi-structured questionnaire and recorded with audio and photographs. At the end it got to interview 21 Egress and 01 representative social movement MORIVA, social movement, with which one can check how it was important for all participation in the technical course with emphasis on agroecology because this training enabled them to recognize/know more their community, their cultural roots, in a practical, political and social action that contributes to the sustainable development of the community, the family and his own life as a subject field. The course was part of a collective, individual achievement that possible changes in the life of each subject. Be professional and educational ascension all as pointed as crucial to this development the involvement of the technical course in agriculture with emphasis on agroecology point. And it is believed that such experiences need to be expanded to enable young people and adults to advance in training, technical and professional qualifications, contributing to sustainable development, strengthening social organizations of the field not only in the State of Pará.

Keywords: Field Education, Agroecology, Youth, Vocational Technical Education.

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLA

- ALBRAS** – Alumínio Brasileiro S/A.
ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural
EAFC – Escola Agrotécnica Federal de Castanhal Pará
EMATER – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FETRAF – Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IFPA – Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do estado do Pará
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC – Ministério da Educação
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
MS – Movimentos Sociais
MORIVA – Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba
PRONAF /A – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – modalidade Assentados da Reforma Agrária
PRONERA – Programa Nacional de Ensino na Reforma Agrária
PRONASEC – Programa Nacional de Ações socioeducativas para o Meio Rural
P.A – Projeto de Assentamento
PDA – Projeto de Desenvolvimento do Assentamento
SOME – Sistema Modular de Ensino
TAA – Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia
TE – Tempo Escola
TC – Tempo comunidade
UEPA – Universidade Estadual do Pará
UFPA – Universidade Federal do estado do Pará
UPF – Unidade de Produção Familiar

ÍNDICES DE FIGURAS

Figura 01: Miriti (<i>Mauritia flexuosa</i>), muito utilizado para artesanato e na alimentação.....	24
Figura 02: Açaí (<i>Euterpe Oleracea</i>), para alimentação e comercialização.....	24
Figura 03: Barco: forma de transporte entre as Ilhas.....	25
Figura 04: Estrutura de moradia das Ilhas Riberinhas/Ilha Xingu	25
Figura 05: Estrutura de moradia nas Ilhas Ribeirinhas/Ilha Campompema.....	26
Figura 06: Estrutura de moradia em Assentamento (João Batista, Castanhal/PA)	27
Figura 07: Estrutura de Moradia provisória em Assentamento (Abril Vermelho, Santa Bárbara/PA).....	27
Figura 08: Quintal produtivo em Assentamento (João Batista, Castanhal/PA)	28
Figura 09: Produção Agrícola em Assentamento (Paulo Fonteles, Mosqueiro-Belém/PA) ...	28
Figura 10: Animais de Produção e trabalho – búfalos (Assentamento Santa Maria 2, Acará/PA).....	28
Figura 11: Mapa do Estado do Pará e em destaque municípios visitados durante as entrevistas aos Egressos.....	30
Figura 12: Unidade familiar da Egressa Lucileia Albuquerque/Assentamentos Paulo Fonteles-Mosqueiro/Belém-PA.....	45
Figura 13: Unidade de produção familiar da Egressa Joana Bette. Assentamento Abril Vermelho, Santa Barbara/PA.....	45
Figura 14 e 15: UPF da família do Egresso Josiclésio Cavalheiro. Ilha Xingu-Abaetetuba/PA.....	46
Figura 16 e 17: Egressa Maria das Graças no seu quintal e na lida com os animais de produção. Assentamento João Batista/Castanhal -Pa.....	46
Figura 18: Apicultura desenvolvida na UPF familiar dos Egressos Hueliton e Dadiberto. Ilha Capim/Abaetetuba-PA.....	47
Figura 19: Material disponibilizado via projeto final do curso TAA pela EAFC aos Educandos.....	47
Figura 20: Nascer do Sol – Rio Guajará- Abaetetuba/Pa.....	63

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Candidatos e selecionados para turma Pronera.....	18
Gráfico 2: Nível de escolaridade dos candidatos ao TAA.....	19
Gráfico 3: Nível de escolaridade por sexo e faixa etária dos candidatos ao TAA.....	20
Gráfico 4: Número de formados e a relação por gênero ao final do curso	22
Gráfico 5: A relação gênero, faixa etária e escolaridade dos concluintes.....	23
Gráfico 6: Comparativo entre Assentamentos Agroextrativista e Assentamentos Rurais – Local onde os egressos estudaram.....	32
Gráfico 07: Como ficaram sabendo do curso T.A com ênfase em Agroecologia	33
Gráfico 08: Conhecimento prévio sobre o curso	34
Gráfico 09: Atuação na unidade produtiva antes do curso.....	41
Gráfico 10: Percepção sobre as práticas usadas na unidade familiar antes de ir pro Curso TAA.....	42
Gráfico 11: Inserção de práticas na UPF após o término do TAA	43
Gráfico 12: Nível de atuação dos egressos antes de participar do TAA	50
Gráfico 13: Nível de atuação dos egressos após ter participar do TAA.....	50

ÍNDICES DE QUADROS

Quadro 01 - Localização dos Egressos entrevistados	29
Quadro 02: Localização dos Egressos, ocupação atuação e perspectivas futuras.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	1
Problemática e Objetivo da Pesquisa.....	1
1 CAPÍTULO I - HISTORIA E HISTÓRIAS QUE ENCONTRAM - EDUCAÇÃO UM ENCONTRO NA ATUALIDADE	5
1.1 Refletindo sobre a educação – a partir da vivência dos egressos Pronera.....	5
1.2 Educação do ou no Campo – outra História ou realidade?	7
1.3 Movimentos Sociais e a Educação Profissional do campo.	9
1.4 Agroecologia e Movimentos Sociais.....	13
2 CAPÍTULO II - O CAMINHAR METODOLÓGICO	15
2.1 - Referencial Metodológico.....	15
2.2 - Caminhos Percorridos - A pesquisa em si.	16
3 CAPÍTULO III - RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
3.1 - Sobre a organização e composição da turma PRONERA 2006-2009	18
3.2 - A realidade encontrada.....	23
3.3 - Discussão das entrevistas realizadas.	31
3.4 - Histórico de Vida	31
3.5 - A vivência no curso	34
3.6 - A Unidade de Produção familiar - antes e após a formação Técnica.....	40
3.7 - Conceituando Agroecologia em palavras.....	47
3.8 - Inserção e reinserção nas organizações sociais.....	49
3.9 - Onde e como estão os egressos?	51
3.10 - Com a visão das organizações sociais.	58
4 CAPÍTULO IV – DIALOGANDO COM OS RESULTADOS	63
4.1 Considerações sobre os resultados	63
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	66
6 ANEXOS	69

INTRODUÇÃO GERAL

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o impacto ocasionado na vida dos jovens e adultos de movimentos sociais do campo no estado do Pará, que participaram do curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará, financiado pelo PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária nos anos de 2006 a 2009.

A construção deste objetivo se deu em grande parte a partir de processos por mim vivenciado no último período, devido a estar atuando na formação de jovens e adultos agricultores provenientes da reforma agrária, no estado do Rio de Janeiro. A opção por uma turma no estado do Pará se dá muito em função do mesmo ter ocorrido na instituição de ensino que cursei o Ensino Médio Técnico em Agropecuária, além de ser uma turma voltada para assentados da reforma agrária e focar a Agroecologia.

Problemática e Objetivo da Pesquisa

Adentrar pelo Estado do Pará com suas tradições, contradições abeirando as águas, rios e mares, uma terra em conflito, disputa e luta. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia (2013) esse é o segundo maior estado brasileiro, com extensão territorial de 1.247.950,003 km², dividido em 144 municípios com total 7.581.051 habitantes, sendo o mais populoso da região Norte do Brasil. A maioria de sua população, 68,5%, reside em áreas urbanas e na zona rural habitam 31,5% dos paraenses. No entanto sua densidade demográfica é de aproximadamente 6 hab/km², o que demonstra que o estado é pouco povoado.

Embora pouco povoado quando se leva em consideração sua densidade demográfica, as disputas pelos territórios são imensas e frequentes. Essas se encontram principalmente na área rural, que embora apresente apenas 31,5% de habitantes, evidenciam uma porcentagem expressiva que nos expõe as desigualdades e crueldades que sofridas pelas comunidades devido ao descaso e pelo avanço torpe do capital no campo.

O mundo rural do Estado do Pará é habitado por populações do campo, das florestas e das águas, são elas: Indígenas, Quilombolas, Ribeirinhos, Extrativistas, Agricultores Familiares, Assentados da Reforma Agrária que traçam a resistência nesse espaço de disputa permanente que o é Campo. É essa resistência e luta dos camponeses e sem terra que Fernandes & Molina (2005) apontam como uma alternativa para democratização da terra e de garantia do direito a vida digna:

A luta pela terra e na terra tem promovido uma revalorização do campo como espaço de vida. A construção do modelo de desenvolvimento capaz de garantir aos brasileiros dignas condições de vida passa pelo campo. Encontrar alternativas para democratizar a distribuição de renda - indispensável à retomada do crescimento econômico - exige sistemático esforço e investimentos em estudo e pesquisa das possibilidades que o campo representa em potencialidade de geração de empregos, renda, espaço de moradia, serviços. (FERNANDES; MOLINA, 2005:26)

As mobilizações sociais do campo protagonizam mudanças na estrutura agrária que vêm sendo preconizadas pelo agronegócio, pela exploração e desigualdade social empregada às populações do campo. É indispensável, na atualidade, ao se referir a aspectos da reforma agrária e não dar ênfase à educação do campo. Uma Educação como a prática das

organizações sociais que vislumbram um campo como lugar para além da produção agrícola, que valorize sua cultura e seus saberes. Uma educação que contribua para o empoderamento de seus diretos.

De acordo com Molina (2006:8) a base fundamental da educação do campo é a de que o território do campo deve ser compreendido para muito além de um espaço agrícola. O campo é território de produção de vida, de produção de novas relações sociais, de novas relações entre homens e a natureza, entre o rural e o urbano. O campo é um território de produção de história e cultura, de luta, de resistência dos sujeitos que ali vivem.

E ao se pensar essa educação do campo, no contexto da região amazônica, em questão neste trabalho, no Estado do Pará, onde movimentos sociais do campo buscam discutir e debater uma educação na qual sua população seja a protagonista do seu processo de construção, Souza (2011:24) aponta que essa luta é bem maior, é na perspectiva de mudar o cenário constituído de sujeitos à margem de seus direitos que os movimentos sociais se articulam na luta por uma reforma agrária, pela permanência dos povos em suas localidades e, principalmente, por uma educação de qualidade que promova o desenvolvimento dos sujeitos do campo em seu *habitat*, seu espaço de moradia.

Outra discussão cerne no contexto da reforma agrária é formação e educação dos jovens e adultos, questão intrínseca no debate da educação do campo. São ações conjugadas e não estamos colocando em foco apenas a escola, seja esta onde estiver, no campo ou nas escolas em áreas urbanas que são freqüentadas pelos jovens rurais. Fonseca *et al.* (2008:63) compreende que se a escola é um instrumento que contribui para a manutenção do sistema, pode, também, contribuir para transformá-lo.

Fonseca *et al.* (2008:64) diz que a escola que queremos deve buscar pela organização do processo educativo que se reconcilia com a vida. Portanto precisa encontrar outros ambientes para além da sala de aula, como espaços de construção, de relação e aprendizado. Que tanto a escola quanto o educador possa exercer “a educação como prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 1987:70).

No entanto não podemos apontar que somente a escola ou sua estrutura e ausência têm realizado o papel de afastar os jovens e adultos do campo, saindo em busca de melhorias de vida. Freire e Castro (2007: 231) abordam que a cidade para os jovens é vislumbrada como espaço social, sobretudo de oportunidade de formação e qualificação profissional, de acesso à informática e internet, reconhecidos como elementos formativos indispensáveis na atualidade.

Há um conjunto de fatores levando as organizações sociais do campo a tecerem expectativas para a educação na formação dos jovens e adultos. Elas pertencem a um contexto onde as escolas rurais, geralmente ofertam o ensino fundamental (1º ao 5º ano), depois essas crianças e jovens precisam se deslocar para as cidades mais próximas na perspectiva de concluir o ensino médio, assim como a possibilidade de terem acesso a uma graduação.

Estamos também abordando um campo no qual a política de assessoria técnica ainda é ausente ou insuficiente e geralmente desconectada da realidade da reforma agrária das populações tradicionais e ribeirinhas. Nele a diversidade se faz presente, muito notável em seus sistemas de produção, com características peculiares, há nele a necessidade de uma assessoria técnica que dialogue com as realidades, com as culturas tradicionais, possibilitando o desenvolvimento de novas tecnologias, vislumbrando aumento de produção a partir do desenvolvimento sustentável, possibilitando o acesso a mercado, valorizando a diversidade, gerando desenvolvimento local.

Sendo assim este é um viés que aloca o debate da reforma agrária, do acesso à educação de qualidade, de uma educação do campo, da ausência de assessoria técnica que tem desencadeado na proposição e organização de cursos formais (ensino médio técnico, graduação, pós-graduação, etc.), visando à formação técnica, que atende às necessidades dos agricultores assentados e ribeirinhos, que trabalham e desenvolvem uma agricultura agroecologia e sustentável.

É a partir dessa realidade que os movimentos sociais estão buscando as instituições de ensino, na perspectiva de avançar no processo de Educação Profissional desse sujeito do campo, alinhando a uma estratégia de desenvolvimento rural sustentável em contraposição ao capital de exploração e degradação ambiental.

Mas esta formação profissional não pode estar desarticulada do debate e da construção de um novo modelo de produção no campo e nem mesmo da atualidade presente. Caso contrário, estaremos desconsiderando os fatos existentes da própria resistência do homem do campo. Assim alerta Caldart;

A idéia fundamental da compreensão da perspectiva desta proposição é de que não se trata de pensar uma educação profissional em separado para o campo, específica para os sujeitos e fragmentada do debate geral (isso seria um desastroso em relação aos objetivos de transformação social e de emancipação humana que nos orientam), mas sim trazer para o debate geral da concepção e de políticas de educação profissional questões que têm sido formuladas desde a realidade, esta sim específica, do trabalho no campo, dos embates de projetos de desenvolvimento, de modos de fazer agricultura e das experiências de formação profissionais dos seus sujeitos. (CALDART, 2011:230)

Nesse contexto que o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PRONERA), organizado em 1998 para atender a educação formal de jovens e adultos assentados da reforma agrária, vem possibilitando a esse público acesso e ampliação de sua formação, seja desde a formação básica até a pós-graduação.

A educação profissional do campo na formação de técnicos forjados às demandas produtivas está sendo criada e organizada junto a instituições de ensino das escolas agrotécnicas, colégios técnicos de universidades, e os recentes institutos federais.

É resultado de articulações das organizações sociais do campo, com a Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará (EAFC-PA) que surge o Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia que abrangeu os municípios de Abaetetuba, Castanhal, Acará, e Belém do Pará.

Compreendendo que a realidade educacional dos jovens e adultos que participaram do curso técnico, desde a sua formação básica, aconteceu de forma substancial e em parte devido às condições demasiadamente difíceis que enfrentaram para se manter no processo de formação. Acredita-se ainda que a experiência da formação pelo PRONERA, cujo foco era o da agroecologia e ser realizada nos moldes da pedagogia da alternância, tenha ocasionado mudanças nesses sujeitos, não apenas nos aspectos de ampliação seu processo educativo ou sua formação técnica, mas também no desenvolvimento da consciência dos egressos, mudando a sua visão de mundo, da sociedade, da família, de gênero e geração, de ambiente, da comunidade e do lugar onde vivem.

Para tal buscou-se identificar aspectos significativos dos assentados de reforma agrária vinculados a projetos de desenvolvimento de assentamentos rurais e projetos de assentamentos agroextrativistas – ribeirinhos, importante para verificar o universo onde esses jovens e adultos estão/estiveram inseridos antes, durante e após a participação no curso

técnico. Assim como, usou-se, como base de informação, materiais elaborados pelos educandos durante as suas vivências na EAFC-PA, no processo de organização e execução do curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia (TAA). O curso foi executado nos anos de 2006 a 2009 e atendeu a 40 jovens e adultos das seguintes organizações sociais: Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF), Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba (MORIVA) e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

1 CAPÍTULO I

HISTÓRIA E HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM - EDUCAÇÃO UM ENCONTRO NA ATUALIDADE

1.1 Refletindo sobre a educação – a partir da vivência dos egressos PRONERA.

Histórias novas e antigas se encontram quando buscamos compreender o agora, mesmo que estejamos em espaços e momentos diferentes, parecem “*déjà vu*” – parece que já vivi algo semelhante, ou ouvi. Não é diferente quando buscamos elementos para compreender contextos atuais que estamos pesquisando, lendo, estudando.

Na trajetória da educação no Brasil, em vários momentos se tem essa sensação de “*déjà vu*”. Buscar pela memória do passado, e verificar que muito ainda se faz presente. Avanços se tem, em vários momentos, mas até agora pequenos para o tamanho da questão envolvendo o sistema educacional, que passou muito tempo sob uma “pano meio amarelado” de modo que se poderia perceber, mas não visualizar com clareza a sua existência.

A educação durante muito tempo ficou a cargo do Ministério da Justiça, que deixava a responsabilidade para as instituições. Desde a forma de condução à implantação e administração das escolas; da fase primária até a secundária. Isso se dava por que não havia uma coordenação que pudesse centralizar as três esferas de poder competentes para o desenvolvimento do sistema educacional para população, de maneira que não houvesse distinção de classes sociais.

Somente na década de 30 o governo organiza o Ministério da Educação e Saúde Pública competindo-lhe não apenas as questões relacionadas à educação, mas também à saúde, ao esporte e ao meio ambiente. Com a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional que tencionou a organização de um plano nacional para educação, propondo que esta estivesse centralizada e fosse pública, obrigatória, gratuita e de qualidade. Mas apenas em 1995 o Ministério da Educação assume sua finalidade que é cuidar da Educação.

A centralização da educação em um órgão que pudesse potencializar sua gestão e administração junto aos estados e municípios também era na perspectiva de que não houvesse distinção no processo e acesso à educação pública. A ausência de articulação entre os órgãos, antes da criação do MEC ocasionava uma distinção maior na educação oferecida. No entanto, essa diferenciação, vem de longa data, de acordo com David N. Plank;

O dualismo na educação inicia-se com os Jesuítas, que estabelecem as primeiras escolas no século XVI, quando abriram colégios para educação de jovens filhos dos grandes proprietários de terra que aspiravam a se tornar sacerdotes ou advogados, e escolas de ler e escrever para catequização e alfabetização rudimentar das crianças dos colonos pobres e dos nativos. A

natureza da divisão entre educação popular e de elite alterou-se através do tempo, mas persiste o caráter dualista do sistema. (PLANK, 2001:67)

Mesmo com o passar dos anos, a educação no Brasil ainda se encontra de forma dual, o que também David N. Plank aponta em seu estudo. Segundo ele, há diferença na distribuição das escolas entre as regiões brasileiras em relação ao número de escolas no norte e nordeste, com estrutura e qualidade inferior em relação às escolas da região sul e sudeste. Completando ainda que a problemática também traz fundamentos, quando exemplifica que a divisão por esfera de governo não contribui para um bom desenvolvimento da educação no Brasil:

“A divisão entre escolas estaduais e municipais tem sido um dos principais determinantes da desigualdade no sistema educacional brasileiro. O ideal de educação para todos, portanto, permanece distante, uma vez que os alunos freqüentam sistemas divergentes” (PLANK, 2001:67)

São esses contextos passados e atuais que se juntam e se completam nos relatos ouvidos pelos egressos Pronera, os quais vivem, na atualidade, em uma realidade ainda gritante. Realidade essa presente na dualidade da educação, nos paradigmas existentes no campo e na cidade, quando nos damos de frente com a situação educacional não apenas no interior do Pará, mas nos interiores do Brasil.

Podemos perceber então quando Natália Nogueira Silva, moradora da Ilha de Campompema, localizada no Município de Abaetetuba – Pará, fala da decisão de buscar uma educação “melhor” do que estava recebendo ou que havia recebido para poder ingressar em um curso de graduação, seu sonho.

Eu estudava na escolinha que tem aqui mesmo na Ilha (Campompema) tinha uma professora e umas 70 pessoa, do 1º ano, 2º ano, 3º ano **era multiseriado** era uma salada mesmo, as professora se virava nos trinta (...) depois fui estudar na cidade na escola Baldez de Carvalho Meu objetivo era me formar (...) como agente não tem muita oportunidade, é pobre, a universidade fica muito difícil de passar aqui. **E lá sempre diziam que o curso era bom, educação de qualidade, por que aqui era muito complicado**, agora que melhorou mais um pouco, **às vezes agente ficava até o último horário para esperar um professor apenas**, tudo porque tinha que esperar, quando ele nem vinha às vezes. (Natália Nogueira Silva, Egressa Pronera 2006-2009 EAFC-PA).

Uma educação gratuita e de qualidade lhe é assegurada mesmo antes desta vir a nascer, está na Constituição Brasileira desde 1824, mas os anos e a história dela ainda nos revelam descaso ou atraso na aplicação das políticas públicas voltadas para a educação. É também notória a própria organização e promulgação da Lei de Diretrizes e Base (LDB), desde 1961, quando se iniciam as discussões, debates e propostas somente ser sancionada em 1996, ainda vigente.

1.2 Educação do ou no Campo – outra História ou realidade?

Historicamente a educação oferecida ao homem e mulher do campo fora uma educação descontextualizada da sua realidade, desconectada de um lugar onde a agricultura e o meio ambiente fazem parte do cotidiano da vida e manutenção desses sujeitos no campo.

As desigualdades no sistema educacional nos centros urbanos geralmente se deram pela própria descentralização do sistema educacional na sua forma e estratégia de gestão, no entanto essa descentralização para o meio rural foi inúmeras vezes mais desigual ainda. Desde gastos com professores, estrutura física e didática, que desencadeia em um atendimento mediano a criança, ao jovem e adulto do meio rural.

O que nos corrobora com Plank (2001:172) quando diz que a manutenção de sistemas educacionais separados sob controle dos governos estaduais e municipais exacerba as desigualdades urbanas/rurais. As escolas oferecidas pelos governos estaduais estão mais disponíveis, embora não de forma exclusiva, em áreas urbanas. As escolas mantidas pelos municípios são maciçamente localizadas nas áreas rurais ou então em comunidade empobrecidas das periferias urbanas.

Ao mundo rural, a estratégia de educação também passou por meio de programas de governo, a exemplo do Programa Nacional de Ações Socioeducativas para o Meio Rural (PRONASEC) criado na década de 80, ainda durante o regime militar, e que caiu logo em seguida.

A Educação do Campo, de acordo com Fernandes e Molina (2005: 9), é uma educação associada a uma educação precária, atrasada, com pouca qualidade e poucos recursos, onde as políticas públicas são organizadas sem sujeitos e sem participação. Sendo um mundo ainda muito distante quando sob óptica da vida urbana. São escolas que possuem, em muitos casos, classes multi-seriadas, professores de origem urbana ou que devem obedecer ao conteúdo programático atribuído às classes, além de não terem referência alguma com a comunidade dos quais os estudantes são oriundos.

Aos professores não se pode emitir toda a culpa, pois também fazem parte de um processo de formação tomando como base a educação urbana. Assim também se formam os filhos de agricultores que vão estudar magistério ou pedagogia nos centros urbanos, o que os diferenciam em muitos casos é sua origem: o campo, o rural. Mas se não detém uma identidade afirmada com o rural da origem terá o mesmo método que os demais professores, por isso a formação de Educadores do campo se faz uma necessidade aparente em todo o Brasil.

A Educação do Campo de acordo com Fernandes & Molina (2005: 9) é um debate onde se concebe o campo como espaço de vida e resistência, onde camponeses lutam por acesso e permanência na terra para edificar e garantir um *modus vivendi* que respeite as diferenças quanto à relação com a natureza, com o trabalho, sua cultura, suas relações sociais. Esta neoconcepção educacional não está sendo construída para os trabalhadores rurais, mas por eles, com eles, camponeses. Ou seja, tem a preocupação de atentar ao processo de formação de sujeitos a partir da sua realidade, levando em consideração os valores e culturas locais dos camponeses.

Essa atenção a formação do sujeito do campo, é abordada na LDB (1996) no artigo 28:

Artigo: 28 - Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação à natureza do trabalho na zona rural

Embora a LDB aborde legalmente a oferta, e diga que esta deve se atentar às questões sócio-culturais locais, na realidade, esta relação não ocorre por diversos motivos já abordados anteriormente que negligenciam o acesso e a oferta de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Ao que podemos identificar em relatos atuais é que as leis existem e pouco é aplicada:

(...) Queria estudar, conhecer. Eu tive que dar essa pausa no lote, foi quando eu comecei a estudar numa escola estadual em castanhal, era difícil a trajetória, era muito cansativo, eu estudava à noite. Tinha que ir pra lá e voltar, estudar e chegar em casa 1 hora da manhã, era muito cansativo. (José Antonio Damasceno da Silva, Castanhal, Egresso Pronera)

No caso de Antonio Damasceno, morador do Assentamento João Batista, localizado no Município de Castanhal/PA, para ele continuar estudando precisa ir à escola à noite e trabalhar no lote da família durante o dia, essa relação se torna cansativa. Deixar as atribuições junto à família para ter acesso à educação, de fato, em vários casos e locais, essa é a realidade.

Nasci e me criei na ilha do Xingu, estudei lá até a 4ª série, lá na escola nó tinha até a 4ª série, aí quando terminei lá tive que vir para cidade, eu vim com uns 11 anos, acho. Eu estudava na cidade e ficava durante a semana e final de semana ia pra ilha, e lá ajudava meu pai na roça, e nas férias eu ficava todas as férias em casa. Meu pai tinha um ditado “se não quer estudar, vem para roça”. (...) Mas o sonho dele era de todos nós estudarmos, minhas irmãs mais velhas já tinham terminado feito faculdade se formaram e todas são professoras, ele queria o mesmo pra mim, que eu ficasse aqui, fizesse cursinho aqui em Abaeté. Construiu uma casa de madeira na cidade para os filhos poderem estudar. (Florivaldo Amaral Baia, Ilha Xingu/Abaetetuba, egresso Pronera)

A realidade de Florivaldo Amaral Baia é outra peculiaridade na verdade, bem real. O acesso a educação nas áreas rurais se dá somente em uma fase do ensino fundamental, geralmente até o 5º ano. Ele é morador de uma Ilha, na qual a família vive da agricultura de verão e do extrativismo basicamente do Açaí e Pesca. Em período bem longo, tem uma contribuição a menos no processo de manutenção da família. Tendo que se deslocar e morar na cidade, até terminar os estudos. A continuidade em estudar para além, também perpassa pela vontade dos pais de que os filhos tenham uma educação melhor.

Bom, eu pra Para falar a verdade, devido eu morar na zona rural, a dificuldade ao acesso a educação, né? Agente sempre encontrou sempre, esbarrou em algumas barreiras e teve principalmente na falta pra terminado o ensino, principalmente

para terminar o ensino fundamental. Quando terminei, ensinava e até hoje ensina 1ª a 4ª série, foi no ano de 2000, daí fiquei 3 anos parado, voltando para 2003-2004, passei estes 3 anos parados porque não tinha para onde eu ir. Daí quando comecei de novo, em Nova Aliança que é 11 km. A minha jornada de trabalho para ajudar a família, que era até 11h30 da manhã, e 12h que saía para estudar, aí isso foi da 5ª a 8ª série. (Ademir Mendes Vinagre, Acará, Egresso Pronera)

Complementando ainda mais a realidade, Ademir Mendes Vinagre, morador do Assentamento Santa Maria II, localizado no Município de Acará/PA, ficou ausente da escola, por dificuldade em transporte, acesso à escola, além de ter que atuar na produção agrícola que gera renda à família. Geralmente a determinação é o que os leva a concluir o ensino fundamental, e a teimosia os leva a terminar o ensino médio.

Assim é, e foi o acesso à educação no campo, no meio rural. Uma educação dissociada da realidade local, distante de se chegar, sem estrutura, ou com dificuldades de deslocamento até as existentes. Como então educar o homem e a mulher do campo? É essa a questão que move o debate e traz avanços na implementação de uma educação **do** campo, não uma educação rural, ou educação **no** campo.

1.3 Movimentos Sociais e a Educação Profissional do Campo.

Os contextos de luta que possam ser proporcionados nas bases de luta das organizações sociais, das quais a educação tem sido um cerne central para os povos do campo, estão atrelados às mais diversas vias de emancipação e desenvolvimento do homem, seja ele no campo, seja ele na cidade.

E os contextos em que surgem propostas de uma educação profissional do campo, ao meio de processo de um desenvolvimento que tem deixado a agricultura familiar e os assentados da reforma agrária, os povos das águas e das florestas acessam a uma educação que não os atende, conforme já relatos anteriores nessa dissertação.

Os povos do campo estão buscando também discutir ações que possam contribuir para o seu desenvolvimento, porque também sofrem com as questões que estão impostas pelo desenvolvimento desenfreado que tem agredido e degradado o meio ambiente. Fato notório na fala do Sr Domingues Trindade Ferreira Pereira¹

“(..) o estudo em agroecologia por que se adapita muito na nossa realidade. É por que nós éramos extrativistas legítimos, só que a população crescendo e os recursos natura se esgotando, daí a gente precisa fazer outra atividade agrícola para complementar o extrativismo que até hoje agente ainda tem, e por isso a gente precisamos de técnica e por isso que quisemos que os técnicos, e por isso encaminhamos para escola técnica e fizemos essa formação” (Domingue Trindade Ferreira Pereira /MORIVA, Ilha Campompema, Abaetetuba/PA)

¹ É representante do Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e das Várzeas de Abaetetuba – MORIVA.

Mas esse desenvolvimento podemos também interpretar pelo inchaço das áreas urbanas, os assentados extrativistas, embora estejam nas ilhas ribeirinhas, também vivem muito em função da cidade de Abaetetuba, e assim também nos outros assentamentos. Essa relação não é vista como ruim, mas eles se sentem também responsáveis pelos viventes deste espaço, visto que sejam agricultores e produtores de alimentos, ou matéria prima alimentar. Então pensar uma educação profissional que atende às necessidades das áreas de reforma agrária e do campo não é apenas pensar nesse contexto como elucida Caldart (2011)

A ideia fundamental na compreensão da perspectiva desta proposição é de que não se trata de pensar uma educação profissional em separado para o campo, específica para os sujeitos do campo e fragmentada do debate geral, mas sim de trazer para o debate geral de concepção e de políticas públicas de educação profissional questões que têm sido formuladas desde a realidade específica, do trabalho no campo, dos embates de projetos de desenvolvimento, de modos de fazer agricultura e das experiências de formação profissional dos seus sujeitos. (CALDART, 2011: 230)

É importante pensarmos também no processo histórico por trás da oferta de um ensino que qualifica tecnicamente, o que logo se assemelha a mercado de trabalho, a partir do que este mercado demanda. Recorrendo às práticas educativas de formação profissional e permanência da lógica pragmática, que continua propondo aos trabalhadores uma formação de ajustamento ao mercado de trabalho em detrimento de uma formação que o considere como sujeito (NASCIMENTO; ARAUJO, 2008).

A formação profissional foi idealizada para atender os “filhos dos desfavorecidos”, dos mais pobres, que pouco teriam acesso a uma educação de qualidade nos anos de 1909, quando pelo decreto 7.566, Nilo Peçanha institui a Rede Federal de Escolas Industriais, também denominadas “Escolas de Aprendizes e artífices”. E esta era subordinada à diretoria de Geral da Indústria e Comércio e de Contabilidade do Ministério da Agricultura.

As escolas de aprendizes foram substituídas pela criação dos Patronatos Agrícolas pelo decreto 12.893 de 28 de Fevereiro de 1918, os quais eram destinados a atender ao ensino profissional primário – elementar, médio e complementar. Espaço voltado aos desvalidos como centro de aprendizagem primária e cívica, bem como espaço de aprendizagem e divulgação de métodos voltados para o desenvolvimento da agricultura. Estes depois foram transformados em orfanatos para assistência e proteção tutelar.

O governo buscava resolver uma demanda do comércio e da indústria, qualificando mão de obra barata a partir de um exército de reserva. Assim como o problema educacional, pois os filhos dos trabalhadores pobres não tinham condições de acessar uma escola de qualidade frequentada apenas para os mais providos economicamente. Esta escola sim, lhes servia e lhes cabia. Essa é uma relação histórica na Educação profissional no Brasil como destaca Soares (2003)

A partir de 1840 foram construídas as casas de Educandos e Artífices, em capitais de província, senda a primeira delas em Belém do Pará, com o objetivo prioritário de atender os menores abandonados “*diminuindo a criminalidade e a vagabundagem*”. Em 1854, Decreto Imperial criava estabelecimentos especiais para menores abandonados, denominados Asilos da Infância dos Meninos Desvalidos. (SOARES, 2003: 27. Grifos do autor)

Desde o período colonial a educação voltada para profissionalização é encaminhada para a adequação de acordo com a demanda do mercado de trabalho, que tipo e forma de

profissionais está se necessitando. Questão explicitada por Sobral (2009) que retrata de mudanças no ensino para atender o setor agrícola do Brasil.

A pressão da agricultura na economia brasileira gerou o Decreto nº 8.319, de 20 de novembro de 1910, que trouxe a primeira regulamentação e estruturação do ensino agrícola no Brasil, passando a ser ministrado em quatro categorias, a saber: ensino agrícola superior, ensino agrícola médio, aprendizes agrícolas e ensino primário agrícola. Esse decreto apresenta como finalidade precípua “a instrução técnica profissional relativa à agricultura e às indústrias correlatas, compreendendo: Ensino Agrícola, Ensino de Zootecnia, Ensino de Indústrias Rurais e Ensino de Medicina Veterinária”. (SOBRAL, 2009: 82)

A ideia de progresso e de desenvolvimento da agricultura no campo está distante ainda das revoluções agrícolas, como a conhecida Revolução Verde. A base desse processo foi a implementação de pacotes tecnológicos através de empresas e das escolas onde eram formados os técnicos de nível médio e de nível superior que atuasse diretamente com o agricultor. Sobral (2009) destaca que foi a partir desse período que muitas Escolas Agrotécnicas Federais foram criadas atendendo os preceitos da “Revolução.

A extensão rural teve um papel importante nesse processo de associação entre os pacotes tecnológicos e os agricultores. Momento em que se dá um novo visual para agricultura com tecnologia. Sendo o homem substituído por máquinas e implementos. Dando também um novo contexto para o homem do campo, com a diminuição de empregos a cidade é o refugio em busca de uma vida melhor e trabalho como relata Sobral (2009):

“Revolução com efeito, essa “Revolução” veio provocar mudanças significativas nos arranjos de emprego no campo. As inovações científicas e tecnológicas são introduzidas e incorporadas em máquinas e insumos agrícolas importados. Decresce o número de trabalhadores permanentes com a tratorização da lavoura. (SOBRAL, 2009: 87)

E é em busca de uma formação voltada para a realidade local, das comunidades extrativistas, dos assentados da reforma agrária ribeirinhos que se busca a permanência do homem no seu lugar, na sua comunidade e que o possibilite desenvolver a agricultura e se desenvolver.

É quando mais uma vez a realidade nos é aparente e recorrente do passado. E são traços desse passado que refletem no atual que os movimentos sociais estão buscando uma educação profissional que vise atender às suas demandas reais, as quais não se tratam de máquinas e implementos com tecnologia de ponta, que os exproprie das suas realidades. Ou até podem ser máquinas, mas que estas contribuam de fato para o desenvolvimento desejado, como relata o Sr Domingos Trindade Ferreira Pereira.

Então nós quando encaminhamos nossos técnicos para estudar, para se formar, já foi com essa necessidade, com essa expectativa, né?! De querer esses técnicos formados até por que a gente quer uma coisa deles, e de nós, nós quer continuar vivendo onde a gente nasceu, foi criado, a gente tem os pássaros, onde a gente é acostumado e sabe trabalhar. Então precisamos de técnico para acompanhar o nosso desenvolvimento. (Sr Domingos Trindade)

E esse relato dele enquanto idealizador é de que não se tenha necessidade de que os agricultores deixem sua localidade para viver na cidade. E por isso buscam acesso a uma educação que atenda às necessidades do povo do campo, das comunidades de assentamentos da reforma agrária e da agricultura familiar. É neste contexto que o Sr Domingos Trindade, destaca a importância dessas políticas para o campo Brasileiro.

Inclusive essa política é que mais consegue colocar o povo no campo que tá migrando para cidade. Mas se lá na região onde a gente mora não tem um recurso pra gente trabalhar, pra gente ganhar, a gente viver bem. Tem gente que acha que na cidade vai viver bem, embora seja um engano, mas tem muita gente que acredita que vai viver bem.

Os movimentos sociais projetam um curso técnico profissionalizante que de fato colabora para a realidade das agriculturas desenvolvidas. Pensam em uma forma que consiga dialogar com a necessidade de viver e com a necessidade que a natureza também possui de se recompor. Um curso que não seja apenas para atender os desvalidos da sorte, mas sim que esses que ainda possam ser vistos como agricultores familiares, assentados da reforma agrária em geral.

Ao pensar em um processo de continuação para os filhos de agricultores, ribeirinhos e das comunidades tradicionais, como estão em um espaço rural, pensa-se geralmente em cursos voltados para o desenvolvimento da agricultura. A formação técnica é uma grande demanda um reflexo da ausência de uma política de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER adequada e contínua, conforme nos relata o Sr. Domingos Trindade Ferreira Pereira,

(..) a gente hoje temos entrando numa atividade que é o projeto de assentamento agroextrativista e precisamos dos técnicos e novas técnicas para saber como trabalhar com nossos produtos naturais, açaí, manga, jambo rosa e outros produto que nós temos; é filetagem de peixe, seja a cria de camarão. E então nossos técnicos e no projeto de assentamento a gente tem o direito de uma política de crédito, chamado de PRONAF A, e sem técnico a gente não tem PRONAF, né? Por que pra trabalhar o PRONAF a gente precisa dos técnicos e principalmente da assinatura do técnico e depois de orientação e depois do acompanhamento do técnico (Sr. Domingos Trindade Ferreira Pereira –representante do MORIVA)

No entanto a educação tecnológica e profissional agrícola ao longo do tempo tem passado por modificações que chegam à margem tênue da pauta de exigência do desenvolvimento da agricultura e pecuária no Brasil. Isto por ter a capacidade de desenvolver e aprimorar os meios de produção do campo. *Será esse modelo de formação que as organizações querem?* Percebe-se pelos anseios já postos acima que não é esse formato de educação, de repasse e transferência de tecnologia que se deseja.

Na busca pela sustentabilidade, segurança/soberania alimentar discutida pelas organizações sociais do campo, a insustentabilidade ambiental causada pelo desenvolvimento de uma agricultura baseada na monocultura tem levado a um repensar a educação tecnológica e profissional das áreas agrárias, oferecida historicamente aos filhos dos agricultores/homem do campo, nos casos que conseguem ter estes têm acesso.

De acordo com Costa (2009:33) o modelo de educação profissional tecnológico, institucionalmente reconhecido, fundamentado num contexto de concepções pedagógicas tecnicista, especializada e fortemente direcionado para atender aos interesses da classe dominante, parece incapaz de enfrentar os desafios da sociedade contemporânea.

Este modelo de ensino nos remete a uma preocupação de como este processo de formação tem se dado no âmbito da inovação tecnológica onde os conhecimentos tradicionais/empíricos são deixados à margem e concordamos com Alves *et. al.* (2010) quando diz que é inegável a importância do conhecimento local como fonte de informação válida para o desenvolvimento rural.

O que nos remete à importância do debate acerca de uma educação do campo, não apenas como espaço para formalizar luta, mas como espaço de construção de novas gerações de permanência do homem no campo, onde a escola tem um papel fundamental.

1.4 Agroecologia e Movimentos Sociais

A agroecologia vem sendo uma bandeira de luta das organizações sociais no campo brasileiro como uma estrutura mais ampla para o desenvolvimento social, econômico, cultural e ambiental da agricultura para os agricultores familiares assentados da reforma agrária e povos tradicionais. Visto que atende o processo produtivo como sistema de forma interligado, possibilita a atuação multidisciplinar e transdisciplinar. Também ela não é visualizada apenas como um método, mas sim como uma forma de interligar as ações desde a unidade produtiva, transcendendo para além dos limites que estão inseridos.

Tem-se em vista que a formação em agroecologia é uma das grandes demandas das organizações diante da estrutura presente nos assentamentos de reforma agrária, principalmente nas regiões ribeirinhas. E ainda possibilita interligar os conhecimentos empíricos e conhecimentos acadêmicos como destaca Gliessman (2000)

A agroecologia proporciona o conhecimento e a metodologia necessária para desenvolver uma agricultura que é ambientalmente consistente, altamente produtiva e economicamente viável. Ela abre a porta para o desenvolvimento de novos paradigmas da agricultura, em parte porque corta pela raiz a distinção entre a produção de conhecimento e sua aplicação. Valoriza o conhecimento local e empírico dos agricultores, a socialização desse conhecimento e sua aplicação ao objetivo comum da sustentabilidade.” (GLIESSMAN, 2000:20)

Ela é também encarada como tecnologia ou uma alternativa tecnológica de bases tradicionais, com uso dos recursos naturais de forma mais sustentável, em contraposição ao processo de desenvolvimento da agricultura com usos de tecnologias que provocam degradação e morte no campo, com uso de implementos pesados compactando os solos, desmatamento em prol de ampliar a produção de grãos para exportação dentre outros produtos primários e, por fim, o uso de produtos químicos sintéticos para combater doenças e pragas, geralmente ocasionadas devido a um desequilíbrio no agroecossistema.

Essa não é a realidade dos pequenos agricultores assentados da reforma agrária dos povos das florestas e das águas. Esses sofrem impactos diretos ou indiretos nas comunidades onde vivem, territórios em construção. Portanto, buscar que os seus filhos, os jovens, consigam a formação que os deixem cada vez mais distantes desses processos degradadores.

Outro contexto em que a agroecologia tem sido debatida é o da busca pela permanência dos jovens no campo. Sendo este espaço geralmente visto como um lugar atrasado e o trabalho na agricultura como sendo muito pensado, árduo e penoso. O campo é reconhecido pelos/as jovens, em alguns casos, pela penosidade do trabalho agrícola, embora concebam o campo como lugar de se viver (FREIRE; CASTRO, 2007). Corroborando com autores de que com esse campo penoso os jovens não se identificam. Eles buscam por outras atividades profissionais, em muitos casos, que não sejam as mesmas dos pais, encontrando-as somente na cidade.

É com a junção desses parâmetros que os movimentos sociais têm buscado avançar na continuidade da educação formal, seja ela técnica ou não. No entanto, uma educação pautada nas questões socioculturais e econômicas do campo, que tenha a agroecologia como princípio e que a juventude possa, de fato, se identificar e se orgulhar da vida do campo, das florestas, das águas.

Assim o debate da agroecologia apresenta-se também como uma forma de fortalecer a identidade social do jovem como sujeito consciente do seu papel na comunidade e na sociedade onde vive. Freire e Castro (2007) abordam que neste sentido as raízes no campo e na sua dinâmica sociocultural, no entanto, estimulam os jovens a conceber projetos de vida vinculados ao campo, mas em condições e patamares mais elevados, dignos. E continua quando diz que o estudo é componente presente e cotidiano, em que se alterna com a atividade dominante: a agricultura.

Assim como tudo está em processo de mudanças, os jovens também assim se encontram diariamente, Silva *et.al.* (2012) diz que os jovens vivem em constantes conflitos que se expressam entre a ausência de perspectiva de permanência no campo e, por outro, o sonho, ou ilusão de uma vida na cidade e de um trabalho assalariado, que geralmente não se precisa ter preparo e qualificação.

É em busca dessas perspectivas não somente para os jovens, mas também para os adultos que contribuem nesse processo de formação da identidade, da cultura dos jovens, das crianças que estão no campo. É uma busca pela permanência do Homem no campo.

2 CAPÍTULO II

O CAMINHAR METODOLÓGICO

2.1 Referencial Metodológico

Caminhos foram percorridos para se chegar aos resultados da pesquisa proposta. No entanto é importante identificar a metodologia que possa atender aos objetivos proposto.

Desta forma a metodologia de pesquisa utilizada foi a pesquisa qualitativa que de forma conceitual é descrita por Silva (2001:20), “sendo qualitativa quando dizem que essa metodologia compreende que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em número.” E Oliveira (2008:16) a descreve como uma pesquisa que se debruça no estudo do fenômeno em seu ambiente natural, analisando o problema processualmente.

A tradução dá-se pelo contato que o pesquisador terá com o ambiente e cotidiano dos investigados, tendo a sensibilidade de perceber o espaço e as influências que esses podem sofrer, ou até mesmo perceber o indivíduo e sua subjetividade. Por estar direto com a realidade, o pesquisador deve sempre estar atento às interferências que podem ocorrer, durante as atividades de coleta de dados.

Os instrumentos selecionados para dar base ao desenvolvimento também são primordiais no processo da pesquisa. E quando ela é qualitativa deve-se debruçar-se sobre o estudo das características da localidade antes de iniciar as atividades de campo, para que a coleta de dados ocorra sem perda de elementos importantes no desfecho da pesquisa.

Desta forma utilizamos os seguintes instrumentos metodológicos: pesquisa documental e entrevistas foram realizadas com apoio de um roteiro semi-estruturado (Anexo I e II). Elas foram fotografadas e gravadas em áudio. Também foram realizadas visitas à instituição de ensino e às comunidades dos egressos. Como suporte de relatos informais, no entanto importante para a memória da pesquisa, usou-se caderno de campo/diário.

A pesquisa documental é para além de um levantamento bibliográfico essencial a todo processo de investigação. Ela fora realizada para que esse pudesse contribuir na elaboração de etapas da pesquisa e possibilitar reflexões sobre o objeto em estudo, concordando assim com Godoy (1995) quando diz que nem sempre o documento se constitui em amostra representativa do fenômeno em estudo, por isso a escolha deve ser em função de propósito, idéias e hipóteses. E que três aspectos devem ser levados em consideração: a escolha do documento, o acesso a eles e a sua análise. Devem-se buscar documentos que, de fato, possam contribuir para o processo de elaboração seguinte à análise.

Em relação à entrevista, considera-se esse um dos momentos fundamentais da pesquisa, para este, deve-se estar preparado, munido das informações básicas que possibilitem o transcorrer daquela. De acordo com Thompson (1992:254) há algumas características que o bom entrevistador deve possuir: interesse e respeito pelos outros, capacidade de demonstrar

respeito pela opinião relatada e ter disposição para ficar calado e escutar. É importante lembrar-se de que está à procura de informação.

O roteiro orientador da entrevista deve ser meticulosamente pensando e estudado antes dela ser realizada, buscando evitar perguntas que levem o entrevistado a pensar do seu modo. Deve-se primar por questões claras, simples e diretas quando for necessário, evitar perguntas dúbias ou complexas que não trarão boas contribuições para a pesquisa e para a relação entrevistado-entrevistador. Mas Thompson (1992:258) diz que se deve ter o cuidado para não moldar o entrevistado, porém prestar atenção, pois também não há entrevista completamente livre.

Uma questão importante e até mesmo crucial refere-se ao local de realizar a entrevista. Duarte (2002:145) diz que “em geral esse tipo de entrevista flui muito mais tranquilamente quando realizada na residência da pessoa entrevistada. Em ambiente doméstico, privado, parece haver mais liberdade para expressão das idéias e menos preocupação com o tempo. Por essa razão, essas costumam ser entrevistas mais longas e, de modo geral, mais densas e produtivas”. Desta forma, primou-se pela realização das entrevistas em visitas às casas das famílias, ou em locais os quais os egressos se sentissem mais confiantes para se expressar diante do diálogo. Todos os entrevistados autorizaram a realização das entrevistas e uso do dados através do termo de autorização em anexo III.

Mesmo com o cuidado que se deve ter em torno da dinâmica da entrevista, é importante que, ao realizar os contatos preliminares, se faça uma apresentação sucinta do objetivo da pesquisa e por que a o auxílio do mesmo se faz importante. Esse cuidado fora levado em consideração em todos os momentos da pesquisa, foram elaboradas cartas de apresentação, entregues em contatos preliminares com as organizações sociais, com a instituição de ensino e com as famílias dos egressos que nos receberam (Anexo IV).

Ao final do trabalho de campo, após entrevista realizada, inicia-se o momento de organização desses dados. Duarte (2002:151) atenta para que material que precisa ser organizado e categorizado segundo critérios relativamente flexíveis e previamente definidos, de acordo com os objetivos da pesquisa. Essa organização facilitará o momento mais analítico e a elaboração da dissertação sobre os dados coletados e os resultados alcançados.

2.2 Caminhos Percorridos: a pesquisa em si.

A pesquisa ocorreu no estado do Pará, com egressos do Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia, que fora realizado no período de 2006 a 2009, na época Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará (EAFC - PA). Como este atendeu a demanda de educação profissional do campo dos movimentos sociais, foi financiado pelo Programa Nacional de Ensina na Reforma Agrária – PRONERA.

Para realização das atividades de identificação documental, foram realizadas entrevistas e visitas durante as quatro viagens de campo ao Estado do Pará, sendo a primeira realizada em Janeiro de 2012, a segunda em Junho/Julho de 2012, a terceira em dezembro de 2012 a fevereiro de 2012, quando finaliza as atividades de campo.

Em Janeiro de 2012, inicia-se contato com o atual IFPA- Campus Castanhal² com intuito de identificar documentos de memória sobre o curso ainda existente no instituto, os quais pudessem contribuir com a primeira caracterização e identificação das organizações dos egressos selecionados e concluintes. Nesse momento fora realizada a apresentação da proposta de pesquisa à direção geral e a professores que atuaram e coordenação o curso. Estes contatos

² Antiga Escola Agrotécnica Federal de Castanhal-PA

possibilitaram também acesso a egressos, bem como às organizações sociais que elaboraram a proposta, e que foram beneficiadas pela execução da mesma.

Nesse período conseguiu-se de documento: projeto técnico e pedagógico; redação realizada para o ingresso na turma e avaliação da entrevista; relatórios de atividades de Tempo Comunidade (TC) tanto dos professores quando de educandos – embora fossem materiais fragmentados -; relatórios e avaliações de professores e educandos do Tempo Escola (TE); lista de concluinte em 2010 e outros materiais pertinentes como publicações de artigos e livros que foram disponibilizados.

Em Junho/ Julho de 2012, a realização de estágio de vivência³ no Campus Castanhal também contribuiu para ampliar contatos. Com auxílio da instituição nesse período foi possível conhecer mais representantes de movimentos sociais e realizar visita a um dos assentamentos atendidos (P.A João Batista II), assim como conhecer um dos egressos que lá reside. Também foi possível realizar visita ao município de Abaetetuba, apresentar a pesquisa para o Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e Várzeas de Abaetetuba - MORIVA, com intuito de organizar e planejar visitas e entrevistas com os egressos residentes no município.

A visita ao MORIVA foi um divisor de água. Foi momento de perceber que os assentados eram ribeirinhos. Embora se soubesse que faziam parte de Projeto de Assentamento Agroextrativista, de fato, não se esperava que fossem todos de Ilhas. Nessa visita conheci uma egressa que atua na organização, quem me contextualizou sobre a região, sobre o papel da organização e me munuiu de material elaborado por eles. Ela indicou outros materiais que pudessem contribuir para ampliar a minha percepção da vida e cotidiano ribeirinho, sua cultura e costumes para assim me prepara para as visitas.

Com a terceira visita, que iniciou em Dezembro de 2012 e finalizou em fevereiro de 2013, fora o tempo de ampliar o contato restante com egressos e com outras representações sociais. Optou-se, durante esse período, por destacar-se pelas férias escolas e festas de final de ano, datas que agregassem as pessoas às famílias e que fosse recesso para quem estivesse trabalhando.

Este momento iniciou com o retorno às localidades e organizações já visitadas anteriormente, para daí desencadear um planejamento mais consistente e efetivo para a realização das visitas aos egressos. Sendo então realizadas nos município de Castanhal/Pa, percorri o município de Abaetetuba/Pa nas Ilhas: Campompema, Capim, Xingu, Palmar, Guajarazinho. Onde há concentração de maior número de egressos. Continuando as visitas cheguei até o município de Cametá-Pa, para encontrar uma egressa da Ilha de Sapucajuba/Abaetetuba. Saindo das Ilhas fui para Município de Acará-Pa, seguindo depois para Belém em direção ao distrito Mosqueiro, e continuando no município de Santa Bárbara.

³ Estágio realizado com objetivo de o mestrando ter contato com a realidade do ensino agrícola, vivenciando e identificar as condições que cercam o trabalho docente no ensino agrícola.

3 CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Sobre a Organização e Composição da Turma PRONERA 2006-2009

Na busca por identificar e traçar um perfil dos candidatos que participaram da seleção para a turma PRONERA 2006 iniciou-se uma análise documental do curso, dados que trouxessem informações importantes à pesquisa. Os documentos analisados foram: o projeto político pedagógico, as redações da seleção, relatórios do tempo comunidade, trabalhos realizados durante o tempo escola, avaliações finais TE, dissertações e artigos referentes à turma do PRONERA. Possibilitando, dessa forma, a realização dos passos iniciais da pesquisa.

Os critérios de seleção dos candidatos foram compostos pelos critérios do PRONERA⁴, das organizações sociais que apresentaram a demanda. Assim como critérios da EAFC que organizou a seleção a partir de entrevista e redação aplicada aos candidatos. Nessa seleção, diversos aspectos foram levados em consideração, tais como: histórico de vida, auto-conceito, vida familiar, vida social, vida profissional. E as entrevistas foram embasadas com questões que se pudessem perceber a identificação do aspirante ao curso pelo mesmo, tais como: o interesse no curso (aptidão, busca por conhecimento), potencial empreendedor (organização e comprometimento no trabalho), e compromisso social (identificação com a cultura de seu povo, sentir-se sujeito ativo e responsável pelo social e pela reforma agrária)

O Gráfico 1 apresenta o número de candidatos e educandos selecionados. Pode-se verificar que para o processo seletivo houve participação de cerca de 46 candidatos oriundos das organizações sociais do campo, no entanto, após a análise das redações e das entrevistas, alguns candidatos não atingiram a média, critério da instituição de ensino. Assim, a turma ficou composta de 40 educandos.

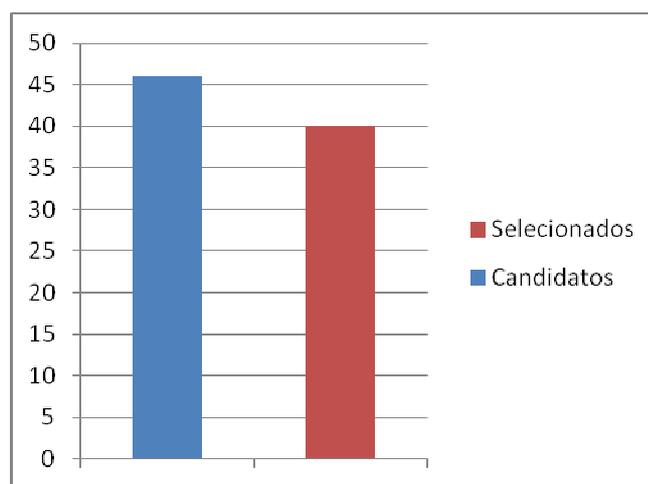


Gráfico 1: Candidatos e selecionados para turma Pronera.

Fonte: redações do processo seletivo e lista de matriculados na EAFC

⁴ São beneficiários: população jovem e adulta da família beneficiária dos projetos de assentamento criados ou reconhecidos pelo INCRA e do programa nacional de crédito fundiário (PNCF) (Manual do Pronera, 2012: 13)

O curso ofertado fosse de nível médio, mas por ser técnico profissionalizante, trouxe para os candidatos uma possibilidade de ter outra formação, a qual já era vislumbrada por eles por possibilitar mais condições de acesso ao mercado de trabalho, visto que havia uma demanda a ser preenchida na comunidade, a de assessoria técnica. A relação do número de candidatos, apresenta também a reflexão de que o número de candidatos ainda é pequeno em função do baixo número de jovens que tem oportunidade de completar o ensino fundamental completo.

O gráfico 2, explicita o nível de escolaridades dos candidatos do curso técnico em agropecuária com ênfase em agroecologia, levando em consideração a faixa etária. Em relação à faixa etária, a maioria encontra-se com até os 18 anos, quando geralmente já estariam finalizando o ensino médio, o que denota a dificuldades de acesso à escola. Alguns ficaram anos em busca de dar continuidade aos estudos. E agora com o curso técnico, conseguem atingir o objetivo de acessar ao ensino médio.

O gráfico também apresenta um número significativo de pessoas na faixa etária de 19 a 25 anos, com ensino fundamental, ensino médio completo e incompleto. Destacam-se os que estão com ensino médio incompleto. A maioria desses o estava cursando e optaram retornar ao início, por vislumbrar novas oportunidades através da formação técnica. Assim também são expressivos os que estão em faixa etária acima de 26 anos e que decidem retornar a sala de aula após um longo período sem estudar.

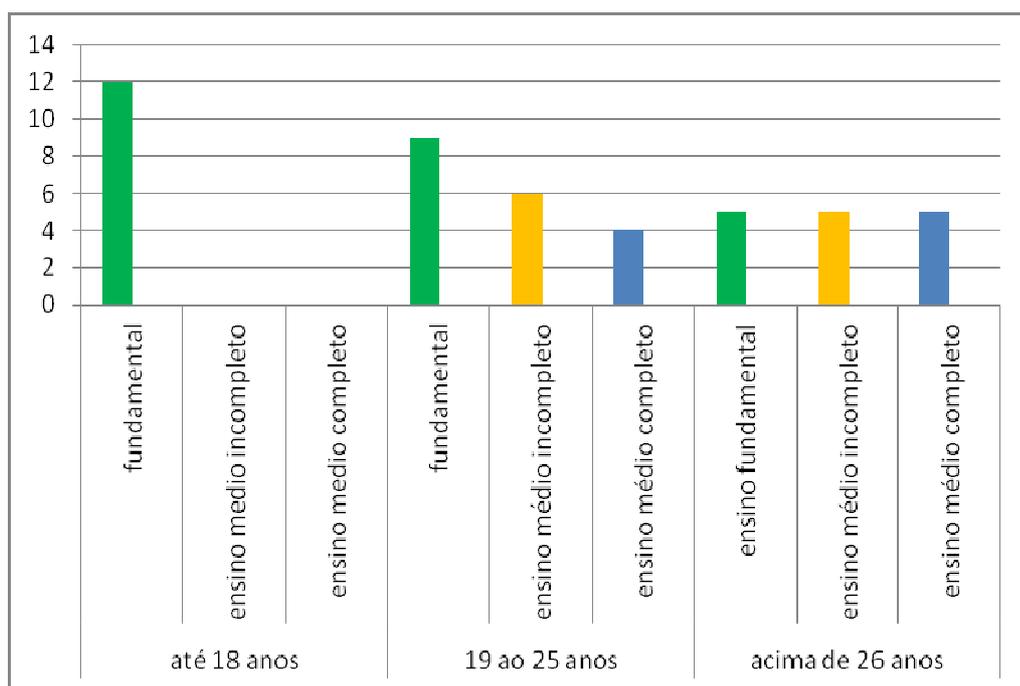


Gráfico 2: Nível de escolaridade dos candidatos ao TAA

Fonte: redações do processo seletivo

O gráfico 3 demonstram o nível de escolaridade dos candidatos, entre homens e mulheres, relacionando com a faixa etária. No nível do ensino fundamental, os candidatos do sexo feminino equiparam-se na faixa etária de até 18 anos, mas é expressivo mulheres com idade acima de 26 anos apenas com esse nível escolar. Os candidatos do sexo masculino se sobressaem ao sexo feminino quando comparados os com nível médio completo na faixa etária de 19 a 25. E na faixa etária acima de 26 anos, as do sexo feminino se sobressaem ao sexo masculino.

Em relação ao nível de ensino médio incompleto, na faixa etária de 19 a 25 anos, sexo feminino e masculino se equiparam. Já na faixa etária acima de 26 anos, as do sexo feminino se sobressaem, no entanto muitas estavam sem estudar pararam por diversos motivos, assim como o próprio acesso e possibilidade da continuidade de estudar que é dada aos homens e mulheres às vezes é diferenciada.

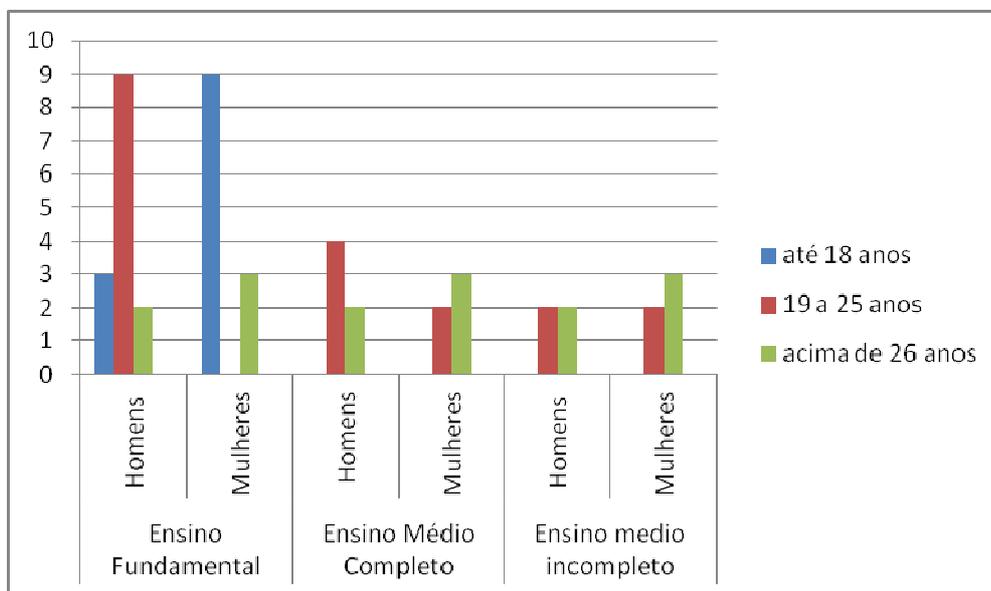


Gráfico 3: nível de escolaridade por sexo e faixa etária dos candidatos ao TAA.

Fonte: redações do processo seletivo

Embora a realidade na comunidade para homens e mulheres fossem as mesmas, percebe-se que em relação ao nível de escolaridade as questões podem ser diversas, ainda mais no tocante ao acesso à educação que estes jovens e adultos enfrentaram. Como podemos verificar em um trecho de redação de seleção do Egresso Izaque Cavalheiro de Souza

“ ... muita dificuldade para chegar na escola, são três horas que gasto andando para chegar lá. Esse curso vai me ajudar muito, para que possa terminar os meus estudos (..) por que trabalho muito duro na roça e, quando vou para escola, não consigo estudar direito, devido ao grande cansaço que sinto.” (Izaque Cavalheiro de Souza, morador da Ilha Xingu/Abaetetuba-PA)

As meninas/mulheres, no entanto, podem ter trajetórias diferenciadas, pois devido à dificuldade de acesso à educação na comunidade, muitas são enviadas para morar em casa de parentes, compadres e amigos de muita confiança. Ficam estudando e por conta da moradia contribuem nos afazeres do lar, e, ao término do estudo, retornam para casa, quando não constituirão família nesse tempo.

Na minha comunidade só tinha até a 4ª série, daí parava ou ia para cidade. (...) Mas eu disse que eu ia estudar. Daí vim, estudei. Morei pela casa dos outros, em casa de parentes, em casa de irmão de parentes e terminei meus estudos. (Cacilda Barreto da Silva, Ilha Guarajazinho/Abaetetuba-PA)

A composição dos candidatos para a turma PRONERA 2006-2009 demonstra o que as organizações sociais apontam como demanda de continuidade para a formação e educação de seus jovens e adultos. A necessidade de cursos voltados para a realidade local atrai ainda mais a participação destes, visto que não há a necessidade de se distanciarem do lar e demonstram que a preocupação pela comunidade faz parte do seu cotidiano também. Trechos das redações de seleção apontam essa preocupação assim como da importância do curso:

“O curso vai ser bom pra mim, minha comunidade e outras comunidades que eu puder desenvolver esse trabalho, pois o nosso objetivo como assentado é poder repassar o nosso conhecimento a partir de nossos estudos. Esse curso nos dá oportunidades reais para que nós possamos trazer benefícios à comunidade a partir do conhecimento adquirido. Ter uma oportunidade como essa era uma das maiores conquistas da minha juventude”. (Dadiberto Pereira Azevedo, Ilha Campim/Abaetetuba-PA)

“A minha comunidade se sentirá mais segura, tendo como orientador, para melhor trabalhar a terra, uma pessoa que faça parte da mesma conhecedora dos problemas lá existentes, pois faço parte da mesma realidade. Precisamos de capacitação para trabalharmos em prol da nossa comunidade. Nós que estamos lá, compartilhando da mesma realidade, somos que sabemos das necessidades dos mesmos, do que precisam para trabalharem melhor a terra. Precisamos de uma oportunidade, para buscarmos conhecimentos para viabilizarmos crescimento e progresso para a população ribeirinha que, na maioria das vezes, tem o seu trabalho desvalorizado, pois recebem pouco. Somos capazes, somos um povo que acredita e luta por uma vida melhor para todos.” (Patrícia Matias Passos, – Abaetetuba/PA)

Este curso é de fundamental importância para mim no sentido pessoal. Sou órfão de pai e minha mãe é uma agricultora. Com esse serviço ela mantém a família (...) quero me formar nessa área e poder ajudar não só a minha família, mas as que com certeza precisem. Como moramos na Ilha, estamos em mais contatos com a natureza e estando como este belo contato estamos mais próximos das questões deste curso. (Ângela do Socorro Ferreira Rodrigues, – Abaetetuba/PA)

É uma oportunidade única que nós jovens precisamos por que, além de aprender na prática, nós formamos e fugimos do método decoreba das escolas tradicionais, dando continuidade àquilo que é nosso, trabalhando tecnicamente com a terra de uma forma que vamos crescer em nível de comunidade (...) e ter oportunidade de conhecer a realidade de outras comunidades. E após terminar o curso quero junto com a comunidade trabalhar tecnicamente com a terra para termos uma produção qualificada,

gerando um futuro melhor para as novas gerações. (Joanna Bette Silva dos Santos, Assentamento João Batista – Castanhal /PA)

As expectativas tanto dos jovens quanto dos adultos que estavam iniciando o curso técnico denotam a expressividade das demandas dos povos do campo para a continuidade da formação, denotam a demanda de uma educação do campo presente e que leve em consideração a realidade das populações locais, sua cultura, sua linguagem e que principalmente busque avançar na consolidação das comunidades.

Ao final dos três anos de curso e com dificuldades enfrentadas, seja de cunho econômico ou burocrático, de vivência e de convivência pelas partes envolvidas (movimentos sociais, instituição de ensino, PRONERA e os próprios Educandos), os concluintes da turma PRONERA 2006-2009 totalizaram 32 técnicos (Gráfico 4), sendo 11 mulheres e 21 homens. Esse é o quadro da primeira turma de técnico em agropecuária com ênfase em agroecologia, formados pelo PRONERA no estado do Pará. Embora o curso tenha se realizado pela pedagogia da alternância, o que possibilita a permanência e a atuação na comunidade durante as atividades do curso, muitos educandos tiveram dificuldades para a sua permanência nele.

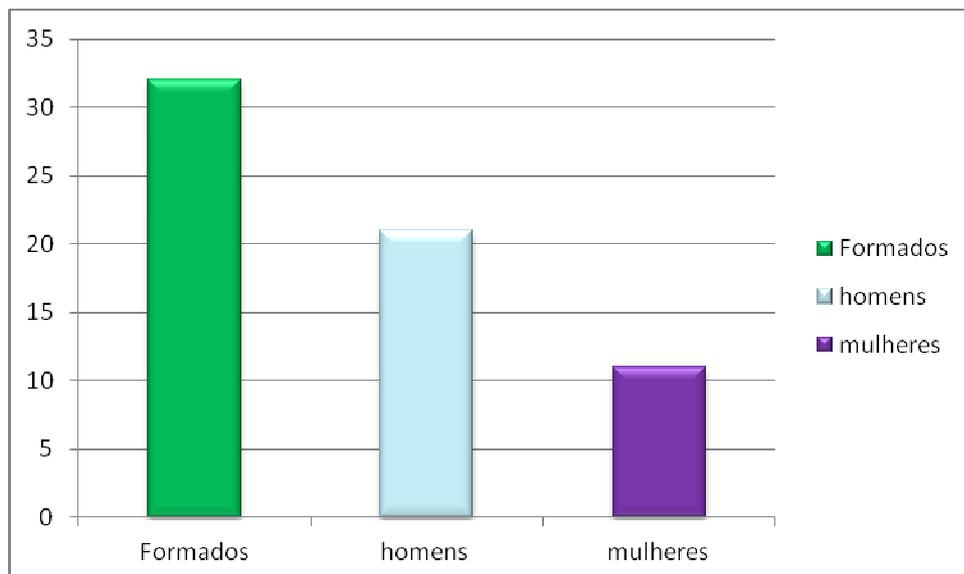


Gráfico 4: número de formados e a relação por gênero ao final do curso

Fonte: relação de concluintes cedido pelo IFPA campus Castanhal.

Formaram-se 32 técnicos, mas a demanda continua e é permanente na perspectiva de manter e ampliar o acesso à formação dos jovens e adultos, possibilitando que estes também possam atuar nos assentamentos da reforma agrária e nos assentamentos agroextrativista no estado do Pará. O que se demonstra na fala do Sr. Domingos Trindade Ferreira Pereira quando diz que:

“em 2011 foi realizado um levantamento pelo MORIVA nas ilhas de Abaetetuba, e em 60 dias aparecem cerca de 700 pessoas (jovens, adultas) com o ensino médio completo e que gostariam de fazer uma universidade.” (Sr. Domingos Trindade Ferreira Pereira. MORIVA)

Dos 32 concluintes conseguiu-se entrevistar 21 egressos, sendo 10 mulheres e 11 homens. No gráfico 5, buscou-se identificar o nível de escolaridade destes quando candidataram-se ao curso técnico, dados que contribuiriam para análise do impacto da formação técnica, social e política nas vidas desses egressos. De antemão, percebe-se que das mulheres que decidiram candidatar-se, muitas delas já possuíam o ensino médio ou o tinham incompleto.

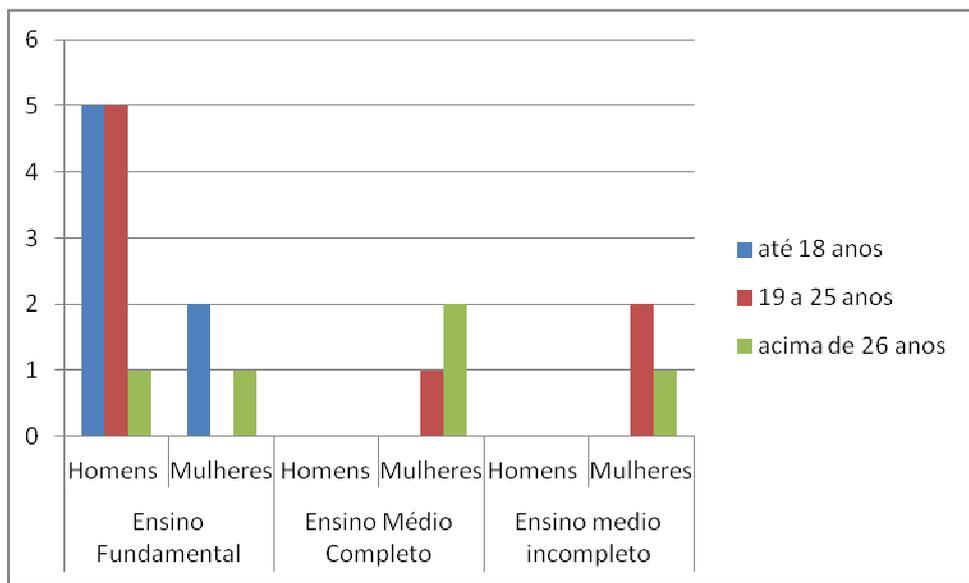


Gráfico 5: A relação gênero, faixa etária e escolaridade dos concluintes

Fonte: relação de concluintes e redações da seleção.

3.2 A Realidade Encontrada

A partir da identificação da turma, da sua composição e distribuição geográfica com os documentos analisados, tornou-se possível traçar as atividades de campo destinadas à realização das entrevistas. Sendo estas realizadas a partir de visitas às comunidades, aos assentamentos, às casas das famílias dos egressos PRONERA.

Após a identificação iniciou-se a visitas aos municípios. O contexto encontrado foi completamente diferente do que se poderia imaginar. Embora estivesse consciente que eram filhos de assentados, encontramos duas realidades diferentes e uma ainda pouco conhecida: as comunidades tradicionais ribeirinhas. Entre ler, ouvir e ver fotografias, vivenciar um pouco da realidade têm um espaço muito grande.

As realidades foram traçadas então de duas formas: assentamentos agroextrativistas e assentamentos da reforma agrária. Um é sob as águas, denominados de populações ribeirinha⁵ e outro sob a terra firme.

As duas realidades de um campo, um que vem das margens dos rios, da vida ribeirinha de um território reconhecido, vivenciado a gerações, onde o cotidiano é voltado, em momentos, para a pesca artesanal, em outros, para no extrativismo do açai (*Euterpe Oleracea*)

⁵ De acordo com Lima (2004), os ribeirinhos são identificados como um tipo de população tradicional, orientada por valores que regem um modelo de comportamento comunitário dos recursos naturais.

ilustrado na Figura 1, muito utilizado na alimentação em forma de ‘vinho’, assim como para comercialização; e o miriti (*Mauritia flexuosa*) ilustrado na Figura 2, muito utilizado para "vinho", caldos, assim como para o artesanato, além de outros frutos regionais. Local onde água mede o tempo, culturas e os períodos. Onde as distâncias de uma ilha para outra é resolvida pelo meio de transporte que é o barco ou a rabeta (barco pequeno). Ilhas cortadas pelos rios que, em muitos casos, as denominam, a exemplo do Rio Capim (Iha Capim) e Rio Guajará (Iha Guajarazinho).



Figura 01: Miriti (*Mauritia flexuosa*), muito utilizado para artesanato e na alimentação.



Figura 02: Açáí (*Euterpe Oleracea*), para alimentação e comercialização.

Fonte: www.frutacai.com.br



Figura 03: Barco: forma de transporte entre as ilhas.

A locomoção pelas águas exemplificada pela Figura 3 entre as ilhas, e das ilhas para a terra (como chamam a cidade), todas essas distâncias são resolvidas por canoas, barcos de transportes e pelas rabetas.



Figura 04: Estrutura de moradia das Ilhas Riberinhas/Ilha Xingu



Figura 05: Estrutura de moradia nas Ilhas Ribeirinhas/Ilha Campompema.

Na vida sob a água, quando as marés vão e voltam numa constância, as habitações precisam se adequar a essa realidade, a Figura 04 e a 05 apresentam exemplos de moradia, possibilitando essa adaptação para o tempo, geralmente são casas de madeira suspensas e com trapiches. Em algumas das Ilhas percorridas os quintais podem ser visitados e as plantas que são cultivadas suportam o vai e vem das águas.

A outra realidade é a dos assentamentos situados em terra firme, os territórios conquistados com luta e resistência pelas famílias que hoje lá se encontram. São locais com pessoas de raízes e origens diferentes. Onde a agricultura se mistura com hábitos urbanos de modo de produção peculiar e com enorme necessidade de se estabelecer naquele lugar, desenvolver-se.

As figuras 06 e 07 apresentam os contrastes de habitação/moradia nos assentamentos de reforma agrária. A figura 06 é de um assentamento em processo de consolidação, que já acessou créditos como o da habitação, possibilitando as famílias a construírem suas casas. As casas no caso do Assentamento João Batista foram construídas na agrovila e as unidades de produção ficam parceladas no restante da área.

A Figura 07 apresenta outra realidade de assentamento. Esse se encontra em fase inicial, ainda sem acesso aos créditos, por isso as moradias ainda revelam-se de forma improvisada, no entanto com condições mínimas de habitação pelas famílias.



Figura 06: Estrutura de moradia em Assentamento (João Batista, Castanhal/PA)



Figura 07: Estrutura de Moradia provisória em Assentamento (Abril Vermelho, Santa Bárbara/PA)

Nos Assentamentos organizados na terra firme, a organização em torno da produção para a subsistência, assim como para a comercialização são desenvolvidas de acordo com as condições locais, onde as famílias estão se desenvolvendo. Sendo assim, foram encontrados quintais com desenvolvimento produtivo a partir das práticas agroflorestais. Como o demonstrado na figura 08, que caracteriza a diversidade tanto próxima à moradia quanto ampliada ao restante do lote de produção. Muitas dessas práticas são de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, somadas aos conhecimentos construídos durante o curso técnico como se apresenta na produção de hortaliças na figura 09.

As realidades diversas se representam na figura 10, no assentamento Santa Maria 2, localizado ao lado de um rio, que também têm seu deslocamento tanto por terra quanto por barcos. Suas casas, dependendo da localização, podem ser de alvenaria ou de madeira, para adaptar-se às condições do local. É uma realidade na qual os animais se fazem muito presente para o sistema produtivo, por serem utilizados no trabalho e para comercialização.



Figura 08: Quintal produtivo em Assentamento (João Batista, Castanhal/PA)



Figura 09: Produção Agrícola em Assentamento (Paulo Fonteles, Mosqueiro-Belém/PA)



Figura 10: Animais de Produção e trabalho – búfalos (Assentamento Santa Maria 2, Acará/PA)

São duas realidades que estiveram presente e que muito contribuíram na construção do conhecimento agroecológico a partir de um curso técnico profissionalizante, no qual as perspectivas das organizações sociais são voltadas para formação técnica, social e política de jovens e adultos das comunidades rurais. Essas áreas, assim como a maioria dos assentamentos de todo o país, caracterizam-se pela desigualdade social, violência e pobreza, entre outros fatores. Identifica-se a ausência do Estado no que diz respeito às políticas públicas, tanto no campo da produção como da área social (saúde, educação, trabalho), que garantam vida digna as famílias assentadas.

O quadro 1, apresenta os municípios visitados, assim como as ilhas e assentamentos onde os egressos se encontram. E a figura 11 elucida a partir do mapa do estado o Pará os locais visitados.

Quadro 01 - Localização dos egressos entrevistados

Município	Assentamento/ilha	Quantidade de Egressos
Abaetetuba	Ilha Capim	2
	Ilha Campompema	3*
	Ilha Xingu	4
	Ilha Palmar	1
	Ilha Guajarazinho	1
	Ilha Sapucajuba	1**
	Ilha Tabatinga	1
Castanhal	P.A João Batista 2	3
Acará	Santa Maria I e II	2
Mosqueiro/Belém	Mártires de Abril	1
	Paulo Fonteles	1
Santa Barbara	Abril Vermelho	1***
Cametá	Antes morava em Sapucajuba**	1**

Fonte: Redação de seleção e documentos diversos

* Das 3, uma egressa que atualmente reside em Castanhal, no P. A João Batista II

* Egressa residia na Ilha de Sapucajuba e ao terminar o curso foi morar em Cametá/PA.

*** Egressa antes residia no P.A João Batista II e, ainda durante o curso, foi acampar onde hoje é o P.A Abril Vermelho, em Santa Bárbara/PA.

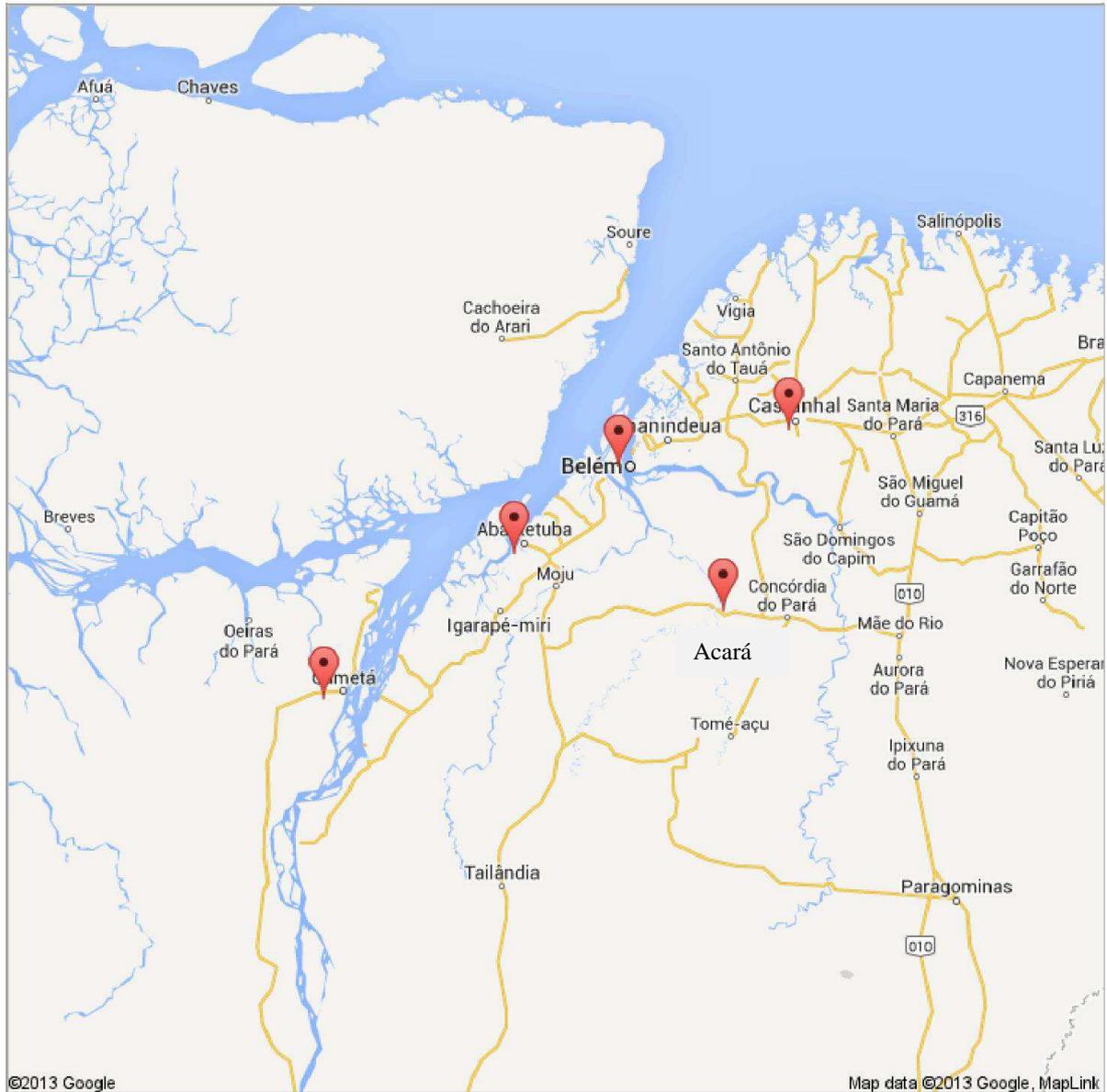
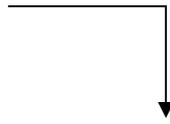


Figura 11: Mapa do Estado do Pará. Em destaque, municípios visitados durante as entrevistas aos egressos.

Fonte:

<https://maps.google.com.br/maps/ms?msa=0&msid=206480727516834436174.0004e429728bb2dac2647&ie=UTF8&ll=-1.749301,-48.762817&spn=1.63889>, Criado em ago 17 · Por iranilde de oliveira · Atualizado em 17 de ago. Google Maps

3.3 Discussão das entrevistas realizadas.

A partir de todas as informações levantadas, pessoas e organizações sociais contactadas conseguiu-se realizar as entrevistas com 21 Egressos. Estas foram articuladas junto a visitas às comunidades e às famílias, buscando em curto espaço de tempo vivenciar momentos que pudessem ao menos retratar a vida e o cotidiano desses jovens atualmente. Assim como ir com eles/as percebendo as mudanças apresentadas durante as falas nas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com apoio de um questionário semi-estruturado (Anexo 1), como o qual buscamos traçar uma linha do tempo a partir de relatos da história de vida antes de vivenciar a experiência do curso técnico, tal como relembrar esse momento e relacionar os conhecimentos adquiridos com os que são construídos no dia a dia na Unidade de Produção Familiar (UPF) e a relação com a agroecologia, e por fim chegar ao momento atual, apresentados nos tópicos a seguir.

3.4 Histórico de Vida

Esse momento das entrevistas teve o intuito de ouvir a história de cada um, sua origem familiar e seu caminho percorrido no acesso à educação. Assim como o trajeto que os levaram ao curso técnico, como ficaram sabendo dele e quais expectativas que foram criadas ou não. Relatar 21 histórias ricas e cheias de lutas cotidianas, seja individual, seja familiar e/ou coletivas nas organizações sociais que fazem ou fizeram parte, é complexo, mas revigorante também.

No caso dos moradores dos Assentamentos Agroextrativistas, os ribeirinhos, todos nasceram e se criaram nas ilhas, já os egressos dos assentamentos da reforma agrária que ingressam em um processo de luta pela terra foram antes moradores de centros urbanos como Belém, Ananindeua, Castanhal, Paraopebas, São Caetano de Odivelas, e um dos egressos veio do Estado do Maranhão ainda criança. Como já abordado anteriormente são dois processos diferenciados de organização e consolidação territorial.

O acesso à educação de todos foi com muitas dificuldades, tanto para morador de ilha quanto para o da cidade. Os moradores das ilhas de Abaeté geralmente estudaram de 1ª a 4ª série na comunidade e depois precisaram se deslocar para comunidades mais próximas, ou morar na cidade de Abaeté, como está demonstrado no Gráfico 06. Desses apenas um morador conseguiu terminar o ensino médio na ilha, porém ficando sem estudar ou repetindo de série, como foi o caso de Patricia Matias dos Passos.

Quando eu terminei até a 4ª série, eu tinha muita vontade de estudar, e pedi para estudar novamente a partir da 2ª série e refiz até a 4ª série de novo, encostada mas ia estudar. Daí depois fiz a SOME (sistema modular de ensino), comecei a fazer a 5ª série até o final do ensino médio, bem ao lado de casa, e com isso eu pude estudar, por que eu não teria ido para estudar na cidade por diversos motivos familiares. Somos 9 irmãos, só quem estudou foi eu e meu irmão mais novo. Os meninos iam com o pai pescar, e as meninas ficavam em casa para ajudar na casa e fazer

o matapi. (Patrícia Matias dos Passos, Ilha Sapucajuba, Abaetetuba/PA)

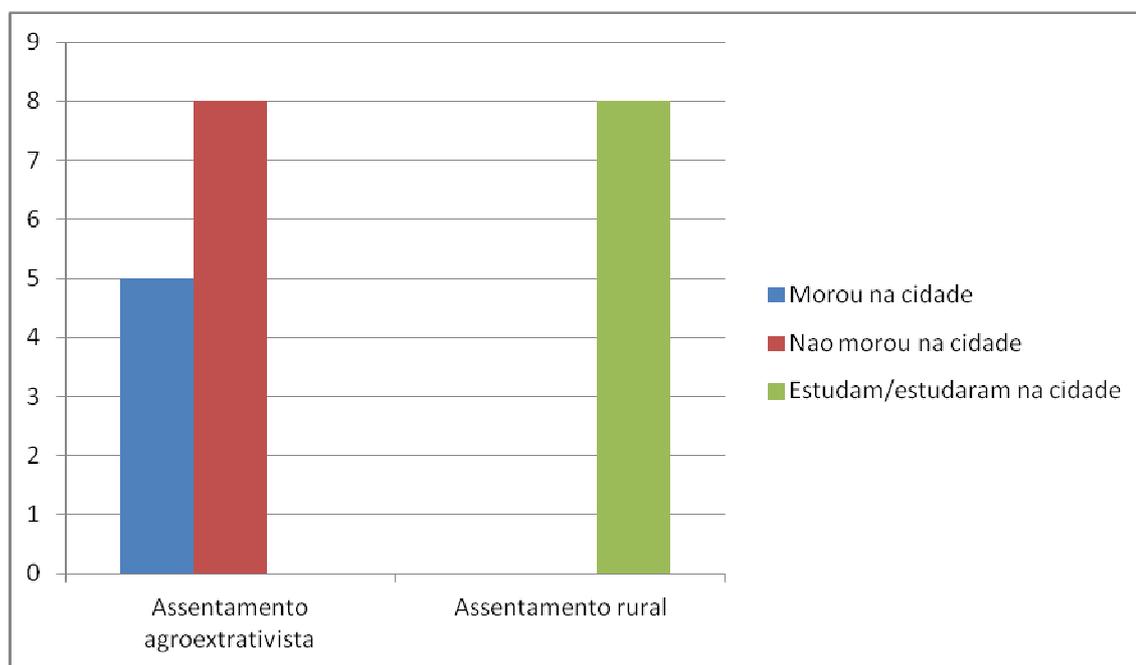


Gráfico 6: comparativo entre Assentamentos Agroextrativista e Assentamentos Rurais – Local onde os Egressos estudaram.

Fonte: relatos das entrevistas.

Os egressos dos assentamentos rurais todos estudavam nas cidades mais próximas a comunidade ou já haviam concluído ao menos o ensino fundamental ao ingressarem no processo de luta e acesso pela terra. Há um (01) dos egressos que após ingressar no curso passou a morar no assentamento.

Em geral, as escolas de ensino médio são limitadas às cidades. Para dar continuidade aos estudos após concluir o ensino fundamental, os jovens dos assentamentos precisam se deslocar por quilômetros para chegarem às escolas localizadas na cidade. Além do problema do transporte, há uma questão ainda mais grave: essas escolas localizadas na cidade são urbanas possuem uma identidade própria. Muitas vezes, ignora o campo e as suas especificidades, sua identidade, sua cultura. (HAGE & ALMEIDA, 2007:10)

Quando questionados de que forma ficaram sabendo do curso todos apontaram as organizações sociais sejam, pelas associações locais, ou no caso do MORIVA que fora grande responsável pelas mobilizações nas Ilhas, através das associações de moradores das ilhas que o compõe. Para melhor visualização, o gráfico 07 detalha as formas de comunicação para acessarem o curso. No caso dos assentamentos rurais as associações também tiveram contribuição significativa. Fica evidente que as organizações sociais constituem uma parte significativa no processo de mobilização e organização dos jovens e adultos para terem acesso a processos de formação, devido ao grande esforço que colocam na construção desde o início. Alguns apontaram mobilização também pelo próprio INCRA e as outras formas se deram por convites por parentes para acompanhar durante o curso.

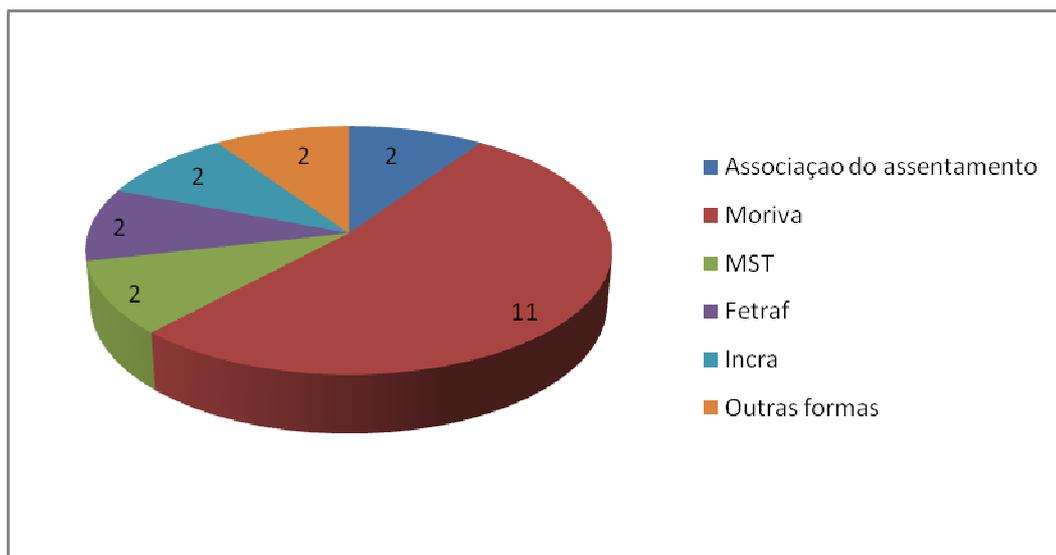


Gráfico 07: Como ficaram sabendo do curso T.A com ênfase em Agroecologia

Fonte: relatos das entrevistas concedidas

Ao serem abordados sobre as expectativas que os levaram a cursar o TAA, as falas abaixo trazem com clareza o que esperaram da oportunidade de voltar a estudar, de continuar estudando e de iniciarem um curso técnico profissionalizante. Contudo também apresentaram o anseio de contribuir com a comunidade, com a família e com eles próprios. Estas falas expressam o conjunto de falas das 21 entrevistas realizadas.

- *aprender a lidar com a terra por estar morando no meio rural, no campo, ou na colônia.*
- *por ser uma oportunidade de no futuro ter acesso a um bom emprego, por que um curso técnico pode abrir muitas portas.*
- *gostaria de atuar na minha comunidade, pois há uma demanda muito grande para realizar demarcação de terra, escrever projetos, e os técnicos que vem aqui geralmente não entendem a nossa realidade.*
- *gostaria de atuar na minha comunidade, ser contratado como um técnico, remunerado.*
- *vi uma oportunidade de continuar estudando, ter acesso a uma boa educação, educação de qualidade.*
- *me identifiquei com o curso, não apenas por morar numa área rural, mas por que gostar de lidar com animais, queria poder cursar medicina veterinária.*
- *não tinha ideia do curso, fui conhecendo durante ir estudando e fui gostando.*
- *vi como uma possibilidade de mudar de vida.*
- *cursar o ensino técnico, eu acabei indo muito pela motivação de terminar o ensino médio profissionalizante.*
- *Eu fazer o curso foi pra aplicar no meu lote e repassar pro filhos. Fui fazer para incentivar o meu filho que estava desmotivado para estudar.*
- *Não sabia, mas diziam que era voltado para a realidade onde se vive.*

Algumas das motivações também foram apontadas pelas perspectivas colocadas pelas organizações sociais de que, após a conclusão do curso, teriam condições de organizar uma cooperativa de técnicos que pudessem assumir a demanda que existia principalmente para os

novos assentamentos agroextrativistas⁶. Entretanto, pela fala de todos, essa possibilidade foi ficando muito distante, já que todos os técnicos, para serem contratados, teriam que ter 2 anos de atuação profissional⁷. Com isso alguns foram se desmobilizando e muitos outros buscaram outras formas de atuação.

Percebe-se que muitos não sabiam ao certo do que se tratava o curso como demonstrado no Gráfico 08. Alguns foram pela oportunidade que lhes era apresentada. Seria uma possibilidade de estar avançando em seu processo educacional, de ampliar as chances de ter acesso a uma faculdade, entre outras questões. No entanto, é tocante a vontade de mudar e de conhecer outras realidades, avançar em seu processo de formação. Para muitos a ida para Castanhal fora a primeira oportunidade de conhecer outras culturas.

“(..) eu não sabia, eu já estudava no Cônego, eu achei que era um curso normal de agropecuária, mas foi bom, e não foi bom, devido as dificuldades. Eu não tinha noção do que era agroecologia” (Janaína Gomes, Castanhal-PA)

“(..) Fui ver o que era outra realidade, ver acampamento, a gente foi ver a realidade da João Batista, ver Santa Bárbara, tinha uns de lá, a gente viu uma outra realidade diferente da nossa” (Cacilda Barreto, Abaetetuba-PA)

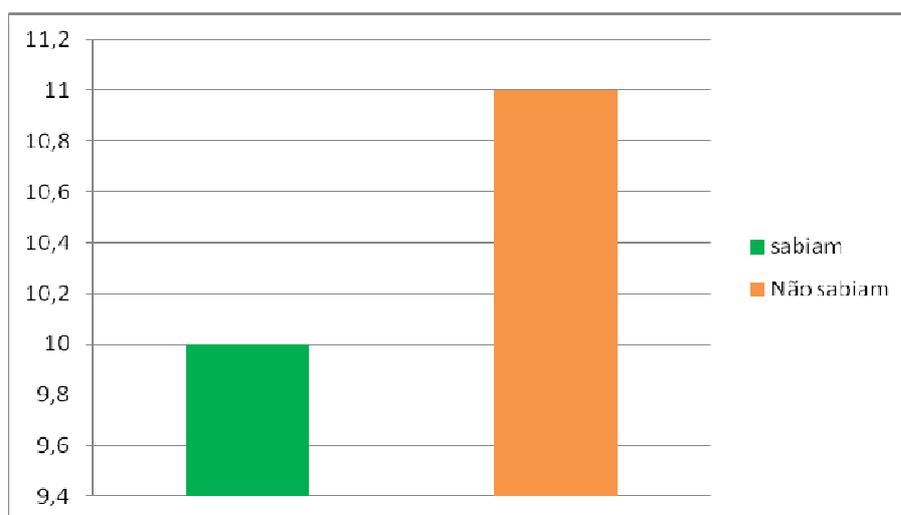


Gráfico 08: conhecimento prévio sobre o curso

3.5 A Vivência no Curso

A experiência do curso foi a de vivenciar um curso com a metodologia da pedagogia da alternância, em que as ações pedagógicas são organizadas em tempo escola e tempo

⁶ Essa questão é remetida apenas ao MORIVA, pois aparecem apenas nos relatos da organização e dos egressos ribeirinhos, pode ser que as demais organizações tivessem a mesma expectativa, mas como não foi possível ouvir os depoimentos não podemos expressar que seria anseio de todas as organizações.

⁷ Parâmetros para contratação de Técnicos de acordo com a Lei de ATER nº 12.188/2010 (www.portal.mda.gov.br)

comunidade, sendo completamente diferenciada de qualquer processo educacional vivido pelos jovens e adultos. E como há uma abordagem social e política nos cursos, devido ao acompanhamento das organizações sociais que colaboram na execução, há momentos de formação política dentro da estrutura do curso, principalmente para que os jovens possam compreender todo o processo de debate ao entorno da educação do campo assim como processo que estão vivenciando.

Este espaço da entrevista era destinado a relatos sobre como eles se viram vivendo este processo de formação. Deixando-os abertos a apresentarem suas críticas, todavia buscando perceber a visão destes desde a organização do curso, bem como a relação deles com a sua realidade local, com a comunidade e com a família.

Em relação à metodologia, em todas as falas apontou-se que foi muito bom, principalmente por poderem estar próximos de casa, por que como já apresentado no caso dos moradores das ilhas, a maioria tinha que ir morar na cidade, pois os cursos eram regulares. E no caso do Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia (TAA) eles podiam continuar a vivenciar a comunidade e não perdiam vínculo com escola, pois mesmo em suas comunidades estavam executando metas destinadas à pesquisa para o TE.

“Foi um espaço muito rico, tempo escola – tempo comunidade, por que garantiu o que o ensino médio de Abaetetuba não garantia. Ajudou que contribuía com as famílias nas unidades produtivas e não perdia o vínculo com a instituição” (Huéliton Pereira, Abaetetuba/PA)

“o que era aprendido na escola teoricamente tinha que ser colocado em prática na comunidade, essa relação era muito bom” (Luiz Otávio Albuquerque, Mosqueiro-Belém/PA)

“Achei muito proveitosa, de vivência e do curso eu achei muito importante, a questão do tempo escola, do tempo comunidade com muitos resultados positivos, a gente tinha metas. Quando a gente tinha tempo escola tinha tarefas para fazer, o professor também vinha ver. Lá a gente tinha aulas teóricas e ia vendo ela depois na nossa realidade de que forma ia poder ajudar agente. A interdisciplinaridade fazia com essas disciplinas desse suporte para as disciplinas do técnico. Por exemplo, vinha a geografia, a história que fazia a gente pesquisar sobre a nossa comunidade, por exemplo, sobre estudar a ALBRAS⁸, e a geografia com os impactos que eram provocados na nossa comunidade. Não só técnico, mas político” (Dadiberto Pereira, Abaetetuba/PA).

Ainda sobre a experiência da metodologia e a relação das disciplinas do ensino médio com o técnico, todos perceberam essa relação e compreenderam a importância de terem ocorrido dessa forma, e ainda de poderem relacionar pesquisa à comunidade. E com esse processo poderem conhecer melhor o local onde estão. Muitas disciplinas voltadas à área técnica foram faladas, assim como as dificuldades de vivenciar algumas delas, como no caso

⁸ ALBRAS –Alumínio Brasileiro S/A. Trata-se de uma empresa localizada na Vila do Conde – Barcarena/PA, e pode ser vista da Ilha Capim, assim como sofrem impactos ocasionados pela empresa.

da área de zootecnia: bovinocultura, suinocultura foram apontadas com as mais difíceis para alguns moradores das Ilhas, por não serem a realidade.

“(.) Foi interessante, eu fiquei com medo do gado eu nunca tinha visto, a gente não sabia muita coisa, fazer coisa que eu nunca vi” (Josiclésio Cavalheiro, Abaetetuba/PA)

(...) Era mais técnica, como lidar, a gente sabia pouco, juntava os conhecimentos deles e o nosso. Bovino, caprino foi mais dificuldade, por não ter conhecimento”. (Orlandino Silva, Abetetuba/PA)

“Eu tinha medo dos bois, por que onde eu morava não tinha, morria de medo daqueles bichos. Tinha gente que não tinha dificuldades. Mas eu tinha por que toda minha família era de pescadores”. (Patrícia Matias, Abaetetuba/PA)

A Mandala foi uma das atividades da área técnica também colocada por todos como um divisor de águas, pois com ela puderam por muitas disciplinas em prática e as práticas adquiridas na vida também foram somadas a ela. Puderem se convergir na construção da Mandala, essa prática aparece nas falas como um momento ímpar para eles. Claramente expresso na fala do Antônio Damasceno, contudo registrado em diversos outros relatos.

“Mandala foi um projeto mais fantástico da lógica da diversidade, as sustentabilidade e dentro dessa mandala, teve física, português, matemática, química teve nossa diversificação de professores e de disciplinas. Isso é um começo e princípio da agroecologia” (José Antonio Damasceno, Castanhal/PA)

Mas das disciplinas ministradas, as que levavam a descobertas da sua realidade eram colocadas de forma muito consistente e admiradas pelo impacto que estas desenvolveram na vida destes, diante da sua comunidade. Nas falas apontaram a matemática como uma das mais passíveis de se descobrir na realidade a sua aplicação. Esta disciplina tida geralmente como a mais difícil de compreender em sala de aula, quando colocada para a vida, para o cotidiano há um impacto considerado e todos afirmaram que nas escolas normais deveria ser usado esse método, ‘ficaria mais fácil de aprender as coisas’, destaco em algumas falas abaixo:

“As disciplinas que foram dadas, matemática, biologia, desenho técnico. Por exemplo, a matemática, meda seu lote e veja quando hectare tem seu lote e desenha e coloque quanto ele tem de largura e de comprimento, daí a matemáticas serviu muito aí, foi aí eu que fui descobri o tamanho do meu lote, que eu tinha 10 hectare. Ai que fui ter noção das coisas. Nunca soube desenha, mas até então com as aulas de desenho meu desenho melhorou, o que era cilindro no lote, o que tinha retângulo, quadrado, dentro do lote. Até que foi boa, mas no caso, por que foram poucos dias”. (Luciléia Albuquerque, Mosqueiro/Belém/PA)

“Desenho do lote, e sistema de produção, então as disciplinas de matemáticas o português voltada para a nossa realidade. Teve manejo para área de várzea, e dentro da agroecologia”. (Natália Nogueira, Abaetetuba/PA)

“Tive muita dificuldade em matemática, não entendi, mas aos poucos ia conseguindo tirar nota, que a gente ia fazendo durante o tempo, e ia somando notas para nota final, foi bom. Todos me ajudavam, por que eu não conseguia entender. Era associado ao acampamento, a nossa cultura, ai dava pra entender algumas coisas” (Antonio Carlos, Acará/PA)

Uma questão aparente em todas as falas registradas foi o impacto de iniciar uma convivência com pessoas totalmente diferentes e estranhas até o momento. E essa relação fora apontada por todas as pessoas, sejam os moradores das ilhas, quanto dos assentamentos rurais. A moradia, o alojamento, os contrastes de idade, a distância da família, as diversidades de realidades diferentes, as origens e culturais. Mas que foram se encaixando ao longo do período do curso. A organização pedagógica contribuiu para esses ajustes de convivência.

“no começo do curso quando a gente foi pra lá, um cidade que só ouvia falar, então a gente não conhecia ninguém, entendeu? As meninas daqui são das ilhas a gente não se conhecia. (Edna Brito, Abaetetuba/PA)

“Olha eu, pra mim o curso foi muito importante, principalmente a questão de vivência, de conhecer as pessoas, a gente começa a ver as coisas de forma diferente, principalmente a convivência com as pessoas. Por que a gente não foi de forma sozinho, eu fui indicado, assim, pelas lideranças, e chegou lá a gente tinha toda uma disciplina, pra, tinha uma orientação para seguir, e assim mesmo a gente pode perceber assim uma certa dificuldade de conviver com as pessoa, por que ninguém é igual, mas ao mesmo tempo tinha uma organização que ia fazendo com que aquilo acontecesse que desse certo e eu achei muito proveitosa, de vivência com as pessoas e do curso para nossa formação”.(Dadiberto Pereira, Abaetetuba/PA)

Bom esse curso, era uma turma de 40 alunos, devido esse curso de filhos e para filhos de assentados, essa turma de 40 pessoas tinha que conviver em coletivo tanto na escola quanto na casa, o tempo que fosse passar, né! Só que cada um pensa diferente, cada um é diferente, né?! Então a gente para lidar com outras pessoas logo de início né, assim né, tava acostumado a que, a viver em casa com meus filhos, minha família, agora imaginar de conviver além de mim meu filho, minha irmã e com mais 37 pessoas que eu nuca tinha visto, e jovens, era eu, uma colega e mais um Sr de acará que éramos os mais velhos, os 37 eram tudo

jovens, de 17, 18, 19, 20, 23, essa faixa etária e eu com mais 2 com mais de 30 anos, teve toda essa dificuldade de entrar no ritmo dos mais jovens e a convivência de viver junto com eles, eu tinha preocupação com todos – dizer hora de banho, de ir para escola – para mim de início foi difícil, lidar com o pensamento de cada, um com a ideia, mas depois com o tempo a gente vai se acostumar com cada um até entrar no ritmo deles. E dentro da escola, também tinha dificuldades de ficar encostado nos mais velhos, por que tinha mais experiência, né?!(Luciléia Albuquerque Santa Rosa, Mosqueiro-Belém/PA)

“Era a primeira vez que eu saía daqui, gostei de conhecer outro lugar, conhecer pessoas isolado, eu não gosto de estar com muita gente, conviver com muita gente é complicado, tem gente que gosta de uma coisa, outra gosta de outro. Mas foi bom conhecer outras pessoas.” (Izaque Cavalheiro, Abaetetuba/PA)

“logo nos primeiros meses foi difícil, não tinha, nunca tinha ficado longe de casa, com o tempo eu fui me acostumando, tanto que hoje eu fico meses fora de casa, mas teria sido bem pior ter feito um curso regular e ir em casa só nas férias” (Ângela do Socorro, Abaetetuba/PA)

“Nós ficamos juntos na mesma casa, ficávamos morando juntos a maior parte do tempo, a formação era muito que para além da sala de aula, por que a gente conversa muito sobre isso, sobre como era na localidade deles como faziam, as estratégias de como faziam para trabalhar na terra, e a gente percebia que reforma agrária era uma realidade bem diferente do que a gente trabalhava, então isso permitia o contato com outras situações, e não perder o vínculo como que a gente vinha fazendo aqui. A discussão da agroecologia veio muito a fortalecer o que a gente vinha fazendo aqui.” (Huéliton Pereira, Abaetetuba/PA)

Em relação à vivência, também relataram questões relacionadas com a convivência com os demais estudantes da Escola Agrotécnica Federal de Castanhal (E AFC). Constituído por turmas regulares ao mesmo tempo em que acontece um curso com metodologia diferenciada, os demais estudantes sentem dificuldades de compreensão. Mas essa relação foi marcante para todos os egressos, como se sentiram discriminados, tanto pelos discentes quanto pelos docentes. Também colocaram que foi perceptível que nem todos docentes acreditavam ou concordavam com a metodologia, além de que o curso tinha um foco diferenciado, baseado na agroecologia que não era o foco de atuação de muitos dos docentes na escola.

“Com a escola a gente enfrentou no princípio, tipo uma discriminação muito grande, por a gente ser moradores, a gente morar nas ilhas, aí pessoal em ter um curso bancado pelo PRONERA, aí os outros alunos não gostavam da gente por causa disso, diziam que a gente tinha regalia dentro da escola,

que a gente não trabalhava nos setores da escola, eram puquinho os que se davam com a gente, tinha professores também que gostava e que não gostava da gente”. (Izaque Cavaleiro, Abaetetuba/PA)

Tinha uma parte dos alunos que olhada diferente pra gente, no começo a gente queria desistir do curso, mas depois com o tempo a gente foi se habituando, aí a gente foi conhecendo os professores e fui ficando. (Edna Brito, Abaetetuba/PA)

“A chegada na agrotécnica, foi tipo um impacto em relação aos outros alunos, não teve um interação com os outros que eram regular, teve um impacto, eles faziam brincadeiras. A gente chegou e devido a metodologia e os alunos, a maioria era de região da reforma agrária, tinha essa diferença. E dentro do curso todos eram diferença, nos de Abaeté, nos tínhamos uma vitória diferente de castanhal, de mosqueiro, de acará ainda é de comunidade tradicional, que era de reforma agrária, ocuparam, resistiram e conseguiram a terra. O nosso não. Para gente entender isso, foi um conflito, até a gente entender a atenção do curso, a reforma agrária a agroecologia, foi muito bom”. (Florivaldo Amaral, Abaetetuba/PA)

“Lá no colégio mesmo, a gente tinha medo, chamavam de calouro, chamava de sem terra, eles discriminavam a gente tudo.” (Josiclécio Cavaleiro, Abaetetuba/PA)

Uma questão impactante foi a estrutura da EAFC que era discrepante em relação às escolas que haviam frequentado em sua vida.

A estrutura física do instituto, e muito boa, era uma coisa que eu não estava acostumado, a gente que estuda aqui ver as dificuldades das salas de aula, e lá um ambiente totalmente confortável, a gente tem aquela, aquele apoio, tem a biblioteca que agente podia ir fazer pesquisa, e toda a assistência a gente encontro um pouco de dificuldade não por parte da instituição. (Ademir Trindade, Acará/PA)

Hage e Almeida (2007) também trazem a descrição das escolas ofertadas no campo, com estruturas precárias, e com difícil acesso devido às questões estruturais de transporte, assim como foram percebidas por Ademir Trindade a diferença fora por todos os demais egressos.

Muitos não possuem estrutura mínima para a realização do trabalho pedagógico. Não disponibilizam recursos básicos para as atividades educativas, tampouco ambientes como biblioteca, laboratório de informática, brinquedoteca, multimeios, entre outros. As escolas são tão precárias quanto todas as outras dependências de um assentamento (HAGE; ALMEIDA, 2007:11)

A metodologia do curso TAA previa acompanhamento pedagógico e político durante TE e no TC, tanto pela instituição de ensino quanto pelas organizações envolvidas na execução do curso.

Durante as entrevistas buscamos perceber como os egressos compreenderam esse método e todos declararam claramente as dificuldades e a complexidade que foi a execução do projeto via PRONERA, tal como as consequências que isso acarretou no decorrer do curso. Contudo ressaltaram a determinação de todos os envolvidos: educandos/as e instituição de ensino, que para eles teve um papel importante para a continuidade e o término do curso.

“A escola era presente, quando surgia dúvida a gente entrava em contato, pelo Movimento era quando a gente precisava da casa pra se reunir”. (Cacilda Barreto, Abaetetuba/PA).

“quando nós vinha para ilhas a fiscalização, o acompanhamento ficava por conta da escola. Aí claro a gente vinha fazendo uma palestra. Aqui era só pelos professores. Eles sabiam que o aluno estava estudando e queriam saber uma resposta.”(Dadiberto Pereira, Abaetetuba/PA)

“O certo era ter um acompanhamento do professor aí quando tinha o acompanhamento que conseguir vir, era com maior dificuldade, quando vinha era melhor ainda. Ficava muito contemplado, às vezes nem era por falta de vontade dos professores”.(Florivaldo Amaral, Abaetetuba/PA)

A dificuldade maior, os professores vinham, tinha na programação, a gente se programava para receber, gerava uma perspectiva, eles não vinham. (Natalia Nogueira, Abaetetuba/PA)

3.6 A Unidade de Produção Familiar (UPF) - Antes e Após a Formação Técnica

Neste momento da entrevista buscou-se realizar uma linha do tempo para compreender o processo unidade de produção familiar - UPF dos egressos, assim como a inserção deles no processo de produção e como esse se deu e tem se dado após a participação dos egressos no curso técnico. Além disso, buscou-se também refletir sobre o sistema de produção desenvolvido anteriormente, se era agroecológico ou não.

A relação no social, no familiar e na agricultura/extrativismos proporcionou-lhes construir conhecimentos, que se denominam de empíricos. Desta forma, buscamos verificar se conseguiram usá-los durante o curso TAA, visto que a própria metodologia pedagógica busca proporcionar essa troca de conhecimentos. Assim como, discutir como estão colocando em prática os conhecimentos adquiridos, atuando na unidade familiar, na comunidade ou em outras localidades.

A partir dos relatos e das reflexões junto aos egressos conseguiu-se identificar a sua prática na UPF, antes de irem para o curso TAA. Assim, demonstrado no gráfico 09. Para compreensão destacamos essa atuação em “atuação direta”, “atuação eventual”, e “não atuação”.

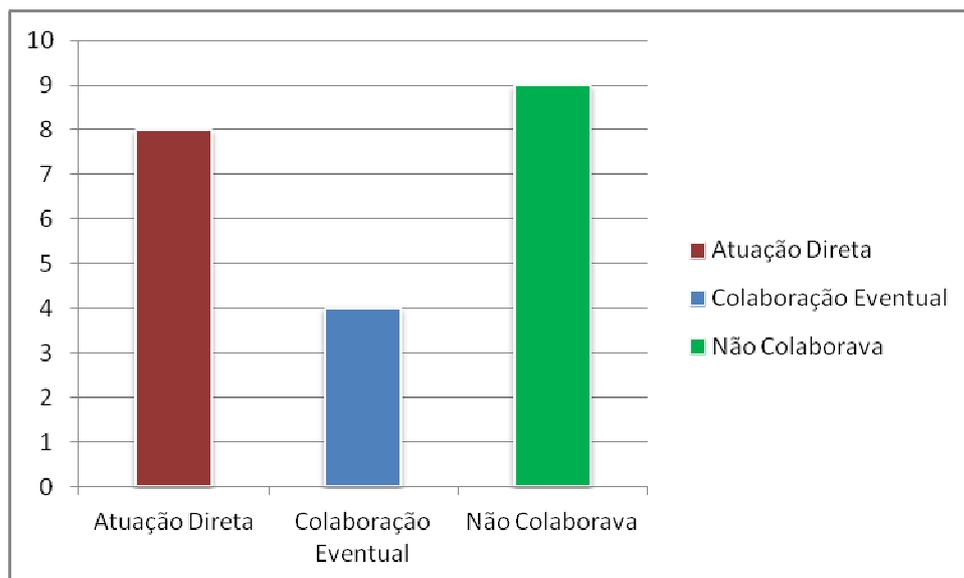


Gráfico 09: Atuação na unidade produtiva antes do curso

Deste modo, 08 (oito) egressos classificaram a sua atuação na UPF de forma direta, ou seja, contribuiu diretamente na produção para subsistência da família a partir do manejo realizado na produção agrícola, no manejo extrativista e na pesca.

Os egressos que relataram que iam para lida na roça de forma eventual totalizam 04 (quatro). Geralmente era no momento de preparo da terra, ou apenas no plantio, ou somente da colheita, não se envolvendo durante todo o processo produtivo. No entanto, a maioria que se coloca nessas condições, eram os que estavam estudando nas vilas, na cidade, indo para casa apenas em finais de semanas e feriados. A participação também se dava em confecções de produtos utilizados na agricultura e na pesca: confeccionar ou reparar redes de pesca, tecer matapi, despolar açaí, despolar miriti, dentre outras atividades.

Aqueles que se descreveram com a não colaboração na produção agrícola totalizam 09 (nove), embora morassem no sítio/lote, a contribuição na família era restrita aos afazeres da casa, geralmente são casos das egressas de sexo feminino. Dentre estes há os que não tiveram vínculo com a terra, havia os que se encontravam em fase de acampamento no momento de inserção no curso, também há relatos de estarem estudando desde cedo na cidade e não terem muita relação com a lida na produção agrícola.

A reflexão sobre os dados é de que alguma forma todos contribuía na UPF, até os que disseram que não, pois os afazeres do lar devem ser vistos como uma contribuição. Principalmente por serem os responsáveis pela organização dos alimentos, higiene do lar e muitos deles estarem envolvidos com a produção de artesanatos. Esses relatos foram tanto dos egressos de sexo feminino, quanto os de sexo masculino.

Em relação às práticas utilizadas na agricultura na UPF, buscou-se verificar se estas eram agroecológicas ou não, a partir do ponto de vista de cada egresso e levando em consideração seus conhecimentos prévios e os que foram então construídos ao longo do curso. Para visualizar a forma que viam as práticas o gráfico 10 nos demonstra quantos egressos apontaram já ter práticas agroecológicas no sítio da família antes de irem para o curso TAA, totalizando 08 (oito).

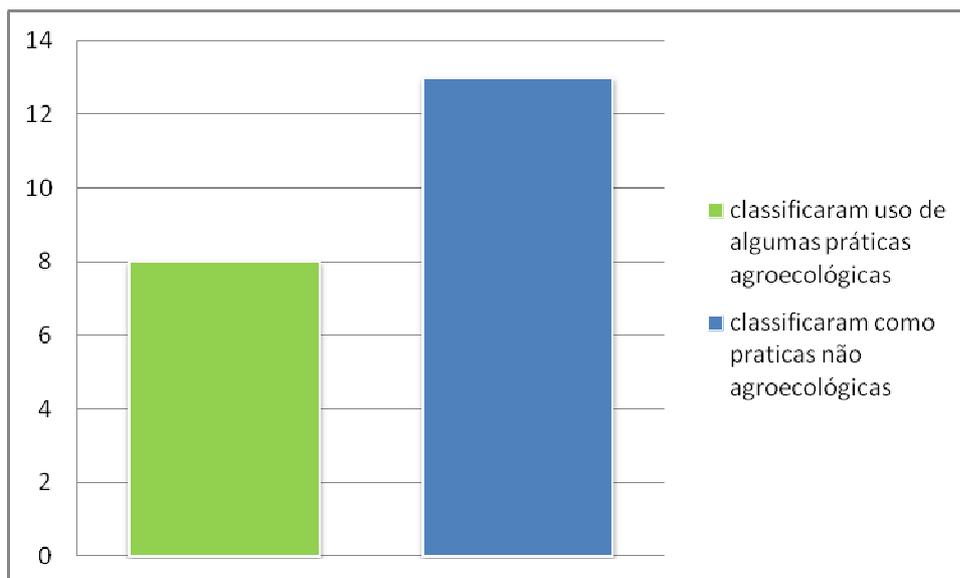


Gráfico 10: Percepção sobre as práticas usadas na unidade familiar antes de ir pro Curso TAA

Fonte: relatos das entrevistas realizadas com egressos

Os egressos que classificaram que as práticas já eram “ecológicas” as caracterizaram assim por não haver uso de “veneno” nelas. Embora tenham apontado o manejo do açaí de uma forma que classificam não ter sustentabilidade, devido à forma de manejar peculiar às ilhas Ribeirinhas. Um manejo “não sustentável”, uma forma de produção passada de geração à geração e que estava sendo modificada, principalmente, pela demanda do mercado para a comercialização, estavam desmatando “abrindo clareira” para plantar açaí e a paisagem foi sendo modificada, como disseram “*as vezes tirava muitas árvores só para colocar açaí*”. Além do açaí há o desenvolvimento de outras roças como macaxeira, mandioca para farinha, milho, frutas assim como o uso de animais (suínos, galinha, pato, perus, etc.)

Os que classificaram as práticas como não sendo agroecológicas a partir dos conhecimentos prévios são 13 (treze) egressos, pois descreveram que as práticas usadas para o manejo de açaí não eram sustentáveis, por desmatar deixando somente o açaí. Além de falarem das práticas comuns na região amazônica, sendo: queima, coivara, uso de alguns adubos, e uso de alguns “venenos” que não souberam apontar quais, mas que não eram em muita quantidade, apenas usados em algumas plantações quando por ventura aparecesse alguma praga. Na fala de Izaque Cavalheiro, ele explica de forma sintética que, para ele, não atuavam com métodos agroecológicos.

“A gente não trabalhava agroecologicamente por causa da queima, a gente não usa veneno”.(Izaque Cavalheiro, Ilha Xingu/Abaetetuba-PA)

A partir de sua metodologia o curso proporciona atividades a serem desenvolvidas na UPF durante o TE, visando vários aspectos tais como: aprimorar e introduzir novas ações que contribuíssem com o manejo, que possibilite o aumento na produção de forma sustentável, porém levando em consideração muitos dos conhecimentos e práticas já realizadas; bem como fazer da unidade familiar um espaço para teste das técnicas aprendidas na EAFC, além de irem se testando, se experimentando para uma futura atuação para além da família, pensando na comunidade onde se está inserido e nas outras do entorno.

Sendo assim, muitos conseguiram desenvolver práticas e experiências em conjunto com os pais, apontando que fora fundamental a participação desses, visto que geralmente é o pai, como chefe da família, quem organiza e determina as ações no lote. Da mesma forma as mães quando chefe da família. Todos os egressos apontaram a importância do aval dos pais e mães para o desenvolvimento de ações na unidade familiar e de pequenas modificações que pudessem otimizar tempo, aumentar a produção e trazer mais sustentabilidade para a família em períodos de escassez de produção, a qual nas ilhas, por exemplo, é o açaí.

Para exemplificar o resultado das entrevistas e das intervenções ocorridas na UPF durante e depois do TC, o gráfico 11 nos detalha que após a conclusão do curso, 09 (nove) egressos não avançaram nesse processo de intervenção na Unidade de Produção Familiar (UPF), embora durante a execução das tarefas estivessem presentes. Algumas questões foram relatadas, tais como: não terem mais oportunidade, busca por atividades fora da unidade familiar, saída do assentamento, terem ido morar na cidade. Outros continuaram, mas voltaram a não se envolver nas práticas. Entretanto, 12 (doze) egressos relataram mudanças significativas que ocorreram na UPF, assim como inserção de novas práticas como cultivo de horta, produção de aves, inserção de essências florestais, reflorestamento e recomposição de áreas de açazal, nos caso das Ilhas.

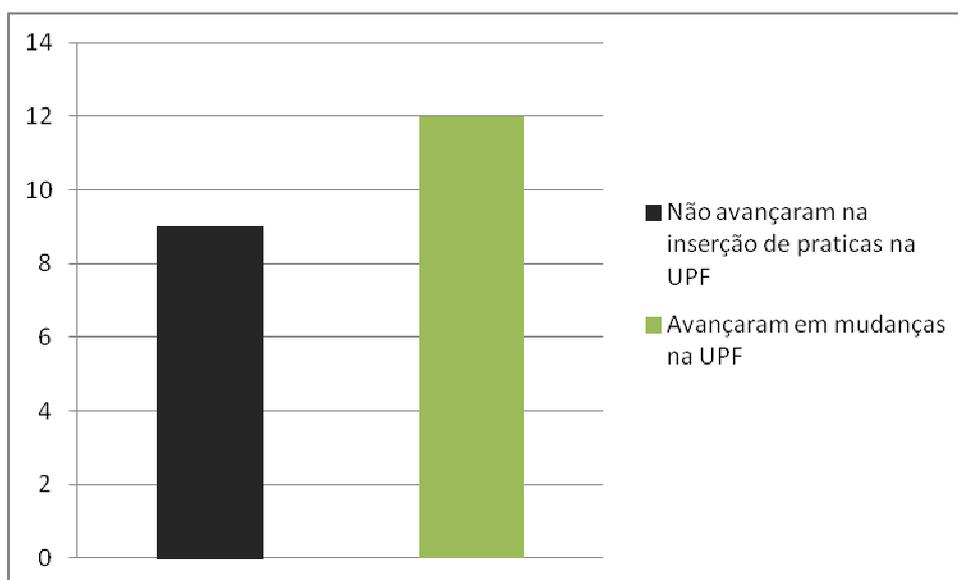


Gráfico 11: Inserção de práticas na UPF após o término do TAA

Fonte: relatos das entrevistas cedidas

Uma fala que elucida bem a questão da inserção de práticas na unidade familiar e como visualiza a produção nas ilhas é a do egresso Dadiberto Pereira.

Na verdade, aqui mudou muito depois do nosso estudo, do nosso trabalho. Aqui antes era só o extrativismo do açaí. E qual a ideia, é tirar todas as árvores e deixar só o açaí, eles não tem esse conhecimento teórico de que tirar todas as árvores isso vai trazer outros problemas, é mais importante o trabalho, o manejo florestal e que trabalhe outras culturas, por que o açaí tem as safras, o agricultor tira toda a mata, e no verão só tem açaí e no inverno ele passa fome, por que não tem outras culturas. A gente começou a ver a questão da importância da policulturas,

né? E outras culturas para que ajudasse os subsistemas a não ter esses problemas econômicos, que acontecem muito, por que é muito pro açaí, não faz pro cupuaçú, cacau, para manga. A gente começou a aprender muita coisa, com muita calma para poder ir convencendo o pai, são resultados a longo prazo, não são resultados imediatos, para ir mudando a forma de produção. Temos conseguido, assim, aos poucos. Uma coisa muito prática, a gente tá produzindo essências florestais: andiroba, seringa, miriti e cada planta dessa tem uma importância muito grande. Se trabalhar direito. Trabalhar compostagem. Mata cicliar a gente não tinha conhecimento, o manejo florestal. (Dadiberto Pereira, Ilha Capim/Abaetetuba-Pa)

É importante trazermos observações sobre o grupo de egresso que faz intervenção na UPF, visto que após o curso 04 (quatro) foram assentados, sendo que destes, 03 (três) constituíram família e então desenvolvem as atividades dentro da sua própria UPF, mesmo que ainda continuem muito próximos aos seus pais, relataram que ainda contribuem em momentos específicos. E ainda, dos 12 (doze) egressos há 01 (um) que constituiu família, mas ainda é agregado a UPF dos pais com quem desenvolve as atividades de manejo agrícola, e 01 (um) que casou e desenvolve suas atividades na UPF na qual se inseriu.

As questões que envolvem aqueles que não estão desenvolvendo as suas habilidades técnicas na UPF perpassa por outras questões relatadas. Dos 09 (nove) egressos que relatam não estar inserido nas atividades produtivas, 05 (cinco) estão trabalhando fora, em atividades técnicas ou em outras áreas e há os que estão estudando também como no caso de Florivaldo Amaral, destacado abaixo. E dos 12 (doze) egressos que relatam estar ainda em processo de intervenção, mas há 02 (dois) egressos que atuam fora, como técnicos em agropecuária.

“Mudanças, acho que não houve, por que fica só meu pai, e eu logo vim estudar e não tive muito tempo de ficar em casa, é só nós dois. Mudanças em preparar o açazal, de começar o deixar pé de andiroba, de miriti, começou o manejo de açaí, que tem que tirar tudo, não pensava que isso acabava com a diversidade da área de várzea, agora não. Passou a fazer isso, deixando as plantas nativas, tirando as que não têm valor comercial, foi isso que mudou logo de cara, o manejo de açaí. Foi o que eu consegui” (Florivaldo Ilha Xingu/Abaetetuba/PA)

Dos Egressos que foram assentados, e estão atuando na sua própria UPF, exemplificamos com a figura 12, o lote da egressa Lucileia Albuquerque que tem conseguido realizar a sua produção com práticas agroecológicas. A horta apresentada na figura abaixo é em parceria com vizinho, e já está sendo comercializada. Além da horta tem outras roças: mandioca, açaí, milho, abacaxi e muitas outras frutíferas. Foi assentada ao longo do curso TAA, no mesmo lugar onde estava acampada quando era educanda.



Figura 12: Unidade familiar da egressa Lucileia Albuquerque/Assentamentos Paulo Fonteles-Mosqueiro/Belém-PA

Outra egressa que tornou-se assentada foi a Joana Bette. A figura 13 demonstra parte da sua UPF, onde atua com seu esposo no desenvolvimento da agricultura e está buscando desenvolver a produção de piscicultura. O assentamento está em fase de aplicação de créditos iniciais.

“Não era agroecologia, com meu pai não. Não falando mal, é uma cultura, eles não aceitam muito a questão da agroecologia, aqui no meu lote, eu faço agroecologia, faço consórcio, dizem que não dá certo, tem muita coisa nova” (Joana Bette. Assentamento Abril Vermelho, Santa Barbara/Pa)



Figura 13: Unidade de produção familiar da egressa Joana Bette. Assentamento Abril Vermelho, Santa Barbara/PA

A exemplo de permanência junto a UPF, embora tenha constituído família é o egresso Josiclésio Cavalheiro, que relatou inserção de algumas técnicas no manejo de açaí, (figura 14 e 15), roça de mandioca para farinha, milho e outras, assim como atuou na inserção da criação de animais como galinhas, objeto do projeto final de curso.



Figura 14 e 15: UPF da família do egresso Josiclésio Cavalheiro. Ilha Xingu- Abaetetuba/PA.

Mas um exemplo da contribuição na UPF da família, a egressa Maria das Graças, que mora moradora da Ilha de Campompema/Abaetetuba (figura 16 e 17), está atualmente assentada no João Bastista, localizado em Castanhal /PA. Ela classifica que está desenvolvendo sistema agroflorestal a partir dos conhecimentos do curso. Possui um quintal bem produtivo, com horta bem diversificada, com frutíferas, animais (galinha, pato) e com o companheiro contribui na lida com os suínos. Também possuem gado de leite e de corte, neste caso a sua colaboração fica mais na confecção de queijo artesanal.



Figura 16 e 17: Egressa Maria das Graças no seu quintal, e na lida com os animais de produção. Assentamento João Batista/Castanhal -Pa

Os egressos irmãos Hueliton e Dadiberto Pereira (Ilha Capim/Abaetetuba) desenvolvem atividades experimentais na UPF e conseguiram avançar bastante no manejo do açaí e inserção de outras culturas para contribuir na subsistência da família. O caso da apicultura (figura 18) desenvolvida por eles foi um projeto final do curso TAA para ser desenvolvido na UPF, focando a geração e complementação de renda e inserção de mais uma prática a ser potencializada e desenvolvida na UPF. Poucos projetos conseguiram avançar para além do período fomentado, conseguiu-se identificar as linhas de projetos requeridos, mas nem todos receberam. Em sua maioria fora de avicultura, hortaliças. No caso de apicultura

ainda conseguimos identificar duas ilhas que estão desenvolvendo essa experiência, além da citada acima, o egresso Florivaldo Amaral ainda desenvolve experiências na Ilha Xingu.



Figura 18: apicultura desenvolvida na UPF familiar dos Egressos Hueliton e Dadiberto. Ilha Capim/Abaetetuba-PA



Figura 19: Material disponibilizado via projeto final do curso TAA pela EAFC aos educandos.

3.7 - Conceituando Agroecologia em palavras.

Durante a discussão sobre a construção do conhecimento agroecológico antes de irem para o TAA, muitos egressos disseram não saber, não ter ouvido falar de agroecologia antes de estarem estudando os conceitos teóricos. E nas suas falas, ficou claro que a descoberta do que realizavam de manejo na agricultura já exercido antes de irem para o TAA estava na verdade sendo articulada com conhecimentos mais técnicos, de modo que muitos puderam contribuir com o conhecimento adquirido na lida com os pais e de outras formas em seu cotidiano.

E para os que não tinham relação com a agricultura, ficou evidente que conseguiram apropriar de conhecimentos tanto teóricos quanto práticos, facilitados pela metodologia do

curso que os levava a desenvolver atividades produtivas ou acompanhar nas comunidades que estavam lotados durante os estudos na EAFC.

Nas entrevistas buscou-se ouvir como definiam agroecologia, não pelos aspectos acadêmicos, mas da forma que viam e que construíram o próprio conceito agroecológico. Assim, apresentamos alguns conceitos que nos deixa claro o amadurecimento e a compreensão de cada um desse processo de construção do conhecimento agroecológico.

Quando a gente conhece a gente aprende. Para mim mudou por que eu fazia muitas coisas que não era agroecologicamente, as coisas que antes fazia, eu sei que não é certo, as queimadas, jogar lixo por aí, desperdiçar muita coisa que a gente desperdiçava, usar as coisas que temos no local. (Izaque Cavellheiro, Ilha Xingu, Abaetetuba/PA)

O nosso jeito de pensar. Aquele que nem imagina que é agroecologia ele vive ela. Aí agente vê, eu vejo, mesmo quando não sabia, a gente já trabalha com agroecologia, a nossa casa, a gente vê as pessoas fazerem, mesmo que elas não tenham noção de estar fazendo, mas é agroecologia (Cacilda Barreto, Ilha Sapucajuba, Abaetetuba/PA)

Eu acho que agroecologia é uma forma de fazer com que o meio de vida principalmente quem vive no campo, uma relação mais harmônica com a natureza, ter uma relação de tirar e repor, você tem uma certa consciência daquilo que tá fazendo dos impactos que tá causando, acho que é isso, é uma certa harmonia entre o homem e a natureza. (Dadiberto Pereira, Ilha Capim, Abaetetuba/PA)

(...) A gente olhava a natureza de uma forma diferente, hoje em dia a gente vê com outros aspectos de cuidado, a gente desbastava tudo, hoje em dia não, vê como um processo de cuidar das coisas. (Edina Pantoja, Ilha Palmar, Abaetetuba/PA)

Hoje! Como a gente viu lá, e a relação da gente de uma maneira benéfica com a natureza que a gente faz parte dela, que a gente não prejudique, a gente vê tanta utilização de agrotóxico, a monocultura, agredindo os solos. A agroecologia é uma coisa totalmente diferente, tem os orgânicos. É o manejo, a gente pode retirar usar a natureza o que a gente necessita, e não devastar ela. (Florivaldo, Ilha Xingu, Abaetetuba/PA)

Pois é! eu acho que agroecologia é muito que uma tentativa de tentar, harmonizar a relação do ser humanos nos diversos espaços com o ambiente onde ele vive, no sentido não preservacionista do termo, de manter as coisas intactas e tudo, mas como a gente consegue se apropriar dos recursos da natureza, sem eliminar a possibilidade de continuidade e manutenção ao longo do tempo, é um esforço da academia, dos

MS, das populações quase invisível de tentar uma outra relação do contexto mais humano com a natureza. Na academia existe muita divergência, acham que enfoque científico, outras acham que é paradigma, outra que movimento social, mas para mim é tentar harmonizar o ser humano com a natureza no sentido da continuidade, no espaço rural, sem esgotar os recursos e dando provimento dos recursos materiais essenciais para a existência. (Huelinton Pereira, Ilha Capim, Abaetetuba/PA)

Agroecologia é a gente trabalhar sem colocar produtos químicos, trabalhar com a própria natureza, as coisas que a natureza nos oferece várias coisas, por que quem cria galinha tem o esterco para colocar, eles nos ensinaram para fazer adubo com folhas. E trabalhar sem produtos químicos sem agredir a natureza, é cuidando da natureza, e importante para vida nossa, para todos os dias, e trabalhando ecologia sem produtos químicos podemos respirar um ar mais puros, sem agredir nós mesmo, os animais, que são importante para todos nós. É muito importante para nossa vida, para todos os seres vivos é muito importante. (Maria das Graças, Assentamento João Batista, Castanhal/PA)

“pra mim agroecologia, na minha opinião, é primeiro respeitar a natureza, é de onde tiramos nossos sustento, cuidar bem dela, e procurar ensinar as pessoas da importância da natureza. Agroecologia para mim é assim. E também se você souber, conhecer a natureza, não só a natureza, mas pessoas que faz parte da agroecologia, e importante é saber a conviver com as pessoas se comunicar. Para mim a agroecologia é oportunidade de aprender uns com outros, com as pessoas, com os animais, e é bom!” (Antonio Carlos, assentamento Santa Maria, Acará/PA)

Cada fala e cada conceito desnudo dos conceitos acadêmicos nos leva ao mundo e ao lugar onde estão, e que estiveram e cresceram, e como os olhares para questões como natureza, desenvolvimento sustentável e cooperação existente entre os seres para poder atingi-la e eles se manterem onde estão.

3.8 Inserção e Reinserção nas Organizações Sociais.

Como o curso apresentado surgiu de uma demanda das organizações sociais, os educandos foram identificados a partir de uma organização interna e de levantamentos prévios na comunidade, onde muitos tinham alguma atuação na organização existente, tais como associações, grupo de jovens, ações comunitárias dentre outras.

A formação buscou contribuir para que de alguma forma os jovens e adultos pudessem após o curso continuar a fortalecer a relação com sua comunidade. Também seria uma forma de estarem sendo inseridos em assessoria técnica, por conhecerem a realidade vivida e assim teriam mais condições de contribuir com o processo de desenvolvimento sustentável e agroecológico vislumbrado pelas organizações sociais.

A partir desse contexto buscou-se dialogar nas entrevistas com os egressos buscando compreender como tem se dado a sua inserção ou contribuição nas organizações sociais. Assim, puderam destacar a sua participação nas organizações antes e depois do curso, e como estão nesse momento atual.

Desta forma buscamos visualizar no gráfico 12 a partir da classificação realizada nas falas como “atuação na comunidade” (grupo de jovens, associação etc); “atuação regional” (os que atuavam para além da comunidade, mas no ms regional); e os que “não tinham atuação”. Isso antes de irem para a EAFC.

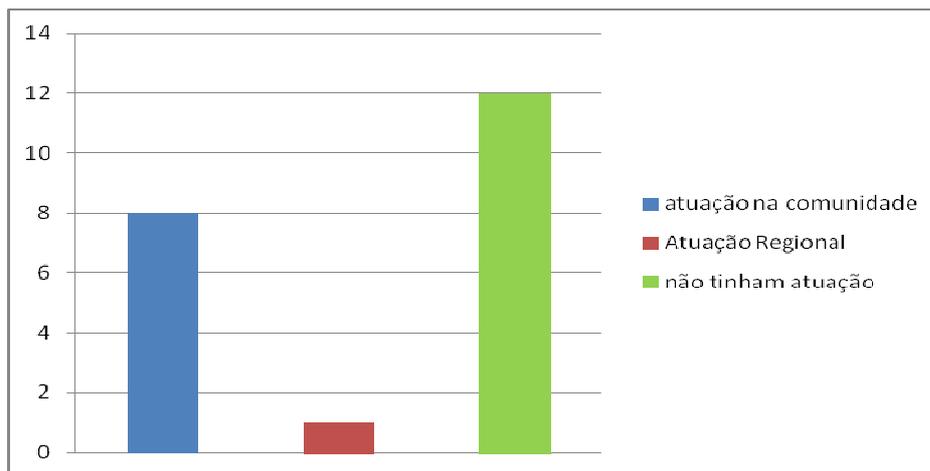


Gráfico 12: nível de atuação dos egressos antes de participar do TAA

Da mesma forma buscamos demonstrar no sentido de refletir como estavam após a participação no curso, em nível de participação. Usamos a mesma nomenclatura: “atuação na comunidade”, “atuação regional” e “não estão atuando”, demonstrado desta forma pelo gráfico 13.

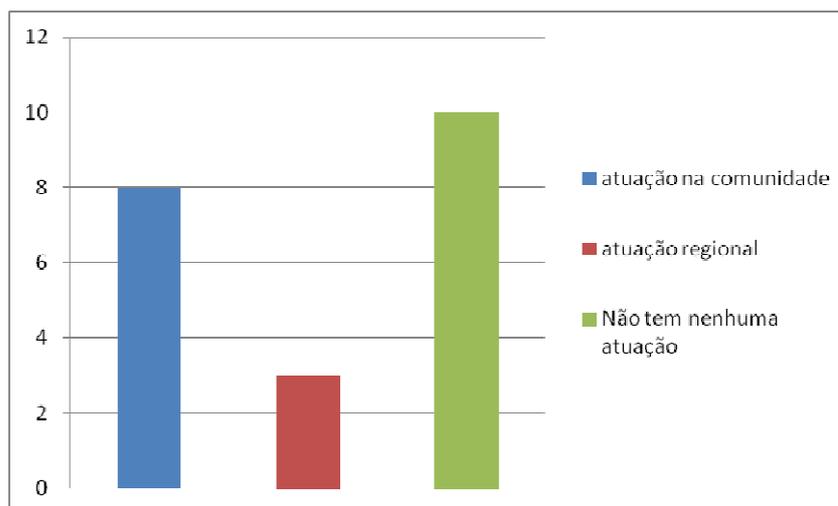


Gráfico 13: nível de atuação dos egressos após ter participado do TAA.

Embora não haja uma variação na atuação na comunidade, se fossemos relacionar pessoas verificaríamos que a numeração era a mesma, mas as pessoas diferenciavam. E mesmo alguns que não tinham atuação passaram a atuar na comunidade ou na região. Além de alguns egressos, por conta de estarem estudando ou trabalhando fora, não conseguem estar

atuando diretamente como antes. Para elucidar as questões abordadas apresentemos algumas falas:

No período do curso técnico, eles chamavam para fazer alguma contribuição, para reuniões, eles chamavam para contribuir, principalmente quando era para discutir agroecologia, Não se envolvia, mas contribuía, não era militante. (Hueliton Pereira, Ilha Capim, Abaetetuba/PA)

Além do trabalho, participo aqui com o movimento, sou secretaria, diretamente nas associações, que eu sou cadastrada, ao qual eu trabalho, sou movimento por que gosto (Cacilda Barreto, Ilha Sapucajuba, Abaetetuba/PA)

“(...) eles lutavam, com a agente, pra conseguir esse curso, inclusive na escola lá! Pra gente fazer o curso, e vir trabalhar nas ilhas todas, inclusive não tá acontecendo, tem gente por todo canto. E quem lutou pra gente ir para lá, deixamos de mão. (...) Hoje eu sou secretária do MORIVA, em reunião, quando vão por INCRA, pra Cruz Vermelha, quando vão encontro pro Moju, eu acompanho eles. E antes eu não fazia parte de nada. O movimento só depois que eu fui conhecendo. (Edina Pantoja, Ilha Palmar, Abaetetuba/PA)

Eu acho que não, a gente se desligou não deu para participar do movimento, eu mesma era para ter contribuído, mas não deu. É por que se o movimento ele trabalha nas ilhas muitas coisas que eles trabalham sobre agroecologia acho que dava para dar uma boa contribuição, em agroecologia, conversando orientando como plantar é, preservar aquilo que a gente tem o nosso rio, a nossa mata nossos peixes e incentivado a criação. (Izaque Cavaleiro, Ilha Xingu, Abaetetuba/PA)

O meu desempenho está bom na minha comunidade, por que fui até tesoureiro da associação. Fui chamado para ajuda na associação desportiva, já gerenciei a rádio no assentamento que antes era coordenada pelo movimento, hoje ela tá em casa parada (...) Eu vou colocar ela no ar, com um grupo de jovens da igreja. (Geovane Ferreira, Assentamento João Batista, Castanhal/PA)

3.9 Onde e Como estão os Egressos?

Identificamos que muitos dos egressos a partir da participação no curso continuaram a estudar e todos falam que a experiência pode ampliar os horizontes e mostrar outras oportunidades de continuar sua formação. Assim tem 01 estudando engenharia agrônoma no IFPA – Campus Castanhal, 02 estão cursando licenciatura em educação do campo no campus da Universidade Federal do Pará em Abaetetuba/PA, 01 cursa matemática no campus da

Universidade Estadual (UEPA) em Cametá/Pa, e 1 cursa biologia também na UEPA em Cametá/Pa, 01 cursa tecnólogo em floresta pelo Escola Técnica Juscelino Kubistchek, 01 irá vai iniciar engenharia civil na Faculdade da Amazônia – FAMAZ.

Na atuação técnica dos que foram entrevistados, pudemos identificar 01 (um) que atua na Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater/PA com contrato temporário na Ilha do Marajó/PA; 01 (um) que está atuando em projetos técnicos pela prefeitura municipal de Abaetetuba/PA no Pró-Campo; 01 (um) que atua de forma voluntária no projeto Vaga Lume na Escola do Assentamento João Batista I; 01 (um) atuando numa Cooperativa de Assessoria Técnica e 02 (dois) atuando em empresa que comercializa ordenha mecânica. Podemos aqui também apontar os que atuam no seu lote para a comunidade, envolvidos em organização social, e outras atividades sendo em total de 08 (oito).

O quadro 02, abaixo, sistematiza os locais onde os egressos se encontram e quais as suas atividades atuais, assim como suas expectativas para um futuro mais próximo. É quando percebemos o quanto, de fato, a participação no curso técnico apresentou a esses jovens e adultos do curso TAA outras perspectivas de vida, de profissão, de colaboração com a família e também com a comunidade, visto que todos/as em algum momento apresentam a vontade de exercer a sua profissão, atendendo a demanda que ainda existem nas comunidades.

Quadro 02 - localização dos egressos, ocupação atuação e perspectivas futuras.

Nome completo	Assentatº/Ilha e Mov. Social	Onde está atualmente?	Estuda/Trabalha	Têm-se outras perspectivas
Antonio Damasceno	João Batista – Castanhal/ MST	Continua no Assentamento	-Está fazendo curso de Extensão – na EAFC -Nunca atuou na área técnica - Faz trabalhos voluntários na biblioteca da escola do assentamento – Projeto Vagalume	- tem vontade de trabalhar nas áreas. Diz que o assentamento não o identifica como técnico.
Lucileia Albuquerque	P.A Mártires de Abril - Mosqueiro/Belém- PA MST	É Assentada	- Tem uma horta em parceria com outro assentado, de onde comercializam - Faz orientação técnica voluntária no assentamento - Ainda faz trabalhos pelo setor de educação do MST, como educadora em projetos de EJA.	- Vontade de avançar na sua produção que é agroecológica e que sirva de incentivo para os demais do PA

Edna Pantoja	Ilha Palmar/Abaetetuba-Pa MORIVA	Continua na Ilha morando com os pais	- Nunca atuou como técnica - Tem atuado na associação da ilha, como secretaria - Em casa pouco contribui com o pai na lavoura que é pouca.	-Tem vontade de sair e atuar como técnica fora da comunidade chegou a organizar o CREA.
Florivaldo Amaral	Passa parte da semana em Abaetetuba e finais de semana na Ilha Xingu. Indicado pela Associação da Ilha para o MORIVA	Em Abaetetuba	Nunca atuou como técnico externo a sua comunidade. Faz Universidade Federal do Pará curso de licenciatura em educação do campo.	Tem vontade de contribuir com sua comunidade a partir da sua formação acadêmica. Tem desenvolvidos trabalhos em casa, que pode auxiliar na comunidade também – com abelhas.
Dadiberto Pereira	Passa parte da semana em Abaetetuba e finais de semana na Ilha Capim Indicado pela Associação da Ilha para o MORIVA	Em Abaetetuba	- Faz universidade federal do Pará licenciatura em educação do campo	Tem vontade de contribuir com sua comunidade a partir da sua formação acadêmica. Tem desenvolvidos trabalhos em casa, que pode auxiliar na comunidade também – com abelhas. Contribui muito com o pai, na lida do Açaí, Pesca quando consegue estar em casa.

Hueliton Pereira	Ilha Capim MORIVA	Em Castanhal e vai final de semanas para casa quando pode.	Nunca atuou profissionalmente, logo passou no vestibular e está cursando agronomia no IFPA- Campus Castanhal.	<ul style="list-style-type: none"> - Está finalizando o curso de Agronomia e está buscando informações sobre Mestrado. - Tem perspectiva de com seus estudos contribuir na comunidade em melhor desenvolvimento e novas práticas agrícolas mais sustentáveis. - Possui com irmão ainda abelhas do projeto final de curso.
Orlandino da Silva	Ilha Xingu MORIVA	Está morando em Cameté PA	<ul style="list-style-type: none"> - Está cursando matemática na Universidade Estadual do Pará - Não tem atuação técnica para além da família 	<ul style="list-style-type: none"> - tem vontade de terminar a faculdade e trabalhar como professor na ilha. Está tentando transferir de Cameté para Abaetetuba para ficar mais perto da família, da comunidade.

Patrícia Matias	Ilha Sirituba MORIVA	Mora em Cameté	- Faz Biologia na UEPA, campus de Cameté	Tem desejo de continuar estudando e fazer mestrado, mas em Cameté não tem. Pensa que seria um por alternância ajudaria bastante. Também tem vontade de atuar na área que está estudando, mas nas ilhas mais próximas.
Ademir Trindade	Assentamento Santa Maria II, Acará	Mora no Assentamento	- Não continuou estudando. - Trabalhou fora por um tempo na Biovale, mas desistiu e foi atuar junto à família no lote. - Está com produção de hortaliças e comercializa para rede de mercados	Tem desejo de cursar agronomia
Angela do Socorro	É de Abaetetuba	Está atualmente morando em Bagré- Ilha do Marajó/Pa	Está atuando como técnica num contrato temporário junto a ATER da EMATER, com elaboração de Projeto de Desenvolvimento de Assentamento - PDA	Tem vontade de continuar estudando, mas também vê que o trabalho tem trazido bons retornos econômicos para contribuir com a família. Fez o vestibular para engenharia agrônômica

Antonio Carlos	Santa Maria II, Acará	Continua no Assentamento, onde é pastor e ajuda na Associação do Assentamento	- Está estudando inglês em Acará. -É pastor de uma Igreja evangélica local	- Tem vontade de avançar no estudo de línguas estrangeiras - Quer colocar em prática o projeto do lote para produção agroecológica
Cacilda Barreto	Abaetetuba – Guajarazinho	Mora em outra Ilha em Abaetetuba	É agente de Saúde Atualmente faz parte do MORIVA	Tem a perspectiva de avançar na luta da organização das ilhas
Geovane Ferreira	Mora no Assentamento João Batista II	Ainda mora no assentamento	Está trabalhando em uma empresa de montagem de ordenhadeira mecânica. Não chegou a atuar na área	Não apresentou vontade de continuar estudando
Izaque Cavalheiro	Ilha Xingu	Continua morando na ilha	Atua no seu lote Tem uma pequena venda na própria casa Devido sua experiência em construção com madeira, tem essa atuação também	Tem vontade de ampliar sua produção. Não apresentou perspectiva de continuar estudando.
Janaina Gomes	Assentamento João Batista	Mora na cidade de Castanhal – não tem mais vínculo de moradia com o Assentamento	- Está estudando - Cursa Administração (necessidade da empresa que trabalha). - Também trabalha na elaboração de projetos em uma cooperativa com assistência técnica – Auxiliar de projetos na AGROPARÁ	- Tem muitas perspectivas de continuar estudando, avançar tecnicamente - Seu grande sonho é cursar medicina veterinária

Joana Bette	Mora no Assentamento Abril Vermelho em Santa Bárbara	É Assentada no Abril Vermelho	- Está concluindo tecnólogo em meio ambiente - Atua diretamente no lote com a produção e tem vários projetos	Avançar na produção no lote
Josiclécio Cavalheiro	Ilha Xingu	Continua na Ilha Xingu	Atua com a família na produção agrícola e extrativismo Faz bico de vigia na escola	Tem vontade de estudar mais para poder contribuir com o desenvolvimento da comunidade, mas como tem família fica complicado curso integral.
Luiz Otávio	Mora no Assentamento Mártires de Abril em Mosqueiro/Belém	Ainda mora no Assentamento, mas agregado a família do Avô.	Trabalha em uma empresa de montagem de ordenhadeira mecânica	Não tem vontade de continuar estudando
Maria Antonia	Abaetetuba – Ilha de Campompema	Mora na Ilha de Campompema	Trabalha no MORIVA, na área de assessoria social.	Está decidindo se vai cursar engenharia civil, buscando voltar sua formação para as ilhas e a necessidade aparente no desenvolvimento de construções apropriadas a realidade

Maria das Graças	Era da Ilha de Campompema em Abaetetuba	Agora mora no Assentamento João Batista II, casou-se durante o curso com um assentado	Atua no lar, no lote ajudando o companheiro na produção de queijo, manejo de gado e tem horta para consumo familiar. Desenvolveu um Sistema agroflorestal (SAF) ao redor da casa, a partir dos conhecimentos adquiridos do curso.	Não tem vontade de continuar estudando. Tem vontade de trabalhar, mas acha que não tem experiência ainda para atender a demanda de outros agricultores como técnica, dando assistência técnica.
Natália Nogueira	Mora na Ilha campompema	Continua na Ilha de Campompema	Atua em projeto da Prefeitura Municipal de Abaetetuba como Técnica no Projeto pelo PROCAMPO desenvolvendo nas áreas de Piscicultura, Mandioca, Frango caipira, Pato Paysandu. Esses serão executados em Campompema, Picuarana e Abaeté.	Tem vontade de continuar estudando

3.10 Com a Visão das Organizações Sociais.

Durante as atividades de pesquisa, projetou-se a possibilidade de dialogar também com as organizações sociais que demandaram e contribuíram na organização do curso. Os movimentos envolvidos em várias fases do projeto PRONERA para TAA foram os Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar (FETRAF) e este incluiu o Movimento dos Ribeirinhos e Ribeirinhas das Ilhas e das Várzeas de Abaetetuba (MORIVA).

Cada organização destacou-se por estar presente em uma fase deste processo de formação. Na fase inicial de demanda, a construção do projeto foi iniciada pelo MST, que depois, por questões internas e peculiares do movimento social, não participou da consolidação e execução do curso, tendo uma participação com representação de educandos.

Nas demais fases como a implementação e execução, a FETRAF e MORIVA caminharam até onde puderam para colaborar com o acompanhamento político em áreas nas quais os jovens residiam.

No entanto todos destacaram a fundamental decisão da EAFC em realizar o curso, em todas as etapas, desde a organização de demandas à construção de projeto e, principalmente, na fase da execução devido às dificuldades burocráticas e econômicas do PRONERA/INCRA para a instituição, tendo esta que buscar meios para que ele fosse concluído.

As representações das organizações sociais foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa em campo, pois são elas que ainda mantêm contato, sabem onde os egressos se encontram. No entanto, para realizar entrevistas com esses, conseguimos realizar apenas 01, que foi com o representante do MORIVA. Do qual iremos destacar apenas algumas colocações, mas não podemos tomar como representativo dos demais que não puderam colocar suas opiniões.

As questões que nortearam o diálogo está no anexo II, onde buscamos identificar o contexto em que se demandou o projeto, os critérios usados pela organização, se identificam impactos e se a formação atingiu as expectativas tanto técnicas quanto organizacionais. Além de identificar outras experiências e demandas.

Alguns trechos da conversa com o Sr. Domingos Trindade Pereira Ferreira, conhecido por Assopra, foram utilizados em outros momentos pertinentes e elucidativos para melhor compreensão da realidade vivida pelos povos do campo no contexto do curso TAA. O MORIVA foi mobilizado pela FETRAF ao qual é filiado. Como destaca Sr Domingos Trindade.

Chegou pela entidade que trabalha em parceria – a FETRAF, eles tinham esse projeto com o INCRA e a escola técnica agrícola, na época era, hoje é instituto. Como sabiam da demanda. Tínhamos a necessidade desse curso, então fizemos levantamento da demanda, e conseguimos alcançar uma possibilidade de ingressar nossos cursistas nesse curso.

Em diálogo com os critérios do programa PRONERA, as organizações sociais buscam também visualizar um todo, mas também focando em questões importantes como o envolvimento com a comunidade, o que geralmente leva a um compromisso maior diante da organização do curso e de seu término. Sr Domingos Trindade descreve como o os critérios do MORIVA

Critério que fosse filho de assentamento, que tivesse em assentado e tivesse na RB, os assentados da ilha, que fosse ribeirinho que tivesse a família assentada e que participasse da discussão do movimento. Esses era os critério, e também quem tivesse a 4ª série, 5ª série ou que ia concluir o ensino média ia fazer o estudo técnico, esses foi os critérios para os nossos cursistas.

Todos os parceiros e participantes tinham uma expectativa diante desse processo de formação, assim como os egressos, que já apresentamos. Nos documentos de elaboração percebem-se as perspectivas das organizações sociais quando demandaram o curso técnico, e que ainda continuam com essa demanda entre outras, reprimida. Destaca-se alguns pontos abordados no Projeto Pedagógico (2005), disponibilizado pela EAFC/Pa

- *Compreender a questão agrária e agrícola no Brasil e os biomas de transição da região Amazônica;*
- *Dominar o conhecimento científico necessário a compreensão dos princípios fundamentais da agroecologia e das suas técnicas;*

- *Dominar técnicas relacionadas à agroecologia e outras básicas nas práticas agropecuárias; realizar planejamento e organização do espaço físico e organização social de forma ampla, pensando os assentamentos como um todo, desde seu plano de desenvolvimento, demarcação dos lotes, discussão e implementação de diferentes linhas de produção;*
 - *Ter noções de planejamento e gestão dos recursos naturais;*
 - *Ter habilidade com implementação de projetos agropecuários diversos, de acordo com as potencialidades da região abrangida;*
 - *Possuir sólida formação técnica e ao mesmo tempo formação política e humanista*
- E assim Sr Domingos Trindade explicita as expectativas criadas por sua organização:

Tinha e temos até hoje a expectativa para os nossos técnicos, por que a gente hoje estamos entrando numa atividade de projeto agroextrativista e precisamos de técnicos e novas técnicas de como trabalhar com nossos produtos naturais (...) E então nossos técnicos a gente tem o direito de uma política de crédito PRONAF e se agente não tem o técnico a gente fica sem PRONAF; (...) Então nós quando encaminhamos nossos técnicos para estudar, para se formar, já foi com essa necessidade , com essa expectativa, né?! de querer esses técnicos formados até por que a gente quer uma coisa deles, de nós, nós quer continuar vivendo onde a gente nasceu, foi criado a gente tem os pássaros, onde a gente é acostumados e sabe trabalhar. Então precisamos de técnico para acompanhar o nosso desenvolvimento.

Em todo o processo buscou-se identificar pela visão da organização social se houve algum impacto, visto que tinham técnicos da comunidade, da região formados. No entanto Sr. Domingos Trindade relata que, embora tenham conseguido ter acesso a uma formação técnica de qualidade, ainda continuavam sem assistência técnica aos projetos de assentamento.

O impacto aconteceu desde a época da formação, da formatura deles, por que qual o aceite do movimento social é de que a gente forme um clientela e que essa clientela possa fazer parte da contribuição do movimento social, e trabalhar para que o movimento social tenha fôlego, tenha força. (...) Outro impacto que temos até hoje, o governo diz que o PRONAF que é uma linha de crédito que a gente tem direito de um técnico gratuitamente, só que até hoje o governo não contrata esse técnico para gente. Consegue seu diploma nas não consegue seu emprego. Então o nosso técnico tem formatura, mas nós não tem técnico, e o que com isso ta acontecendo que nós tem técnico em Cametá, nós tem técnico em Breves, nós tem técnico em Bagre, nós tem técnico em Portel, e nós não tem técnico em Abaetetuba em nosso projeto.

E ainda o Sr Domingos Trindade destaca que “*Nos temos técnicos privados e quem paga esses técnicos somos nós. Nós assentados*”. Sr Domingues Trindade ainda destaca que alguns técnico estão atuando em outros lugares, conforme cita em sua fala anterior. Essa

questão está ligada diretamente à legislação que norteia o acesso à assessoria técnica ao crédito para pequenos agricultores assentados. Ele desabafa:

O governo trata a política de assentamento como uma máquina de assar galinha, televisão de cachorro, que mostra um projeto bonito uma política para agricultura familiar, né!?. Mas quando a gente vai acessar o crédito para pequenos agricultores, a gente é praticamente morto pelo cansaço. Tenho mais de 40 anos de luta no movimento social, eu consegui R\$ 2.400, no ano de 2000, já paguei esse crédito eu nunca mais consegui outro. Tomo meu exemplo, por que milhares de brasileiros querem desenvolver seu trabalho, sua profissão, inclusive produzir alimento e não faz isso por que não tem apoio dos governo.

Um dos impactos demonstrado pelo Sr Domingos Trindade foi em relação à educação que estavam recebendo na EACF. Essa era para além de conteúdos estritamente técnicos, mas uma formação social e política se fazia presente na formação de sujeitos, não meramente com atualização capacitação técnica.

No conteúdo da aula que a escola técnica agrícola de Castanhal; quando a gente conversa com os alunos a gente percebe nas conversar com os alunos, nos conteúdos é que uma escola que tá educando para vida.(..) Pode ser que eles fiquem permanecendo, contribuindo com o movimento social, tenham a uma ideia coletiva de desenvolver a categoria dos agricultores, de continuar vivendo no campo, então, de gostar desse política pública coletiva, eu vi que a escola conseguiu fazer muito isso.

Ainda no campo dos impactos observados, embora a fala anterior tenha apresentado o impacto de se estar formado, o de estar desempregado é ainda maior. O Sr Domingos Trindade, que com propriedade localizou em fala todos os egressos que moram nas ilhas e os que estão fora em atuação ou estudando embora a demanda de atuação permaneça, relata:

Vários técnicos estão trabalhando, estudando, **isso prova que nos temos talento, que não por ser o cara lá do campo que não tem conhecimento**, que não tem talento, mas falta mais incentivo do governo. Nós temos vários deles fazendo faculdade, tão seguindo carreira (...) então é assim, tão fazendo faculdade, tão crescendo. A dificuldade que eles tão desempregado, e a gente não tem a mão de obra na nossa comunidade que a gente queria ter. Temos mais de 7 mil família assentada e 20 projeto de assentamento agroextrativista. Tudo na região de ilhas, então nós precisa mais do que nunca, a terra do nosso provo é pouca, para trabalhar com açazal e nem todo mundo vai para pesca e os peixes estão também tá acabando, então a gente precisa desenvolver novas técnicas que é pra assumir a população que tá chegando e que não vai ter como viver somente dos recurso naturais, só com que a natureza oferece é?, então vai ter

que oferecer novas possibilidades, novas técnicas, inclusive com nossos frutos nativos da nossa região. (grifos meus)

Quanto ao acompanhamento realizado pelo MORIVA, Sr Domingos Trindade destaca reuniões, encontros que aconteciam no Tempo Comunidade, assim como no Tempo Escola. Com a organização tinham uma pessoa que contribuía durante o TE, e se somava junto à coordenação da escola, mas também refletiu que havia dificuldades nesse acompanhamento. Mas que a ação junto às comunidades ainda é de destaque e isso fortalece a organização social.

A gente tinha sempre alguém da turma que era responsável lá e quando chegava lá tinha mais a escola, a escola tinha uma divisão de tarefas. E quando chegava que cada estudo lá a gente fazia uma reunião com eles, qual foi a dificuldade encontrada lá na escola, dificuldade encontrada na família, e tinha várias dificuldades, e se a gente tinha podia contribuir. (..) Até hoje nós, uma política que é vista com bons olhos pelo nosso povo, porque a gente tá mostrando na prática que a gente não tá só de lari-lari, só com papo furado, mas mostrando com coisas reais, que a gente tá buscando melhora para o povo, então a gente mostrando que nas ilhas tem 2, 3, 4 técnicos, já é uma coisa diferente.

As demandas e as lutas por uma educação profissional do campo é frequente, ainda mais após a experiência vivida por jovens e adultos das ilhas. Isso foi mais do que motivo para que a demanda fosse mais explicitada ainda.

Demanda?!, Eu quero até gravar, quero registrar essa gravação que nós aqui em 2011, a gente abriu uma inscrição de alguns que já tivessem ensino médio completo que quisessem ingressar em uma universidade, e em 60 dias, tivemos mais de 700 pessoas inscritas, não era só jovem, mais também era mãe de família, também chefe de família, que já tem ensino médio e que queria estudar. Demanda a gente tem, graças a Deus, por que antigamente a nossas escolas das ilhas, antes a educação o nosso povo até a 4ª série e hoje muitas que tem até o ensino médio, **e o nosso povo estuda mesmo, e com o ensino médio ele quer ir um pouco a mais, né?!.** por que hoje só com o ensino médio não consegue quase nem emprego, né?! então quer fazer faculdade, curso técnico qualquer coisa. (grifos meus)

São essas percepções que tornam a luta diária por uma vida melhor, sustentável e que dialogue na formação de sujeitos, pessoas que tenham as condições de ser manter e dar força nesse processo de construção, de arquitetar o avançar da política educacional no brasileira voltada para todos os povos, tanto do campo, mas que também a educação dita “urbana” seja também revigorada.

4 CAPÍTULO IV

DIALOGANDO COM OS RESULTADOS

4.1 Considerações sobre os resultados



Figura 20: Nascer do Sol – Rio Guajará- Abaetetuba/Pa

Assim começa os dias nas Ilhas Ribeirinhas de Abaetetuba/Pa, com o sol que depois irá brilhar, aquecer todos os sonhos, ferver as ideias. É o iniciar de um novo dia, de novas construções em todas as partes em todos os lugares, seja nas águas, nas terras, nas florestas.

Também era o momento de entrar na casa das pessoas, conhecer pessoas, que antes eram apenas nomes, apelidos e informações. E encontramos jovens, crianças adultas, idosas dos quais a receptividade e a alegria contagiaram, em todos os momentos das idas e vindas, de barcos, canoas, rabetas, carros e ônibus para chegar aos destinos.

Foram 22 encontros, sendo 21 egressos do curso TAA PRONERA 2006-2009 e 01 representante dos movimentos sociais. Mas também houve muitos esbarros e momentos que muito contribuíram para que os encontros que acontecessem.

A composição e organização da turma dialogaram com as demandas das organizações sociais e principalmente com a preocupação dessas em formarem técnicos, em ampliar a formação dos jovens assentados para que eles pudessem permanecer no campo. Campo esse no estado do Pará que nos apresentou duas dinâmicas de vida – assentados agroextrativistas (Ribeirinhos) e assentados rurais. Como nos diz Freire e Castro (2007)

Amazônia é historicamente marcada não apenas pela complexa biodiversidade que abriga em suas dimensões continentais, como também pela diversidade sócio cultural e ambiental que a constitui e por seus sujeitos e populações. (...) São jovens ribeirinhos, quilombolas, indígenas, pescadores, extrativistas, agricultores familiares, assentados. (FREIRE; CASTRO, 2007: 219)

E essa diversidade foi vivida, vivenciada por todos/as educandos que vieram de diversos lugares, das terras e territórios. E muitos egressos relataram impacto com as

realidades para eles antes nem imaginadas. A saída pela primeira vez de casa, da cidade mais próxima, a saída da sua Ilha, no caso dos ribeirinhos, e o se deparar com um mundo e pessoas diversas e diferentes.

Foram perceptíveis nas falas que embora tenham saído para estudar, muitos tiveram que morar na cidade. Entretanto, a maioria deles não tem o desejo de que este seja o espaço da sua reprodução social, seja morador da ilha, seja morador de assentamento rural.

Embora alguns vislumbrem esse meio como uma forma de melhorar de vida, ter mais condições de trabalho. Alguns já saíram, buscaram alternativas, mas mesmo assim não perderam o vínculo, e em caso de atuação profissional buscaram se associar, de fato, com a formação recebida e ficar próximo de agricultores. Podemos elucidar com Freire e Castro (2007) que em suas pesquisas nos apontam questões que ilustram a realidade encontrada.

“A cidade é vislumbrada como espaço social, sobretudo de oportunidade de formação e qualificação profissional, de acesso a informática e internet, reconhecidos como elementos formativos indispensáveis na atualidade. (...) as raízes no campo e na sua dinâmica sociocultural, no entanto estimula os jovens a conceber projetos de vida vinculados ao campo, mas em condições e patamares mais elevados, dignos.”(FREIRE; CASTRO, 2007:231)

O acesso a uma educação profissional os fez repensar seu trajeto educacional e vimos que vários candidatos fizeram a opção de refazer o ensino médio, outros de parar e reiniciá-lo, outros de voltar a estudar e outros ainda de darem uma continuidade de forma diferenciada da educação recebida. Essa relação também fora identificada na pesquisa de Carvalho (2009) quando descreve a percepção desses mesmos egressos ainda na fase de execução do curso:

(...) os estudos percebidos pelos educandos do Pronera na EAFC se diferenciam do modelo de educação encontrada e recebida pelos mesmos em seus locais de origem. (...) a educação nos municípios não satisfaz suas necessidades, os ensinamentos recebidos sempre foram distantes das realidades, seus professores esforçavam-se em ensinar mas seguiam um padrão presente nos livros didáticos que não condizem nem com a história da região e muito menos com o modo de vida dos educandos do meio rural. (CARVALHO, 2009:98)

A relação com a educação deficitária e a reprodução social com mais qualidade de vida geralmente são aspectos remetidos para justificar a saída dos jovens e adultos do meio rural, do campo. Há alguns consensos em pesquisas quando abordam a saída dos jovens. Castro (2009) aponta que outras questões também são levadas a essa interpretação, como diz:

A juventude rural é constantemente associada ao problema da “migração do campo para a cidade”. Contudo, “ficar” ou “sair” do meio rural envolver múltiplas questões mediante as quais a categoria jovem é construída, e seus significados, disputados. A própria imagem de um jovem desinteressado pelo meio rural contribui para a invisibilidade da categoria como formadores de identidades sociais e, portanto, de demandas sociais. (CASTRO et al, 2009:23. destaques da autora)

Não fora essa relação encontrada com os entrevistados pelos relatos apresentados. Os que ainda permanecem na perspectiva de atender a sua comunidade, a sua família através da formação recebida na EAFC não poderiam deixar de ser lembrados, principalmente pela vida expressada por de todos/as entrevistados:

“O campo, as Ilhas é um lugar bom pra se viver, morar, criar os filhos. Foi aqui que agente nasceu, cresceu, é aqui que agente sabe li dar, com gente da gente mesmo”. É Também para aqueles que chegaram depois – “aqui é bom! Agente vive de modo tranquilo, não quero voltar para cidade, nem me acostumo mais. Aqui é muito bom!”

No decorrer da pesquisa, os dados nos apresentam o amadurecimento, o reconhecimento da localidade, da comunidade e das formas de organizações sociais. Embora haja uma militância pequena, mas que acreditamos ser significativa, também tratada pelo movimento social. Nem assim deixam de ser autores, sujeitos da história que estão vivendo. No entanto a pertença e o reconhecimento foram claros, o processo de luta que os levou até a EAFC.

O contexto da reforma agrária no Brasil, no estado do Para, nas regiões localizadas os assentados egressos aporta para as organizações sociais buscar pela sua manutenção, permanência no território, através de mudanças e adequações das práticas cotidianas no processo produtivo. Ao abordarem que no contexto em que vivem, sofrem ações, ainda que por muitos não percebidos, do processo de expropriação do agricultor familiar.

Desta forma a agroecologia, antes não percebida, agora faz parte da dinâmica de vida. Pensar para o além da sua localidade e comunidade é pensar também em quem está na cidade, é pensar numa agricultura sustentável, futurista para o desenvolvimento social, econômico dos que ainda virão, no campo e na cidade. E a agroecologia também tem sido estratégia de atuação para o fortalecimento da identidade do homem do campo, sendo esse jovem, adulto ou criança, como destaca Matheus e Silva (2011)

O debate da Agroecologia se apresenta também como foco de fortalecimento de identidade sociais dos jovens como sujeitos conscientes do seu papel na comunidade e na sociedade, tendo um projeto de vida e de pertença do lugar onde mora e, mais do que isso, onde pode vir a ser transformado pelo desejo de uma coletividade (...) Os jovens, por viverem em grupos, acabam tendo atuação como multiplicadores dos conhecimentos sobre agroecologia, o que promove nas comunidades o interesse para a construção de novas relações sociais pautadas nas confiança e em trocas de conhecimentos entre jovens e adultos. (MATHEUS & SILVA, 2009: 49)

Os caminhos percorridos não foram apenas flores, campos macios de terras e capim fresco que dá a sensação de leveza e fresco no caminhar. Mas foram árduos, demorados, com perdas, conquistas e enfrentamentos que levaram a cada um, cada uma a construir seu próprio caminho: ficar em casa, estudar, trabalhar, estudar e trabalhar; ficar em casa e estudar. Podem ser diversas as combinações, mas que devem ser valorizadas pela conquista coletiva, pela conquista individual. Chegar aonde for, não se sabe o que se sabe, o que ouvi é que um ponto fundamental na vida de todos/as foi ter tido a oportunidade de terem sido educandos do Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia, via Pronera, realizado pela EAFC. Essa é a certeza unanime!

5 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. G.C.; PIRES, D.A.F.; RIBEIRO, M.N. Conhecimento Local e Produção animal: Uma perspectiva Baseada na Etnozootecnia. **Archivos de zootecnia** Vol. 59 @, p. 46. Revisão Bibliográfica. 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB**, 1996

_____. **Manual de Operações PRONERA**. MDA, 2012. Disponível na página <http://www.incra.gov.br>

_____. **Nova Lei de ATER**. Informativo disponível no site <http://www.portal.mda.gov.br>

CALDART, Roseli Salete. **Educação Profissional na perspectiva da Educação do Campo** (proposições para o debate de concepção). In. Caminhos para transformação da Escola: reflexões desde as práticas da Licenciatura em educação do campo./ Organização Roseli Salete Caldart; textos Andréa Rosana Fetzne..et al.—ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. 248 p.;grafs. ISBN 978-85-7743-164-9.

CASTRO. Elisa guaraná. [et. al]; **Os jovens estão indo embora? Juventude rural e a construção de um ator político**. Editora Mauad X; Seropédica-RJ. EDUR, 2009. ISBN 978-857478-313-0.

CARVALHO, Ângelo Rodrigues de. **A pedagogia da alternância no ensino Técnico Agrícola – a experiência do Pronera na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Estado do Pará**. 2009. 134f. Dissertação Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ.

COSTA. A.P. **A interdisciplinaridade como prática Educacional Tecnológica em Apicultura: Estudo de Caso da Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – PA**. Dissertação apresentada no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola – PPGEA da UFRRJ. Seropédica. RJ. 2009.

DUARTE. Rósalia, Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p 139-154. Março/ 2002.

FERNANDES, Bernardo Mançano.; MOLINA, Mônica Castagna. **O campo da educação do campo**. Artigo. 2005

FONSECA, Clair da.; SOUZA, Elodir Lourenço de.; SANTIN, Lurdes Marta.; RODRIGUES, Teresa Madalena.; MAZZINI, Vera Lúcia. A Organização do Processo Educativo. *In. Teoria e Prática da educação do campo: Análises de experiências/ Organizadoras, Carmem Lúcia Bezerra Machado; Christiane Senhorinha Soares Campos; Conceição Paludo. – Brasília: MDA, 2008. 236p.:Il.;23 cm. – (NEAD Experiências) ISBN 978-85-60548-37-8.*

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Jacqueline Serra.; CASTRO, Edna. **Juventude na Amazônia paraense: identidade e cotidiano de jovens assentados da reforma agrária**. In: Juventude Rural em perspectiva/ organizadoras Maria José Carneiro, Elisa Guaraná Castro. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. ISBN 879-85-7478-240-9.

GODOY, Arilda Schimidt. Pesquisa documental. In: Pesquisa Qualitativa: Tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, V. 35. Nº 3. p 20-20. Mai/Jun 1995.

GLIESSMAN, S.R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2000.

HAGE. Salomão Antonio Muffarrej.; ALMEIDA. Luciane Soares. **Desafios da Educação nos Assentamentos da Reforma Agrária da Amazônia Paraense**. Artigo. 2007.

<https://maps.google.com.br/maps> acessado em agosto de 2013.

<https://www.frutacai.com.br>; acessada em 05/12/2013

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, dados organizados a partir de Estados 2013. <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=pa>; acessado em 20 de agosto 2013 as 15 horas. IBGE 2013.

LIMA, Deborah de Magalhães. Ribeirinhos, Pescadores e a Construção da Sustentabilidade nas Várzeas dos Rios Amazonas e Solimões. In: **Boletim RedeAmazônia: Diversidade Cultural e Perspectivas Socioambientais**. Ano 3, n. 1, 2004.

MOLINA, Mônica Castagna. **Prefácio – Como se forma os sujeitos do campo? Idosos, Adultos, Jovens, Crianças e Educadores/** organizadores, Roseli Salete Caldart, Conceição Paludo, Johannes Doll – Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

MATHEUS. Andréia Cristina.; SILVA. Iranilde de Oliveira. Agroecologia e movimentos sociais no Estado do Rio de Janeiro: ensaiando interpretações dos processos coletivos, políticos e históricos. In: **Cadernos de discussão: Juventude, educação do campo e agroecologia**. Org. Lia Maria Teixeira. Rio de Janeiro: Outras Letras, 2011. 158p. ISBN 978-85-88642-40-9

NASCIMENTO, Adriane Suely Rodrigues do.; ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Práticas formativas na educação profissional: Perspectiva de um estudo na revista Trabalho & Educação do NETE/UFMG**. 2008. Artigo.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias** – e-revista.unioeste.br, vol. 2. Nº 3, 2008.

PLANK, David N. **Política Educacional no Brasil: caminhos para a salvação pública/** David N. Plank. – Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. ISBN 85-7307-840-5

SOUZA, Dayana Viviane Silva de. **Currículo e Saberes culturais das comunidades dos discentes Ribeirinhos do curso de Pedagogia das Águas de Abaetetuba – Pará**.

Dissertação de Mestrado. Mestrado em Educação do Programa de Pós- graduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará. 2011.

SILVA, Edna Lúcia da, **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** /organização: Edna Lúcia da Silva, Estera Muszkat Menezes. – 3. ed. rev. atual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.121p

SILVA. Silvana.; FLORES. Ana Flávia.; FERRANTE. Vera Lúcia Silveira Botta. *Entre flores e espinhos: A situação da juventude em duas regiões do estado de São Paulo*. In: Retratos de Assentamentos – **Revista do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural** (Nupedor) – UNIARA. Araraquara/SP. V. 15, n.1, 2012. 378p. INSS 1516-8182.

SOARES, Ana Maria Dantas. **Política Educacional e configurações dos currículos de formação de técnicos em agropecuária, nos anos 90: regulação ou emancipação**. Tese. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, da UFRRJ. 2003.

SOBRAL, Francisco José M. Retrospectiva Histórica do ensino agrícola no Brasil. In **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica v. 2, n. 2, (nov. 2009). – Brasília: MEC, SETEC, 2009. p.78-95

THOMPSON, Paul. **A entrevista** In: A Voz do Passado: História Oral. Editora Paz e Terra, RJ. 1992.

6 ANEXOS

ANEXO I



Roteiro de entrevista para pesquisa de mestrado de **Iranilde de Oliveira Silva**, estudante do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ, que tem o objetivo de “**Analisar formação na vida dos educandos que participarão do Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia, realizado pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará, via Programa Nacional de Ensino e Reforma Agrária – PRONERA.**”

Histórico de Vida

- Para iniciar a entrevista gostaria que você contasse um pouco da sua história de vida antes de ingressar no curso T. A. Agroecologia na EAFC/Pa.
- Gostaria que você pudesse comentar de que forma ficou sabendo do curso T. A. Agroecologia. E por que decidiu fazer o curso? Qual sua Expectativa?

Passando para a vivência do curso:

- Você poderia comentar como foi participar desta vivência, já que o curso tem uma metodologia diferenciada que é de Agroecologia. O que mais gostou? Teve dificuldades?
- O curso teve importância na sua formação de vida, na vida profissional?

Sobre a organização do Curso

- O curso é organizado em Tempo Escola e Tempo Comunidade com objetivo de integrar os conhecimentos, realizar as práticas na comunidade onde cada educando vive.
- Você poderia comentar se as disciplinas realizadas, sobre o seu ponto de vista elas conseguiam acompanhar os trabalhos coletivos que eram realizados nas atividades do Tempo comunidade? Fale sobre os aspectos positivos e negativos caso aja!
- De que forma eram organizados os trabalhos para o tempo comunidade?

Histórico sobre o Lote/espaco de produção agrícola

- Como se dava a prática agrícola no lote/unidade familiar de produção antes de ter participado do curso, e como está agora após o curso de Agroecologia.
- Vocês já trabalhavam de forma Agroecológica antes?
- O conhecimento adquirido com a prática agrícola na família, ajudou durante o curso? Conseguiu aprimorar conhecimentos prévios?
- O conhecimento Técnico que aprendeu durante o curso você conseguiu colocar em prática? Onde?

Pós- curso

- E hoje quais são suas atividades atuais – trabalha, estuda?

- A participação em um curso que foi demandado por uma organização social que tinha expectativa de formação de profissionais para atuar nas comunidades e organizações, qual a sua contribuição pós-curso para estes, do seu ponto de vista você conseguiu dar algum retorno?

ANEXO II



Roteiro de entrevista para pesquisa de mestrado de **Iranilde de Oliveira Silva**, estudante do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ, que tem o objetivo de “**Analisar formação na vida dos educandos que participarão do Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia, realizado pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará, via Programa Nacional de Ensino e Reforma Agrária – PRONERA.**”

Questionário para os Movimentos Sociais

- Por que a opção de um curso Técnico com ênfase em Agroecologia?
- Em relação à seleção dos educandos houve algum critério na comunidade ou organização contemplada para participar do projeto PRONERA/EAFC
- Ao pensar na formação dos jovens, havia uma expectativa e após o curso, na sua visão, houve algum impacto para a comunidade ou na organização social?
- Em relação aos jovens/egressos como a organização os vê atualmente? Acreditam que o objetivo da formação foi atingido?
- Como se deu o acompanhamento do curso com a EAFC/PA

Para o MORIVA (específico)

- Como a organização ficou conhecendo o curso?
- O MORIVA tem outras demandas de curso?

ANEXO III



TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, EU, abaixo firmado (a) e identificado (a), autorizo, graciosamente, a **Iranilde de Oliveira Silva sob nº de matrícula 2011233150002-5 aluna do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ)**, a utilizar minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido e, além de todo e qualquer material entre fotos e documentos por mim apresentados, para compor primariamente, no material em texto desenvolvido para a Dissertação de Mestrado e artigos afins de divulgação.

A presente autorização abrange os usos acima indicados assim como em mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros) como também em mídia eletrônica (programas de rádio, podcasts, vídeos e filmes para televisão aberta e/ou fechada, documentários para cinema ou televisão, entre outros), Internet, Banco de Dados Informatizado *Multimídia*, “home video”, DVD (“digital video disc”), suportes de computação gráfica em geral e/ou divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus a Estudante assim como a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro que poderão utilizá-los em todo território nacional e no exterior.

As obras que utilizarem as imagens, sons, nomes e dados biográficos objetos da presente Autorização, poderão ser disponibilizadas, a exclusivo critério da Estudante e da UFRRJ, através da licença [Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brasil](#), ficando certo que o presente documento autoriza essa forma de licenciamento.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos a minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____/PA, ____ de _____ de 2013.

Assinatura

Nome:
Endereço:
Cidade:
RG Nº:
CPF Nº:
Telefone para contato:
Nome do Representante Legal (se menor):

ANEXO IV



CARTA DE APRESENTAÇÃO

Sou **Iranilde de Oliveira Silva**, estudante do Mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGEA/UFRRJ), sob número de matrícula 201123150002-5.

Para minha dissertação a grau de mestre estou realizando uma pesquisa que tem o objetivo de Analisar a formação realizada aos Egressos do Curso Técnico em Agropecuária com ênfase em Agroecologia, via Programa Nacional de Educação à Reforma Agrária (PRONERA) realizando pela Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará nos anos de 2006 a 2009. E estou sendo orientada pela Prof^a Sandra Barros Sanchez.

Como metodologia a pesquisa está sendo realizada com entrevistas gravadas junto aos egressos e lideranças dos movimentos sociais envolvidos no curso e com a EAFC/Pa. Tendo como base nas entrevistas um questionário semi-estruturado que contribuirá na análise dos dados a serem utilizados. As entrevistas precisam de autorização escrita e assinadas por cada entrevistado.

As entrevistas irão apenas ser utilizadas para fins da pesquisa do mestrado, e divulgação das mesmas em: revistas, periódicos, congressos e artigos científicos sendo apenas para fins de pesquisa.

Endereço e contatos do PPGEA/UFRRJ.

BR 465 - Km 7 - Seropédica - RJ - Brasil - 23897-000,

Página na internet: ppgea@ufrj.br

Tel: (21) 3787-3741

Atenciosamente,

Assinatura

Contatos: xxxxxxxx@hotmail.com; Tels: (021) XXXXXXXX

ANEXO V

Trabalhos publicados e apresentados a partir da pesquisa

A formação técnica com ênfase em agroecologia para jovens e adultos dos movimentos sociais no Pará: a experiência do curso técnico em agropecuária via Pronera 2006 a 2009. VI Jornada de Estudos em Assentamentos Rurais Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas – FEAGRI/UNICAMP 19 – 21 de junho de 2013. Apresentação Oral. Publicado em Anais.

Formação em agroecologia: uma estratégia para o desenvolvimento local e permanência da juventude no campo no estado do Pará. III Encontro Internacional de Agroecologia “Redes para a Transição Agroecológica no Brasil e América Latina” 31 de julho a 03 de agosto de 2013. Apresentação em Pôster.

Perspectivas e limitações na formação de jovens do campo – uma análise na turma Pronera 2006 a 2009 da antiga Escola Agrotécnica Federal de Castanhal – Pará. VI simpósio Internacional de Geografia Agrária, VII simpósio de Nacional de Geografia Agrária, I Simpósio de geografia das Águas. 22 a 26 de setembro de 2013. João Pessoa – PB.

Pedagogia da alternância fortalecendo o ensino técnico profissionalizante para jovens dos movimentos sociais no estado do Pará. **Mostra Nacional de Iniciação Científica e Tecnológica Interdisciplinar – VI MICTI. 30 a 31 de Outubro de 2013. Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. Apresentação Oral.**

Juventude e agroecologia – caminhos que se encontraram na Escola Agrotécnica Federal de Castanhal do Pará em busca de sustentabilidade ambiental em áreas de reforma agrária. Extenso 2013 – I Congreso de Extensión de la AUGM – Montevideo, Uruguay. De 6, 7 e 8 de Novembro de 2013. Disponível no site. <http://www.extension.edu.uy/extenso>.